

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

Christian Jordino Antonio Ferreira Alves da Silva

**CINE GLOBO DE TRÊS PASSOS:
UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

Rio de Janeiro

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

Christian Jordino Antonio Ferreira Alves da Silva

**CINE GLOBO DE TRÊS PASSOS:
UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Talitha Ferraz

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A474c Alves Da Silva, Christian Jordino Antonio Ferreira
Cine Globo de Três Passos: : uma história de resistência
/ Christian Jordino Antonio Ferreira Alves Da Silva ; Talitha
Ferraz, orientadora. Niterói, 2022.
139 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGCine.2022.m.04293416790>

1. Cinema de rua. 2. Histórias de cinemas. 3. Cinema de
calçada. 4. Sala de exibição. 5. Produção intelectual. I.
Ferraz, Talitha, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL



PPGCINEUFF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Ata de Defesa do mestrando **Christian Jordino Antonio Ferreira Alves da Silva**, na forma em que se segue:

Aos 09 dias do mês de setembro de dois mil e vinte e dois às 15 horas, na sede do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual, a Rua Alexandre Moura, nº 8, Bloco A, São Domingos – Niterói/RJ (banca formada por videoconferência), instalou-se a banca examinadora da dissertação de Mestrado em Cinema e Audiovisual de **Christian Jordino Antonio Ferreira Alves da Silva** formada pelos seguintes professores doutores: Talitha Ferraz (orientadora - presidente da banca), João Luiz Vieira (UFF), Joel Felipe Guindani (UFSM). Abertos os trabalhos, a presidente da banca passou a palavra ao aluno para que expusesse oralmente o seu trabalho, intitulado: "**Cine Globo de Três Passos: uma história de resistência**". Feita a exposição, a presidente da banca passou a palavra aos outros membros para que comentassem o trabalho e arguissem o aluno, para a seguir também comentar o trabalho e as observações feitas pelos professores. Feitos os comentários e arguições, a banca se reuniu e emitiu o seguinte parecer:

A banca destaca a qualidade da dissertação quanto à abordagem – por meio de uma metodologia que combina história oral, observação participante e pesquisa em material de arquivo – do objeto Cine Globo, tendo em vista o exame das particularidades de sobrevivência e resistência deste cinema de rua nos contextos socioculturais, econômicos, "rururbanos" e políticos da cidade de Três Passos. Os avaliadores parabenizam o autor pela localização do caso do Cine Globo no âmbito dos estudos da economia criativa e sugerem aproximá-lo em futuras pesquisas da noção de inovação social, em razão da constatação de seu potencial econômico somado a dimensões de valor simbólico e laços de pertencimento e solidarização local. A banca também ressalta a estrutura analítica da dissertação elaborada através de três eixos (econômico, tecnológico e social), assim como a consistência e a organicidade do referencial teórico ligado aos estudos de história oral, histórias de cinemas, memória, nostalgia e arqueologia das mídias.

Assim, a banca considerou o aluno **APROVADO (x) NÃO APROVADO ()**.

Nada mais havendo, foram encerrados os trabalhos e eu, Talitha Ferraz, lavrei a ata que vai por mim assinada e pelos demais membros da banca


Talitha Ferraz (UFF)


João Luiz Vieira (UFF)


Joel Felipe Guindani (UFSM)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria viável sem o apoio incondicional da Família Levy e da gestão do Cine Globo Cinemas. A Vilma Levy e a Levy Filho, o meu sincero obrigado. A pesquisa se estendeu para além dos registros privados da família e as incursões aos arquivos da Prefeitura de Três Passos permitiram a consulta de documentos que nos levaram a muitas questões. Meus agradecimentos aos funcionários que se empenharam nessa busca. O amplo acesso ofertado pelo jornal *Atos e Fatos* a seu arquivo de publicações foi inestimável para estabelecer cronologias. Agradeço a Jerônimo Breitenbach pela acolhida e a Carlos Roberto Grün pela parceria nessa investigação. Fundamental também foi o acesso ao arquivo do Movimento Pró-Arte que nos permitiu trafegar pelas décadas de 1990 e 2000, anos com poucas informações escritas sobre o cinema na cidade. Agradecimento especial a Henrique Lahude, criador do projeto *#Cidade Cinematográfica*, e a Juarez Braga Zamberlan, produtor do filme *Cine Globo: uma vida de cinema*, pelo constante apoio desde os primeiros passos desta pesquisa. Todo o meu carinho aos integrantes do coletivo do *Festival de Cinema de Três Passos* pela forma como me receberam e ajudaram no trabalho de campo.

Agradecimento mais do que especial a todas e todos que gentilmente cederam suas memórias e histórias para a construção deste texto: Roberto Levy, Therezinha Bindé de Araújo, Bazilio Bourscheid, Evaldino Schmitt, Elvídia Zamin, Juarez Braga Zamberlan, Vilma Levy, Carlos Roberto Grün, Eduardo Moeller, Nelson Brauwiers, Ivânio Dalagno, José Carlos Amaral, Jorge Dickel, André Luís Blum, Deca Maria Krugel, Andreia de Quadros, Levy Filho, Luís Levy, Vinícius de Araújo e Gilberto Levy.

Esta pesquisa, iniciada e concluída às voltas com a pandemia Covid-19, se mostrou um grande desafio. Agradeço aos docentes e discentes do PPGCine-UFF pela constante troca mesmo durante o recesso de aulas. É necessário um agradecimento cordial a professora Eliany Salvatierra, pela criação do *Encontros PPGCine: Metadiálogos* que foi de importância ímpar nesse momento de ausências. Assim como foi precioso o *I Simpósio Discente do PPGCine* que permitiu uma reaproximação com nossas pesquisas, após o longo período pandêmico. Muito obrigado a Andréia de Lima, Felipe Davson, Leonardo Barros, Pablo Rossi, Sancler Ebert e Vanessa Rodrigues que acreditaram na ideia e embarcaram na comissão organizadora. Por fim, quero agradecer a Talitha Ferraz, orientadora desta dissertação, por me guiar nessa jornada tortuosa.



Dedicado a Roberto Langner Levy, que através da paixão pelo Cine Globo ajudou a escrever a história da exibição cinematográfica em Três Passos.

*Eu construí isso aqui para ser cinema,
não pode ser outra coisa.*

Alberto Abraão Levy

RESUMO

Este trabalho pretende investigar como (quais) fatores sociais, políticos, culturais, geográficos, econômicos e tecnológicos possibilitaram a permanência do Cine Globo, um cinema de rua, construído na década de 1950, em Três Passos, cidade com pouco mais de 23 mil habitantes, no interior do Rio Grande do Sul e que segue em funcionamento até os dias atuais, com projeção Digital e 3D, atuando exclusivamente como casa de exibição cinematográfica. Partindo da perspectiva dos estudos de histórias de cinemas, da *New Cinema History*, da Arqueologia das Mídias e do conceito de Indústria Criativa, iremos analisar como esses fatores contribuíram para a persistência e manutenção da sala de cinema, constantemente ameaçada de fechamento, inclusive no contexto atual de pós-pandemia Covid-19. Por fim, esperamos contribuir com os estudos de histórias de cinemas e da *New Cinema History*, fornecendo subsídios e informações para futuras pesquisas no campo que ainda é vasto e pouco explorado. São muitas as histórias de cinemas a serem investigadas no Brasil. Esperamos com esta pesquisa instigar o leitor à escrita de sua própria história de cinema.

Palavras Chave: Cinema; cinema de rua; cinema de calçada; sala de exibição; histórias de cinemas; Três Passos.

ABSTRACT

This research aims to investigate how (which) social, political, cultural, geographical, economic and technological factors made the permanence of Cine Globo, a street cinema, built in the 1950s, in Três Passos, a city with just over 23,000 inhabitants, in the interior of Rio Grande do Sul and that is still in operation to the present day, with digital and 3D projection, acting exclusively as a cinematic exhibition home. Starting from the perspective of studies of *histórias de cinemas*, New Cinema History, Media Archaeology and the concept of creative industries, we will analyze how these factors contributed to the persistence and maintenance of the movie theater, constantly threatened with closing, even in the current context of postpandemia Covid-19. Finally, we hope to contribute to the studies of *histórias de cinemas* and New Cinema History, providing subsidies and information for future research in the field that is still vast and little explored. There are many cinemas stories to be investigated in Brazil. We hope with this research to instigate the reader for the writing of their own film history.

Keywords: Cinemas; cinema memory; sidewalk cinemas; cinemas stories; Três Passos.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES | 11 |
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 Referencial teórico..... | 15 |
| 1.2 Metodologias de pesquisa e análise..... | 22 |
| 1.3 Ida a Três Passos: o trabalho de campo | 26 |
| 2. UMA VIDA COM CINEMA | 31 |
| 3. CINE GLOBO DE TRÊS PASSOS | 44 |
| 3.1 Primeiros anos: Bertin & Levy | 49 |
| 3.2 Roberto Levy: o Sr. Persistência | 56 |
| 3.3 Levy Filho, o digital e a rede Cine Globo Cinemas | 73 |
| 4. ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA | 85 |
| 4.1 O cinema segundo os Levy..... | 86 |
| 4.2 Relações com o poder público e a tecnologia..... | 105 |
| 4.3 Um festival de amor ao cinema | 120 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 131 |
| 6. BIBLIOGRAFIA | 136 |
| 7. CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS | 139 |

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Exibição do filme <i>Cine Globo: uma vida de cinema</i> (8/11/2018)..... | 06 |
| Figura 2: Bastidores do filme <i>Cine Globo: uma vida de cinema</i> | 42 |
| Figura 3: Vista frontal do projeto original do cinema em 17/9/1954..... | 44 |
| Figura 4: Detalhe da planta original de 1954..... | 45 |
| Figura 5: Lateral esquerda do cinema (05/10/2021)..... | 47 |
| Figura 6: Jornal <i>Atualidades</i> de 23 de junho de 1995..... | 48 |
| Figura 7: Fotografia da década de 1950 com o antigo cinema..... | 49 |
| Figura 8: Fotografia aérea de Três Passos no ano de 1956..... | 54 |
| Figura 9: Jornal <i>Atos e Fatos</i> de 18/11/2011..... | 57 |
| Figura 10: Roberto (á direita) na cabina de projeção do Cine Globo..... | 58 |
| Figura 11: Cine Globo lotado, em sessão da década de 1960..... | 60 |
| Figura 12: Cine Odeon na década de 1980..... | 65 |
| Figura 13: Roberto Levy na entrada do Cine Globo..... | 71 |
| Figura 14: Capa do <i>Atos e Fatos</i> sobre o 1º FCTP..... | 77 |
| Figura 15: Reportagem sobre a inauguração do 3D na cidade..... | 78 |
| Figura 16: Jornal <i>Atualidades</i> destaca a nova sala de espera..... | 79 |
| Figura 17: Fanpage destaca nova sala em Ijuí..... | 82 |
| Figura 18: Fachada do Cine Globo na década de 1990..... | 86 |
| Figura 19: Pornochanchada em cartaz no Cine Globo..... | 93 |
| Figura 20: Novo palco do cinema em 1995..... | 97 |
| Figura 21: Fachada do Cine Globo com a frente alugada..... | 101 |
| Figura 22: Publicidade dos produtos para entrega em 2020..... | 104 |
| Figura 23: Capa do <i>Atos e Fatos</i> com a estreia do 3D..... | 106 |
| Figura 24: Página dupla sobre o festival de cinema em 2014..... | 123 |
| Figura 25: Colagem de jornais sobre o #Cidade Cinematográfica..... | 124 |

1. INTRODUÇÃO

Quando essa pesquisa foi iniciada, em meados de 2019, os desafios de se estudar um objeto em constante movimento, no caso um cinema de rua em plena atividade, já eram muitos, porém as mudanças drásticas na forma de viver em sociedade, que ocorreram a partir de março de 2020¹, devido à escalada da pandemia do Covid-19 no Brasil, tornaram os rumos desse trabalho imprevisíveis. Passados pouco mais de dois meses desde que o Governo Federal decretou o fim do estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin)², profissionais de saúde e cientistas ainda monitoram a situação no país, enquanto discutem medidas de transição pactuadas com o Ministério da Saúde. O temor dos especialistas é que a população abandone o esquema vacinal³, principalmente em cidades do interior, e que isso contribua para novas mutações e um aumento no número de casos. Um cenário que aparenta ser mais de incertezas do que de certezas. A única certeza, nesses dias, é a de que o Cine Globo de Três Passos ainda resiste.

Resistência. Essa palavra pode ser usada para definir a trajetória da família Levy na manutenção do cinema localizado no interior do Rio Grande do Sul e que segue em funcionamento, apesar das diversas crises econômicas, tecnológicas e culturais que se abateram na indústria de exibição cinematográfica no Brasil, desde a inauguração do Cine Globo, em meados da década de 1950 (GONZAGA, 1996).

Construído por Alberto Abraão Levy, em terreno adquirido para essa finalidade, o edifício de dois andares foi projetado para abrigar a projeção cinematográfica. Com seus 340 lugares, o cinema está situado na principal avenida da cidade de Três Passos, podendo assim ser enquadrado como “cinema de rua”, como falado no Rio de Janeiro, ou “cinema de calçada”, como preferem os gaúchos (ZANELLA, 2006). Essa denominação passa a ser usada para diferenciar esses das salas instaladas dentro de galerias comerciais e que não possuem entrada e fachada diretamente ligadas à calçada. Atualmente, o Cine Globo, de Três Passos, faz parte da rede Cine Globo Cinemas que opera outras quatro salas no interior gaúcho.

¹ Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, regulamenta o estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin). Organização Mundial de Saúde (OMS) decreta a pandemia do corona-vírus em 11 de março de 2020. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>>. Acesso em 30/06/2022.

² Portaria GM/MS 913, de 22 de abril de 2022, que declarou o encerramento da ESPIN, entrou em vigor em 22 de maio de 2022. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-913-de-22-de-abril-de-2022-394545491>>. Acesso em 30/06/2022.

³ Disponível em <<https://saude.abril.com.br/medicina/em-meio-a-aumento-de-casos-de-covid-19-quarta-dose-da-vacina-e-ampliada/>>. Acesso em 30/06/2022.

Com economia predominante voltada para a atividade agropecuária e compondo a chamada Região Celeiro⁴, Três Passos⁵ está próximo da fronteira com a Argentina, no noroeste do estado, e distante 472 quilômetros da capital Porto Alegre. Uma cidade do interior do Brasil onde a vida tem ritmo próprio, dez carros formam um engarrafamento e as pessoas ainda se reconhecem através de apelidos e parentescos. Nesse cenário, a longevidade do Cine Globo, mantido por uma administração familiar, sem patrocínio estatal ou privado, atuando exclusivamente como casa de exibição cinematográfica, reformado e com projeção 3D, se mostra um ponto fora da curva quando comparado ao panorama nacional.

Dados de 2019, do *Informe de Mercado do Segmento de Salas de Exibição*⁶, publicado pela Ancine (Agência Nacional do Cinema) revelam que Três Passos é um dos 170 municípios brasileiros, na faixa de análise de 20.001 a 100 mil habitantes, de um total de 1.450, que possuem ao menos um cinema. A faixa de análise que vai até 20 mil habitantes, realidade populacional mais próxima a de Três Passos, compreende 3.796 municípios e somente seis deles possuem ao menos uma sala de exibição, ou seja, 0,2% do total.

A agência publicou o mesmo informe com dados referentes a 2020, mas, devido ao impacto que a pandemia teve no parque exibidor, esses números não foram considerados nesta pesquisa. Segundo a Ancine, “a bilheteria ficou concentrada nos primeiros meses do ano, quando as salas de cinema ainda funcionavam normalmente. À medida que os indicadores da pandemia pioravam, a bilheteria diminuiu, até que a atividade das salas foi totalmente interrompida na semana cinematográfica de número 12, no final de março de 2020”.

A reabertura dos cinemas em todo o país vem acontecendo de forma gradual, desde abril de 2021, mas ainda segue condicionada à capacidade de enfrentamento da pandemia e ao ritmo de vacinação em cada cidade. Doutora em Epidemiologia e professora titular da Ufes, Ethel Maciel se mostra preocupada com a chegada do inverno em 2022. “Ainda que muitos não queiram ouvir, ou se neguem a entender, o vírus não se importa com nosso cansaço e segue evoluindo. É vital fazer a nossa parte, aos primeiros sintomas procurar o teste e fazer o isolamento, vacinar e usar máscara. Afinal: A PANDEMIA CONTINUA!⁷”.

⁴ Região administrativa do estado do Rio Grande do Sul, que compreende 21 municípios, sendo que apenas Três Passos possui sala de cinema. <<http://www.amuceleiro.com.br/?pg=lista-municipios>>. Acesso em 30/06/2022.

⁵ Três Passos tem população estimada de 23.799 habitantes, no ano de 2021, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tres-passos/panorama>>. Acesso em 30/06/2022.

⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos/pdf/informe_exibicao_2019.pdf>. Acesso em 30/06/2022.

⁷ Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/colunas/ethel-maciel/com-nova-onda-de-covid-as-duvidas-que-chegam-pelas-minhas-redes-sociais-0622>>. Acesso em 30/06/2022.

Observando apenas o recorte do número de municípios que possuem salas de exibição, apresentados anualmente pela Ancine, a permanência do Cine Globo, resistindo desde a década de 1950, provoca questionamentos. Com o fechamento obrigatório das salas em virtude da pandemia do Covid-19, de março de 2020 até abril de 2021, é interessante constatar que o empreendimento da família Levy tenha conseguido superar mais essa adversidade. Na capital Porto Alegre, o tradicional Cinema Guion encerrou suas atividades, em setembro de 2021 e, na carta de despedida⁸, seus administradores apontam a pandemia como fator derradeiro de uma crise que se arrastava ao longo dos últimos anos.

Ao contrário do que possa parecer, o Guion fará mais falta aos fiéis frequentadores que para nós. Para que não nos interpretem mal, manter uma empresa representa abnegação, comprometimento e investimento. A interferência do estado na venda do ingresso (meia-entrada), na programação (através da cota de tela – embora este governo tenha reduzido muito a obrigatoriedade), entre outros, são grandes complicadores. Há anos que venho trabalhando isso na minha mente (Carlos Schmidt, 2021).

Com experiência de quatro décadas atuando como programador, Carlos Schmidt elenca as constantes mudanças tecnológicas como um fator determinante para o agravamento da crise financeira que fez o negócio familiar ser interrompido após 26 anos. “O obsolescência que a globalização produz é dramático. Temos três projetores de 35 mm que nos custaram US\$ 60 mil cada um”, reclama, sem saber se conseguirá vender os projetores para recuperar parte do investimento. As três salas de cinema funcionavam dentro do Guion Center, um complexo que inclui galeria de arte, café bistrô e uma loja que vende livros, CDs e DVDs. A busca por diversificar o negócio, para não depender apenas da receita de bilheteria, não evitou o fim do tradicional cinema porto-alegrense.

Pesquisa⁹ realizada pelo Itaú Cultural, em parceria com o Instituto Data Folha, parece corroborar a afirmação de Carlos Schmidt sobre a falta que o Guion fará aos seus frequentadores. Quando perguntados sobre qual atividade cultural mais sentiram falta durante a pandemia, 67% dos entrevistados citaram as salas de cinema. Desde a volta do público em fins de abril de 2021, o Cine Globo segue com sessões diárias e lutando para não ter o mesmo destino que o Guion.

Então, essa é a questão central deste trabalho: Como um cinema fundado em meados do século XX, numa pequena cidade do interior do país, consegue alcançar 2022, em pleno

⁸ Site do cinema: <<https://guion.com.br/noticias-eventos/encerramento-cinema-guion/>>. Acesso em 30/06/2022.

⁹ Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/pesquisa-cinema-atividade-cultural-pandemia/>>. Acesso em 30/06/2022.

funcionamento, superando o período pandêmico, sem contar com patrocínio estatal ou privado e tendo como atividade fim a projeção cinematográfica? Uma questão que levanta outras questões tão pertinentes quanto.

Quais estratégias foram e são utilizadas pelos gestores ao longo dessas sete décadas? Que papel teve o poder público municipal nesse processo? Existe algum impacto das políticas públicas federais de incentivo à cultura na manutenção do cinema? De que forma as ações realizadas pelos coletivos e pelas associações civis da cidade fomentaram a criação de plateia? Qual a relevância dos constantes avanços tecnológicos como, por exemplo, a projeção Digital e o 3D, na atração dos filmes? E, por fim, qual a importância da gestão familiar nessa longa trajetória do Cine Globo? Questões que pretendemos investigar ao longo deste texto. Para tal, a liberdade para associar e dialogar com autores e ideias de diversos campos do conhecimento é imprescindível (ABREU, 2005).

1.1. Referencial teórico

Dentro da grande área de pesquisa que compõe o campo do Cinema e Audiovisual, este trabalho se insere junto aos estudos das histórias de cinemas, desenvolvidos no Brasil, e guarda aproximações com a *New Cinema History*, nos Estados Unidos e na Europa, e que emergem como desdobramento das discussões acerca da revisão de conceitos estabelecidos e cristalizados, pela Grande História do Cinema, ao longo das primeiras décadas do século XX, que eram concentrados na análise fílmica e no evolucionismo tecnológico.

Discussões como as provocadas por Robert C. Allen e Douglas Gomery (1985) que propõe um olhar mais crítico e desconfiado para livros e textos que conformaram bases e marcos dessa História do Cinema, e que instigam alunas e alunos a escreverem uma história do cinema em nível local. “Na verdade, fazer a história do cinema é a melhor maneira de descobrir que os historiadores do cinema não são divindades infalíveis, mas apenas mortais curiosos¹⁰” (ALLEN, GOMERY, 1985, p.4).

Allen (1990) não considera esses como meros exercícios de sala de aula, entendendo que analisar a história local da exibição e da recepção é fundamental para evitar outra vez uma visão totalizante e evolutiva da narrativa, o que poderia acontecer se as pesquisas só fossem desenvolvidas em grandes cidades, como Nova Iorque.

¹⁰ Actually doing film history is the best way we know to discover that film historians are not infallible deities, but merely inquisitive mortals (Do original - ALLEN, GOMERY, 1985, p.4).

Richard Maltby (2011) destaca a importância de trabalhos que não foquem apenas na análise dos filmes ou na relação entre filme e audiência, ou seja, nos estudos de recepção, mas que busquem analisar o cinema como um local social e cultural, dentro de um contexto ampliado, observando, por exemplo, o desenvolvimento urbano, as taxas de desemprego e o sistema de transporte. Para esses pesquisadores o ato de ir ao cinema não deve ser pensado somente na atração que os filmes têm sobre as audiências e, sim, ampliar essa visão para uma variada tomada de decisões que vão, por exemplo, desde a escolha do filme, de a qual cinema ir, do melhor dia e horário, ou mesmo, de como ir: se de transporte público, a pé ou de carro (FERRAZ, 2017a). Com trajetória recente¹¹, os estudos filiados ao *New Cinema History* possuem caráter multidisciplinar e, por isso, agregam ao campo do Cinema e Audiovisual metodologias de pesquisa e análise pouco usuais.

Nas suas análises, os teóricos da *New Cinema History* se debruçam sobre uma variedade de fontes: plantas de cinemas, programas, materiais publicitários, registros de bilheteria, revistas de fãs, dentre outras. Em virtude disso, eles procuram desenvolver maneiras de armazenar e, posteriormente, examinar a grande quantidade de informações coletadas. Além de metodologias como a etnografia e a história oral, os investigadores também recorrem ao desenvolvimento de bancos de dados e à elaboração de mapas (GONÇALVES CABRERA; BRANDÃO; EBERT, 2021, p.200).

No Brasil, esse cenário não é muito diferente, com pesquisadores de diversos campos interessados sobre as questões que envolvem os cinemas de rua – ou cinemas de calçada, como o Cine Globo de Três Passos. A percepção de que o número de trabalhos relacionados ao tema vem ganhando destaque no meio acadêmico motivou discentes do PPGCine¹², da UFF, a fazerem um levantamento das dissertações e teses defendidas em instituições públicas e particulares no Rio de Janeiro.

Apesar desse expressivo crescimento, consideramos que os estudiosos que se dedicam à análise das salas de cinema nacionais dialogam muito pouco entre si. Na maioria das vezes, por não terem conhecimento sobre o que está sendo produzido ao redor do país, pois, como veremos posteriormente, as pesquisas são provenientes de diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, a proposta deste artigo é a de ser um primeiro movimento para preencher essa lacuna. Com ele, nós procuramos iniciar uma sistematização de dados, mapeando as pesquisas sobre salas de cinema desenvolvidas nos cursos de pós-graduações *stricto sensu* do Estado do Rio de Janeiro (GONÇALVES CABRERA; BRANDÃO; EBERT, 2021, p.198).

¹¹ A nomenclatura *New Cinema History* surgiu, em dezembro de 2007, durante as discussões da *The Glow in their Eyes: Global Perspective on Film Cultures, Film Exhibition and Cinema-going Conference*, que aconteceu no *Centre for Cinema and Media Studies* da Ghent University, Bélgica. (GONÇALVES CABRERA; BRANDÃO; EBERT, 2021, p.199).

¹² Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine/UFF). <<https://ppgcine.cinemauff.com.br/>>. Acesso em 30/06/2022.

Considerado por seus pares um pioneiro no estudo de salas de cinema no país, o professor João Luiz Vieira, em aulas ministradas na UFF, tanto na graduação quanto na pós-graduação, segue instigando gerações de pesquisadoras e pesquisadores a se aventurarem nos estudos das histórias de cinemas, no minúsculo e no plural, como ele costuma nomear – tal qual Robert C. Allen fez com suas turmas nos Estados Unidos¹³.

O que tenho chamado, de forma modesta, de *histórias de cinemas* pode ser configurado como uma estratégia metodológica onde o circuito fílmico não exclui e nem poderia excluir os filmes, mas vai além para incorporar suas complexas e variadas condições de recepção. Estas, por sua vez, caracterizadas por diferenças regionais, incluindo a conformação de seu público, com hierarquias de classe social, gênero, etnia, idade ou educação, entre outras marcas identitárias. Sem dúvida, trata-se de uma empreitada teórico-prática de natureza transdisciplinar que joga luz sobre a trajetória paralela da formação de públicos e das transformações culturais, tecnológicas e mercadológicas do cinema (VIEIRA in: BRUM; BRANDÃO, 2021, p.7).

Publicado na década de 1990, quando muitos cinemas de rua, na cidade do Rio de Janeiro, estavam cerrando suas portas, o trabalho de Alice Gonzaga, *Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro*, vai além do interesse dentro do campo acadêmico, se transformando em item de colecionador e peça indispensável nas estantes de cinéfilos cariocas. Sem a pretensão de por fim ao assunto, Gonzaga (1996) faz um mapeamento não só das salas em si, mas também das empresas distribuidoras e exibidoras que, em muitos casos, se aproximam do formato de gestão familiar praticado pelos Levy, em Três Passos.

A segunda década do século XXI é marcada por uma considerável crescente nas dissertações e teses relacionadas às salas de exibição, nos cursos de pós-graduação, do estado do Rio de Janeiro, sendo que quinze foram defendidas, na década de 2000, enquanto que na década de 2010, esse número mais do que dobrou, chegando a 39 (GONÇALVES CABRERA; BRANDÃO; EBERT, 2021). Alguns trabalhos escritos nesta segunda década serviram de inspiração para o início desta pesquisa como a tese de Márcia Bessa (2013) sobre o fim dos palácios cinematográficos na cidade e o livro de Rafael de Luna Freire (2012) que aborda a exibição em Niterói.

Com capacidade de se comunicar com o público leigo, cinéfilos, cineastas ou apenas curiosos sobre o tema, o livro *A segunda Cinelândia carioca*, de Talitha Ferraz, publicado em 2012, foi a porta de entrada deste autor para os estudos sobre cinemas de rua e, não por acaso, Talitha é a orientadora desta dissertação. Os trabalhos seguintes de Ferraz não buscaram focar

¹³ Estudo encomendado pela Embrafilme resultou na escrita de “Espaços do sonho: cinema e arquitetura no Rio de Janeiro”, de 1983, em conjunto com Margareth Campos Pereira, e referência para quase todos os trabalhos posteriores sobre salas de cinema, realizados no Rio de Janeiro.

somente na historiografia das salas ou sua relação geográfica e social com o entorno (FERRAZ, 2015), mas dando também destaque à memória das audiências (FERRAZ, 2017a) e, em sequência, se aprofundando na percepção de como a nostalgia pode funcionar como um mecanismo em prol da luta pela manutenção de equipamentos culturais que tenham relevância para determinado grupo social (FERRAZ, 2017b).

Desde a década de 1990, coletivos e associações civis, em Três Passos, desenvolvem ações e estratégias para aproximar o público do Cine Globo, com o intuito de evitar ou protelar o fechamento do único espaço exclusivamente voltado para a cultura da região.

Notamos que o viés nostálgico presente na fala de alguns entrevistados conectava-se tanto a questionamentos a respeito do papel dos cinemas na vida contemporânea das cidades quanto a pensamentos vigorosos acerca da responsabilidade da sociedade civil na produção de uma vida comunitária mais ativa que contasse com os equipamentos de exibição como espaços de democratização do acesso ao audiovisual e elos de reforço de laços de sociabilidade. Paralelamente a esses relatos, percebemos a existência de uma série de acontecimentos, atos e lutas micro e macro políticas promovidos pelas audiências; tais engajamentos pareciam ter como pano de fundo a “memória da ida ao cinema” e uma intensa evocação emotiva e afetiva relacionada à falta que os equipamentos de exibição fazem ou poderiam fazer na vida das pessoas (FERRAZ, 2017b, p.124).

Assim como nas entrevistas conduzidas por Ferraz, com integrantes do Movimento Cine Vaz Lobo¹⁴ (FERRAZ, 2017b), os moradores de Três Passos, envolvidos nas ações em prol da manutenção do Cine Globo, principalmente desde o ressurgimento do Movimento Pró-Arte, em 2013, partem de um sentimento que podemos considerar como nostálgico, ativado pelas memórias das idas ao cinema, e que alimenta uma motivação que serve de combustível para a formação de coletivos e desenvolvimento de estratégias visando o futuro do cinema e não revivendo os tempos passados.

O que a nostalgia faz é nos permitir ser alegres e criativos, além de ser uma forma individual e coletiva de aliviar a dor do espaço, do tempo e da perda pessoal. Torna possível confrontar a irreversibilidade do tempo, nossa finitude e a nostalgia permite que os seres humanos se (re-)conectem uns com os outros (NIEMEYER, 2018, p.39).

Normalmente, pelo senso comum, a nostalgia é relacionada a uma tristeza profunda causada pela falta de algo do passado e como sendo um sentimento negativo, mas para

¹⁴ A contínua luta em prol da manutenção do prédio do antigo cinema, a formação do Movimento Cine Vaz Lobo e a história do cinema são temas de dois documentários realizados pelo cineasta Luiz Claudio Lima, do Coletivo Cineclube Subúrbio em Transe, e que estão disponíveis no canal do grupo no YouTube.

Fanpage: <<https://pt-br.facebook.com/filmecinevazlobo/>>. Acesso em 30/06/2022.

Cine Vaz Lobo: O Esplendor do Subúrbio: <<https://www.youtube.com/watch?v=gQ0nGAlzdqM>>. Acesso em 30/06/2022.

Cine Vaz Lobo [2019] (versão estendida): <<https://www.youtube.com/watch?v=Krmv4T4w-Fw>>. Acesso em 30/06/2022.

Katharina Niemeyer (2018) a nostalgia também está associada a pensamentos sobre os tempos presente e futuro se afastando dessa definição negativa do senso comum que a aproxima do saudosismo e do lamento. Niemeyer ainda defende que “a nostalgia é poderosa e, acima de tudo deve ser rotulada de “nostalgias” com “s”, sustentando a pluralidade de suas formas, expressões e significados” (NIEMEYER, 2018, p.29).

Ao contrário do Vaz Lobo que está desativado desde 1986 e enfrenta o real perigo de desaparecer, o cinema de Três Passos segue em atividade, mas o sentimento de falta foi experimentado pelos moradores da cidade nos breves períodos em que o cinema esteve fechado, nas décadas de 1990 e 2000 e, recentemente, durante as obras de adaptação para receber a projeção Digital, no ano de 2014.

Funcionando desde 1955, no mesmo edifício, o Cine Globo é tanto testemunha quanto personagem das mudanças tecnológicas na forma de assistir e fazer cinema. Resistindo ao tempo, o cinema dos Levy coexiste e interage com diversas tecnologias como a televisão, o VHS, o DVD, a TV a cabo e o próprio 3D que hoje faz parte da realidade da exibição em Três Passos. A internet, por exemplo, é fundamental para simplificar e agilizar a gestão no dia a dia. A programação de filmes é divulgada nas mídias sociais, assim como os *trailers* e cartazes são recebidos *online* sem a necessidade do envio desse material através do serviço postal. O aplicativo desenvolvido para o grupo Cine Globo Cinemas permite a compra de ingressos antecipados para qualquer sala da rede. A digitalização também eliminou a espera pelos rolos de película, já que os filmes eram exibidos primeiro nas capitais para depois percorrerem o interior do Brasil.

Nenhuma mídia substitui outra, ou simplesmente suplanta a anterior. No momento atual, o cinema, a TV, as mídias digitais existem lado a lado, alimentando-se e sendo cada vez mais interdependentes, sem dúvida, mas também sendo ainda claramente distintas e até hierarquicamente posicionadas, em termos de prestígio cultural, função econômica e prazeres espetatoriais (ELSAESSER, 2018, p.95).

Dessa forma, entender o Cine Globo através dos questionamentos a cerca da Arqueologia das Mídias, como proposto por Thomas Elsaesser (2018), é um caminho para compreender a permanência deste objeto anacrônico, numa jornada de sete décadas e muitas mudanças tecnológicas, mas sem fixar o olhar de forma reducionista e que considere somente a evolução da tecnologia.

A passagem da projeção em 35 mm para o Digital e o 3D, realizada em 2015, teve impacto positivo na bilheteria do cinema, mas não foi a única razão pela qual a administração dos Levy conseguiu chegar até 2022, fazendo do Cine Globo a principal referência cultural da

região que cerca a cidade de Três Passos. A gestão familiar que se inicia ainda durante o ciclo do primeiro Cine Globo, na década de 1940, com Alberto Abraão Levy, prossegue nos dias atuais com o neto, Levy Filho, que controla não só o cinema instalado em Três Passos como também a rede Cine Globo Cinemas com quatro salas localizadas pelo interior gaúcho.

Sem entrar em sociedade e sem contar com patrocínio privado ou estatal, solução para muitos cinemas de rua que ainda sobrevivem, principalmente, nas capitais do Brasil como, por exemplo, o Grupo Estação¹⁵, no Rio de Janeiro, os Levy colecionam sucessos e fracassos na tentativa de continuar no ramo da exibição cinematográfica. As estratégias econômicas, políticas, sociais e culturais adotadas pela família, ao longo das décadas, e que resultaram, de uma forma ou de outra, na continuidade do negócio podem ser adaptadas e utilizadas por outros espaços culturais? A administração de uma casa cinematográfica no interior do país é similar à de uma instalada nas capitais? Como analisar as tomadas de decisões feitas pelos Levy considerando as questões pessoais ou passionais?

Ao investigar a distribuição territorial das salas de cinema nos municípios do Rio Grande do Sul, entre 2005 e 2012, Leandro da Silveira Lopes (2014) identifica que essa distribuição não atende somente a interesses econômicos, já que o mapeamento realizado para a pesquisa aponta que nem sempre as salas estão instaladas em cidades com maior adensamento populacional, ou seja, onde está o maior público, logo a maior renda. Mesmo assim, o pesquisador entende que aconteceu um aumento no desequilíbrio histórico entre o número de salas da capital e do interior, no período de recorte, sugerindo ações governamentais que priorizem a instalação de cinemas em cidades com pelo menos 20 mil habitantes.

O trabalho realizado por Lopes (2014) coleta dados anteriores ao processo de digitalização do parque exibidor nacional, que seria intensificado em 2014 e finalizado somente em 2015, sendo de extrema importância para comparações futuras sobre a exibição em película no interior do Rio Grande do Sul.

Para analisar o Setor Cinema como uma cadeia produtiva, mas não só do ponto de vista econômico, o pesquisador utiliza a noção de indústria criativa, fazendo uma distinção

¹⁵ Mesmo com o patrocínio de um grupo privado, o Estação NET Rio segue com sua existência enquanto casa de exibição cinematográfica constantemente ameaçada. Em novembro de 2021, os proprietários do edifício, o Grupo Severiano Ribeiro que também pertence ao ramo de exibição, conseguiram uma vitória na justiça contra o Grupo Estação. O planejamento para o futuro é a demolição do cinema para a construção de um edifício residencial no local.

Reportagem do G1: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/11/10/abaixo-assinado-contra-despejo-do-cinema-estacao-net-rio-em-botafoego.ghtml>>. Acesso em 30/06/2022.

entre o que pretende abordar e os estudos que enquadram o cinema também dentro da indústria cultural (BENDASSOLLI, 2009).

Sob a ótica econômica, os fenômenos culturais de massa, como o cinema – ou a produção audiovisual cinematográfica –, foram originalmente classificados pela expressão indústria cultural. Com o surgimento do campo especializado da economia da cultura, percebeu-se a insuficiência da visão dos fenômenos culturais apenas sob o ângulo da escala de produção. Criou-se, então, a expressão indústria criativa, que, para além da quantidade, valoriza o emprego da criatividade naquilo que é produzido (LOPES, 2014, p.26).

Observar a administração dos Levy com a perspectiva da indústria criativa pode fornecer pistas para compreender movimentos, estratégias e soluções adotadas ao longo desses anos, além de ajudar a tornar mais tangível a insistência pela não venda do imóvel. Localizado no centro, na principal avenida, em ponto nobre, próximo à prefeitura, com uma área atual de 888,59 m², o terreno é um dos mais valorizados em Três Passos, desde o início da expansão da cidade, em meados da década de 1950 (GRAFFITTI, 2004).

Pensando apenas do ponto de vista econômico e empresarial, a manutenção do cinema não é a melhor opção. Propostas de venda do terreno para a construção de um edifício residencial, com os Levy mantendo alguns apartamentos, já foram oferecidas e representariam um retorno financeiro superior à bilheteria anual. Nas décadas de 1980 e 1990, o aluguel para igrejas, supermercados ou loja de departamentos teria amenizado a crise financeira, mantido a propriedade do terreno e evitado a venda de outros bens da família. Todas as propostas foram negadas pelas três gerações que administraram e administram o cinema.

Para alguns analistas, a arte, no sentido tradicional, não deve ser regida pela lógica do mercado. Dois argumentos sustentam tal posição: primeiro, porque o mercado da cultura, pelas suas características, não é inteiramente capaz de atender às demandas do mercado – basta considerar, por exemplo, a incerteza da demanda e a orientação da “arte pela arte”, encontrada em muitos trabalhadores criativos; e segundo, porque a cultura visa a um objetivo maior do que a satisfação de necessidades de negócios. Deriva dessa perspectiva uma posição favorável à intervenção do Estado e à regulação do acesso a determinados bens culturais (BENDASSOLLI, 2009, p.16).

Desencavar os mais de setenta anos de histórias do Cine Globo, em Três Passos, questionar os hiatos e inconsistências, investigar as estratégias que possibilitaram essa permanência e lançar um olhar para as perspectivas futuras são os desafios que este trabalho pretende suplantar com a análise de vasto material encontrado durante a pesquisa exploratória, realizada entre janeiro e fevereiro de 2020, e com o constante monitoramento das redes sociais do cinema, entre 2021 e 2022.

No fim de 2019, o planejamento estabelecia que a pesquisa de campo seria feita no início de 2020, com a catalogação e análise do material até meados do ano, para que a

qualificação pudesse ser realizada em novembro de 2020 e a defesa no primeiro semestre de 2021. A pesquisa exploratória, em Três Passos, foi realizada conforme o programado, já o restante do cronograma foi implodido pelos efeitos que a pandemia do Covid-19 teve no setor de exibição cinematográfica, na academia e no dia a dia de cada um de nós. Assim como o Cine Globo, sobrevivemos para contar essa história. Muitos amigos e parentes não.

1.2. Metodologias de pesquisa e análise

Dentro da perspectiva multidisciplinar que compõe os estudos em histórias de cinemas e na *New Cinema History*, um amplo leque de metodologias é incorporado pelos pesquisadores para investigar, questionar e analisar os objetos. Para abranger a complexidade que envolve o Cine Globo, não só pelo longo período histórico de 70 anos, mas nas suas relações com a sociedade três-passense, com o poder público, com as tecnologias, com os demais municípios da região e com sua própria gestão, optamos por utilizar três principais lentes metodológicas: a observação participante, a história oral e a análise documental.

Desde a concepção do pré-projeto que a realização de entrevistas com personagens que atuaram e ainda atuam dentro desse universo que envolve a exibição e a especiação cinematográfica (CRARY, 2012), na cidade de Três Passos, foi planejada e considerada fundamental, mas não como única estratégia de pesquisa.

É necessário dizer, em primeiro lugar, ainda que pareça redundância, que entrevistas não são a única maneira de se fazer pesquisa qualitativa — não existe vínculo **obrigatório** entre pesquisas qualitativas e a realização de entrevistas. Portanto, não é porque um pesquisador opta pela adoção de um método qualitativo que ele tem, necessariamente, que recorrer a entrevistas (sejam elas de que natureza for). Podemos fazer observações de campo e tomar nossos registros como fonte; podemos recorrer a documentos (escritos, registrados em áudio ou vídeo, pictóricos etc.); podemos fazer fotografias ou videograções de situações significativas; podemos trabalhar com *check lists*, grupos focais, questionários, entre outras possibilidades. O que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo (DUARTE, 2004, p.214-215).

Graças à observação participante, uma metodologia de pesquisa de inspiração etnográfica, foi possível acompanhar o cinema no dia a dia, não só no atendimento dos funcionários junto ao público, como também nas decisões internas sobre a programação de filmes, as estratégias de marketing, a gestão de pessoal e as questões técnicas da exibição.

Licia Valladares (2006) elenca dez “mandamentos” para o pesquisador iniciante que versam sobre a dificuldade em ser aceito pelo grupo a ser observado e a demora em conseguir livre acesso para circular pela área de estudo.

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Uma auto-análise faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa (VALLADARES, 2006, p.154).

Uma preocupação constante foi tornar aparente essa relação de proximidade entre o pesquisador e o objeto. Ao invés de interpretar essa relação como algo negativo ou tentar de alguma maneira minimizar este fato, decidimos incorporar essa aproximação ao texto abrindo caminho para que a análise resultante seja também perpassada por essa interação.

O pesquisador é, em geral, “cobrado”, sendo esperada uma “devolução” dos resultados do seu trabalho. “Para que serve esta pesquisa?” “Que benefícios ela trará para o grupo ou para mim?” Mas só uns poucos consultam e se servem do resultado final da observação. O que fica são as relações de amizade pessoal desenvolvidas ao longo do trabalho de campo (VALLADARES, 2006, p.154).

Refletindo sobre o processo de aceitação e confiança que levou à curiosidade inicial, talvez esse trabalho não pudesse ser realizado sem essa relação prévia já estabelecida com a família Levy e com os demais atores envolvidos na cena cultural da cidade. Três Passos está longe de ser uma aldeia balinesa, mas a invisibilidade experimentada pelo antropólogo Clifford Geertz (1989) pode ter suas associações com a indiferença ofertada aos forasteiros em algumas cidades do interior do Brasil, principalmente as de colonização alemã.

Ser apanhado, ou quase apanhado, numa incursão policial ao vício talvez não seja uma receita muito generalizada para alcançar aquela necessidade do trabalho de campo antropológico - o acordo, a harmonia - mas para mim ela funcionou admiravelmente. Levou-me a uma aceitação súbita e total, não-habitual, numa sociedade extremamente avessa à penetração de estrangeiros. Deu-me a oportunidade de aprender, de imediato, um aspecto introspectivo da "mentalidade camponesa", que os antropólogos que não tiveram a sorte de fugir como eu, juntamente com o objeto de suas pesquisas, das autoridades armadas, normalmente não conseguem (GEERTZ, 1989, p.188).

É preciso esclarecer que não foi preciso envolvimento em nenhuma operação policial, mas a íntima ligação com o tema cinema de rua, ou cinema de calçada, certamente foi um facilitador de relações. A exibição do *Cine Paissandu: histórias de uma geração*, documentário sobre o icônico cinema carioca que cerrou as portas em 2008, na primeira

edição do Festival de Cinema de Três Passos (FCTP), na tela do Cine Globo, teve resultado semelhante à história da briga de galos na aldeia balinesa¹⁶.

Assim, mais do que aceitação e confiança, o que se estabeleceu nesse primeiro encontro, em 2014, foi uma relação inicial forjada na cumplicidade e no amor ao cinema. Esses laços se estreitaram após sucessivas participações no festival de cinema como oficinairo, em 2015 e 2016; jurado, em 2015 e 2018; e integrante da equipe de comunicação na edição 2019. No festival de 2018, foi exibido um corte de 58 minutos do documentário *Cine Globo: uma vida de cinema*, na sessão de abertura, com casa lotada e presença de toda a família Levy - este foi o último filme visto por Roberto Levy que viria a falecer em dezembro daquele ano, menos de um mês depois da sessão¹⁷. O projeto de pesquisa apresentado ao PPGCine, em meados de 2019, teve inspiração e motivação nesses eventos.

Em paralelo à observação participante, as entrevistas baseadas na tradição da história oral foram fundamentais para que certos assuntos fossem aprofundados. Ao todo, dezessete entrevistas foram realizadas, em Três Passos e Porto Alegre, entre janeiro e fevereiro de 2020, com nomes da família Levy, funcionários responsáveis pela administração do cinema, integrantes do coletivo Movimento Pró-Arte, jornalistas, cinéfilos e membros da administração pública municipal nas esferas executiva e legislativa.

A entrevista da história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc. Nos dias atuais, em que é mais fácil dar-se um telefonema, passar um e-mail, ou viajar rapidamente de um lugar para outro, muitas informações são trocadas prescindindo-se da forma escrita (ou então, no caso da troca de e-mails, deixando-se de preservá-los) – informações inéditas que podem ser resgatadas durante uma entrevista de história oral e confrontadas com outros documentos escritos e/ou orais (ALBERTI, 2004, p.22-23).

Confrontar a história oral com outros documentos, escritos ou não, como sugere Alberti (2004), é uma forma não só de preencher as lacunas esperadas ao investigar um objeto que perpassa sete décadas – e no caso específico do Cine Globo foram muitas, como também questionar o poder da evocação da memória na reconstrução dessa história. O que lembrar? O que omitir?

Refletindo sobre a oposição que Pierre Nora (1993) faz entre história e memória, os relatos da família Levy agregam ao texto uma carga sentimental ancorada no presente e

¹⁶ GEERTZ, C. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos em Bali. In: GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.

¹⁷ *Jornal Atos & Fatos*, de 7 de dezembro de 2018, página 13.

voltada para o futuro do cinema e não somente uma narrativa de reconstrução sobre o passado. Mesmo entendendo que a recriação dessa memória é acompanhada de uma necessidade de contextualização da época vivida onde nada mais é como nos dias de hoje (NORA, 1993).

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais (NORA, 1993, p.09).

Para fornecer subsídios a essa reconstrução problemática e incompleta, utilizamos da análise de extensa documentação impressa encontrada durante o trabalho de campo e também buscada nas redes sociais do cinema, entre 2021 e 2022, já que o prolongamento do tempo de pesquisa fez com que o objeto analisado continuasse em movimento e, sendo assim, o recorte inicial teve que estar igualmente em movimento. “O pesquisador aprende com os erros que comete durante o trabalho de campo e deve tirar proveito deles, na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa” (VALLADARES, 2006, p.154).

Dessa forma, ainda durante o período de trabalho de campo, em Três Passos, a leitura diária do material impresso, que era encontrado tanto nos arquivos públicos quanto no privado, serviu como arcabouço para a condução das entrevistas e também como embasamento para a observação participante, o que possibilitou o confronto de versões, mas sem qualquer pretensão de desqualificar as informações advindas da história oral.

Danièle Voldman (2006) entende que a subjetividade, que inevitavelmente perpassa as relações entre fonte e pesquisador, não impede que os relatos obtidos através do depoimento oral sejam aceitos como fonte na pesquisa científica e faz uma ressalva à fonte impressa que geralmente é tratada como objeto de inquestionável racionalidade por setores da academia.

Primitivamente documento contábil, administrativo, judiciário e, em todo caso, justificativo, ele se torna testemunho pelo trabalho do historiador. Exceto no caso de memórias redigidas com este fim, o documento escrito somente é fonte a título póstumo. A fonte oral, seja provocada por aquele que irá servir-se dela para sua pesquisa, seja utilizada por outro historiador, tem a *priori* um *status* de fonte (VOLDMAN, 2006, p.249).

Por parte de alguns historiadores e pesquisadores pairam também contradições e distinções ao trabalho de pesquisa realizado em arquivos privados e pessoais. Ana Maria de Almeida Camargo refuta esse pensamento ao estabelecer que “Os documentos de arquivo não diferem de outros documentos pelo seu aspecto físico ou por ostentarem sinais especiais facilmente reconhecíveis” (CAMARGO, 2009, p.28).

A autora entende que a busca pela autenticidade e validação dos documentos são pontos que aproximam arquivos institucionais, privados e pessoais. “A fim de garantir lastro às diferentes possibilidades de interpretação que a leitura de seu conteúdo pode suscitar ao longo do tempo, os arquivos de pessoas devem ser tratados como arquivos, isto é, devem ficar ancorados ao contexto em que foram produzidos” (CAMARGO, 2009, p.36).

Materiais vindos de diferentes tipos de arquivos foram acessados e examinados para a realização deste trabalho: arquivo público da Prefeitura Municipal de Três Passos, arquivo público do Cartório de Registro de Imóveis de Três Passos, arquivo privado da rede Cine Globo Cinemas, arquivo pessoal de Roberto Langner Levy, arquivo fotográfico de Carlos Roberto Grün, arquivo privado do jornal *Atos e Fatos*, arquivo privado do Movimento Pró-Arte e arquivo fotográfico da família Levy.

1.3. Ida a Três Passos: o trabalho de campo

A pesquisa exploratória pode ser dividida em dois momentos: antes e depois de março de 2020. Como o objeto de estudo se localiza em outro estado e bem longe do Rio de Janeiro, uma organização prévia era mais do que necessária e as tratativas foram iniciadas em novembro de 2019, durante o 5º FCTP, que acontece anualmente no Cine Globo. Ficou acordado que a família Levy iria permitir amplo acesso à documentação administrativa e aos documentos pessoais do escritório de Roberto Levy, que seria necessário entrevistar funcionários e familiares, além de realizar a observação participante, ou seja, acompanhar o dia a dia do cinema.

Registros dos primeiros anos do Cine Globo poderiam ser encontrados nos arquivos públicos e era preciso entender como se daria o contato com esse material e qual o prazo para protocolar os pedidos para manusear essa documentação via prefeitura municipal. Outra fonte de informação, o *Atos e Fatos*, jornal local, que mantém cópia de todas as edições publicadas, também foi consultado, assim como o cartório onde estão arquivados os registros imobiliários da família Levy. Neste momento, um primeiro contato foi realizado com futuros entrevistados a fim de evitar contratempos devido à temporada de férias escolares.

Com essa produção alinhavada, foi definido o período de 15 de janeiro a 22 de fevereiro de 2020, para todo o processo de levantamento das informações, seja via documentação, seja via história oral. Outra providência necessária foi definir um local para servir como base, que permitisse o manuseio dos documentos e a realização das entrevistas.

O pavimento superior do edifício estava passando por uma reforma e ficou decidido que a última sala do andar teria a privacidade necessária para a realização das entrevistas e ainda ser um espaço para manusear a documentação interna sem precisar retirá-la do cinema. Por fim, foi esclarecido que o trabalho de pesquisa deveria ser realizado com total liberdade e sem ingerência alguma por parte da família ou dos funcionários do cinema. Questão que foi prontamente compreendida e acertada com a administração do Cine Globo.

De volta ao Rio de Janeiro, entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, os contatos com os futuros entrevistados continuaram. Ao mesmo tempo, as redes sociais do cinema eram monitoradas para acompanhar a programação e a comunicação com o público. Como forma de relembrar detalhes específicos e algumas lacunas já percebidas, acessamos as entrevistas feitas entre 2015 e 2019, para o documentário *Cine Globo: uma vida de cinema*, em fase de produção, que investiga as relações entre a sala de exibição, a família Levy, a tecnologia e o coletivo que cria o FCTP. Outro fator precisa ser considerado sobre essas imagens. Roberto Levy, da segunda geração de administradores, faleceu no fim de 2018 e sua entrevista é raro depoimento audiovisual disponível sobre os primeiros anos da projeção cinematográfica em Três Passos. Boa parte das conversas nas entrevistas futuras seria sobre a figura marcante de Roberto à frente da sala que o pai fundou e, portanto, era pertinente relembrar detalhes dessa filmagem feita em 2015. Assim completamos o planejamento de pré-produção antes da viagem definitiva ao campo.

Do Rio de Janeiro a Três Passos é necessário um dia de viagem. Avião até Porto Alegre, 411 quilômetros de ônibus até Ijuí e mais 122 quilômetros de carro até o destino final. Como o tempo era pouco para o planejado, marcamos um encontro ainda em Porto Alegre com Henrique Lahude, idealizador dos projetos *Mãos à obra* e *#Cidade Cinematográfica*, a fim de combinar uma entrevista para o mês seguinte quando do retorno à Porto Alegre. Henrique é personagem fundamental na continuidade e no amadurecimento do FCTP, mas o avanço da pandemia, na sequência, inviabilizou esse encontro de forma presencial.

Na manhã seguinte, foi montado o escritório na sala cedida, no segundo andar do cinema. Era preciso levantar toda a documentação interna e começar a separar o variado material: jornais, revistas, contratos, livro de funcionários, fotografias, notas fiscais de equipamentos, alvará de funcionamento e tantos outros papéis a serem analisados.

Inicialmente esse material foi separado em duas categorias: empresa e família, ou seja, profissional e pessoal, pois mesmo sendo uma administração familiar essa distinção foi feita como forma de compreender melhor esse modelo de gestão. A primeira semana de trabalho foi voltada para a catalogação, leitura e estudo desse material interno.

Uma entrevista na Rádio Alto Uruguai¹⁸ foi realizada a fim de compartilhar com a comunidade a pesquisa que estava sendo desenvolvida na cidade e abrir um canal de contato com frequentadores e cinéfilos que estivessem dispostos a conversar, principalmente, sobre os primeiros anos da exibição cinematográfica em Três Passos.

Na semana seguinte, continuamos no processo de análise e busca de material impresso, mas ampliando o olhar para os arquivos municipais e para o cartório de registro de imóveis. As informações com datas precisas poderiam subsidiar as entrevistas com os familiares e assim ajudar no recorte temporal, já que a história do Cine Globo atravessa mais de sete décadas. O agendamento das entrevistas foi sendo realizado enquanto o dia do dia do cinema era acompanhado de perto. Sabendo da dificuldade em acessar, com detalhes, essa vasta documentação, todo o material foi fotografado e catalogado para uma análise detalhada no retorno ao Rio de Janeiro.

Esse processo de digitalização e organização do material de arquivo se mostrou fundamental como guia durante as entrevistas, mesmo assim muitas lacunas sobre os anos iniciais do Cine Globo seguem abertas. Boa parte do arquivo público municipal se perdeu em gestões que não se atentaram para a importância desse material para a comunidade três-passense. Mesmo com os imprevistos, cada etapa levantava mais questões e indicava novas pistas que apareciam pelo caminho.

Depois de fotografado e catalogado, todo o material interno disponibilizado pela família foi entregue organizado em pastas para facilitar o futuro acesso de outros pesquisadores e uma cópia digitalizada foi armazenada em unidade de HD externo e entregue aos administradores do cinema. As certidões solicitadas em cartório, os jornais e a documentação dos arquivos municipais também estão incorporados a esse arquivo digital. Com o pensamento de manter inédito o material produzido e salvaguardando a privacidade dos entrevistados, os arquivos de áudio não foram copiados nesse HD deixado no cinema. Uma tomada de decisão que se mostraria catastrófica no futuro.

No último fim de semana de trabalho em Três Passos, um experimento não planejado foi realizado e a ideia surgiu da observação participante e das entrevistas. Queríamos saber se uma parcela significativa do público era de fora do município. Antes de entrar na sala, os frequentadores de todas as sessões da cine-semana, ou seja, quinta, sexta, sábado e domingo, respondiam se eram residentes de Três Passos ou não. Mesmo sem a pretensão de ser uma

¹⁸ Convite feito pelo jornalista Vinícius Araújo. A Rádio Alto Uruguai opera na frequência 92,5 Mhz e abrange setenta municípios da região noroeste do Rio Grande do Sul, o oeste catarinense e parte da província de Misiones da Argentina: <<https://www.radioaltouruguai.com.br/>>. Acesso em 30/06/2022.

pesquisa quantitativa, a enquete trouxe resultados surpreendentes sobre a plateia que compareceu ao cinema naquela semana.

Ao todo, foram realizadas 16 entrevistas durante a estadia em Três Passos e mais uma em Porto Alegre, antes do retorno para o Rio de Janeiro, encerrando assim esse primeiro arco exploratório. Durante a pesquisa de campo, entre janeiro e fevereiro de 2020, as perspectivas para o futuro do Cine Globo pareciam promissoras e a família Levy estava entusiasmada com o porvir depois dos vários investimentos realizados nos últimos anos. Não só os proprietários do cinema compartilhavam desse entusiasmo. Funcionários e frequentadores tinham a certeza de que o pior já havia passado e que o futuro do cinema na cidade estava garantido. O impacto econômico e social que a pandemia do Covid-19 teria na indústria da exibição cinematográfica no país ainda era imprevisível. Em Três Passos, o que era otimismo se tornou preocupação.

Com o adiamento do semestre letivo e o fechamento obrigatório das salas em virtude da pandemia do Covid-19, de março de 2020 até abril de 2021, os rumos deste trabalho se tornaram incertos, já que a ideia central era investigar um cinema de rua que estivesse em atividade. Assim, foi necessário aguardar não só o retorno das sessões presenciais em Três Passos, como também certa estabilidade do setor de exibição no país para que tivéssemos a certeza que o Cine Globo tinha superado mais essa adversidade.

Incluir o período da pandemia na pesquisa significava monitorar as redes sociais para perceber os movimentos e estratégias realizados pela administração do cinema e do coletivo Pró-Arte com o intuito de manter vivas as relações entre a comunidade e o Cine Globo. Mesmo a distancia foi possível participar das sessões *online* do cineclube e ainda contar com a ajuda de Carlos Roberto Grün, jornalista do *Atos e Fatos*, e de Juarez Braga Zamberlan, integrante do Pró-Arte, que contribuíram com informações sobre o dia a dia de Três Passos.

Em janeiro de 2022, todo o material relativo ao projeto de pesquisa ficou inacessível devido a um erro de *Head Crash* na área destinada ao *firmware* no HD, onde as pastas estavam armazenadas. De forma inesperada, o HD de *backup* sofreu dano semelhante. A HD Engenharia, empresa especializada que recuperou os arquivos, em maio de 2022, especula que o forte calor do verão carioca pode ter ocasionado o problema, mas adverte que os HDs possuem uma durabilidade de no máximo apenas dois anos.

Para dar conta de compreender este material, estruturamos essa dissertação em três capítulos, sendo que o primeiro, *Uma vida com cinema*, aborda a relação do autor com o objeto de estudo, como sugere Licia Valladares (2006), a fim de deixar claro para o leitor os limites e limitações da observação participante, já que destas inter-relações pessoais dependem a construção da investigação e da análise.

No capítulo seguinte, *Cine Globo de Três Passos*, iremos narrar a história da construção e manutenção do cinema, nem sempre seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, contextualizando sua posição de existência na cidade. Optamos pela divisão em três subcapítulos, cada um referenciando uma forma de gestão, e não pela divisão temporal entre décadas, por entender que as diferenças e continuidades entre Alberto, Roberto e Levy Filho são demarcações mais interessantes para observar a longa trajetória do cinema do que o simples passar dos anos.

O capítulo *Estratégias de resistência*, também com três subdivisões, aprofunda o olhar sobre erros, acertos, táticas, ideias, movimentos e acontecimentos, planejados ou não, e que resultaram na permanência do Cine Globo até os dias atuais. O primeiro subcapítulo versa sobre o modo como os Levy enxergam e conduzem o negócio cinematográfico, na sequência, investigamos as relações estabelecidas entre o cinema, o poder público e a tecnologia, para então, apresentar as contribuições de cinéfilos, da sociedade civil e dos coletivos três-passenses na criação de projetos que buscam perpetuar a ligação entre os moradores e a sala cinematográfica.

É preciso destacar que essa divisão não busca engessar o texto. Tomadas de decisão e estratégias desenvolvidas pela família Levy, ao longo das décadas, se confundem e são avaliadas, analisadas e comentadas nos dois capítulos, a depender da importância do momento. O mesmo ocorre com as relações entre sociedade civil, poder público e tecnologia. Por vezes, eventos que não estão programados pelos atores do processo atropelam qualquer planejamento como, por exemplo, a forçada mudança para o Digital, entre 2014 e 2015, e recentemente a pandemia Covid-19.

Por fim, esperamos contribuir com os estudos de histórias de cinemas e da *New Cinema History*, fornecendo subsídios e informações para futuras pesquisas no campo que ainda é vasto e pouco explorado. São muitas as histórias de cinemas a serem investigadas no Brasil. Esperamos com esta pesquisa instigar o leitor à escrita de sua própria história de cinema.

2. UMA VIDA COM CINEMA

Quando me perguntavam qual era o objeto de pesquisa da dissertação que estava escrevendo, as pessoas se surpreendiam com a resposta. É compreensível a surpresa tanto aqui no Rio de Janeiro, entre colegas e docentes, quanto no Rio Grande do Sul, entre moradores e entrevistados. Para todos, aqui e lá, eu estava deslocado entre mundos, entre capital e interior, entre a vida agitada do Rio e o ritmo próprio de Três Passos. Questionamentos como “Mas não tinha nenhum cinema para você estudar aqui?” e “Como um carioca se interessa por uma cidade tão pequena do interior?” se tornaram frequentes e eram respondidos ora com bom humor ora com a seriedade necessária, a depender do interlocutor.

Essas perguntas, e outras similares, não incomodavam e eram encaradas como próprias da curiosidade que envolve um trabalho acadêmico. A importância em estudar o caso do Cine Globo era inequívoca e não precisava de muitas explicações, já que estamos falando de um cinema setentão que resistiu a todas as dificuldades chegando à plena forma atualmente e dentro de um contexto amplamente desfavorável.

O espaço físico onde a experiência cinema é projetada, e toda estrutura montada ao seu redor, vem sofrendo significativas transformações desde seus primórdios até a contemporaneidade. A trajetória de existência dos cinemas de rua acompanha de perto as transformações suscitadas pelas inovações tecnológicas audiovisuais aplicadas à exibição cinematográfica. O locus do cinema vem sofrendo transformações nos lugares e tecnologias da projeção audiovisual e na espetadorialidade. O lugar onde o cinema é exibido influencia, reflete, acrescenta e modifica a experiência cinematográfica (BESSA; OLIVEIRA, 2014, p.1).

No entanto, entre as disciplinas cursadas no PPGCine, no segundo semestre de 2019, e as reuniões de orientação, antes da ida para Três Passos, em janeiro de 2020, essas questões começaram a ganhar outra perspectiva e às vésperas da viagem se tornaram centrais. Qual a razão de ir tão longe para estudar um cinema? Por que escolher o Cine Teatro Globo dentre tantos outros?

O que era uma simples curiosidade para todos passou a ser uma questão fundamental não só para a pesquisa, mas para o pesquisador também. Era preciso descobrir o que me ligava àquele cinema e àquela cidade a ponto de merecer tamanha dedicação como a de uma pesquisa de mestrado. Era preciso olhar bem de perto as camadas de cinzas que separam o preto e o branco das respostas prontas. Então seria necessário olhar para o passado antes de traçar planos para o futuro, mas o presente se impunha com a iminente ida para o sul do Brasil.

No retorno de Três Passos, em março de 2020, essas questões continuavam a plainar sobre a pesquisa e se instalaram definitivamente durante a transcrição e leitura dos depoimentos. Afastado de tudo e de todos em virtude da pandemia do Covid-19, consegui deixar a memória vagar buscando possíveis elos entre minha história e a do Cine Globo. Ao desenrolar o novelo de lã das minhas próprias memórias para buscar essa ligação no passado, foi possível, de certa forma, compreender melhor as pessoas que cederam suas histórias e lembranças para um estudo como esse. Não se trata de apenas lembrar fatos, datas e nomes quando esse mergulho nas nossas memórias está intimamente relacionado com sonhos e desejos muitas vezes não realizados ou até mesmo não verbalizados. De onde vem a paixão pelo cinema? Uma paixão que se estende para além do filme abrangendo o próprio ato de ir a uma sala de cinema?

Nesse mergulho ao passado busquei questionar as diferenças básicas que tanto chamam a atenção dos curiosos. O primeiro passo foi entender a dicotomia entre cidade grande versus cidade do interior. Sim, eu nasci no Rio de Janeiro, bairro de Botafogo, celeiro de um grande número de cinemas de rua, na época em que era criança e ainda nos dias atuais (CAMINHA, 2013), mas toda minha família vem do interior de Minas Gerais. Avós maternos e paternos tinham residência em Sacramento¹⁹, cidade pouco maior do que Três Passos, localizada na região conhecida como Triângulo Mineiro, próxima à divisa com o estado de São Paulo, e distante 451 quilômetros da capital, Belo Horizonte. Assim como o município gaúcho, Sacramento tem a atividade econômica majoritariamente ligada ao campo e à agropecuária.

Quando criança contava os dias para chegar as férias escolares e a tão almejada viagem para Sacramento e Ribeirão Preto, para onde meus avós maternos se mudaram anos depois, e ao encontro de primas e primos. Passar um dia de férias no Rio de Janeiro era impensável. Viajar era preciso, sempre! É certo afirmar que infância e adolescência foram marcadas por essa dualidade entre a vida escolar, numa agitada capital, e a liberdade das férias, em cidades do interior, já que a família era grande e espalhada por várias cidadezinhas pelo Brasil. Podia ser um conto de Drummond ou quem sabe um Machado de Assis, mas meus anos foram exatamente assim até a chegada da vida adulta.

Então, Três Passos está longe de ser algo estranho na minha trajetória, tendo mais aproximações do que afastamentos. O típico ritmo de cidade interiorana, a desconfiança com

¹⁹ Sacramento tem estimativa de 26.556 habitantes para o ano de 2021, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/sacramento.html>>. Acesso em 30/06/2022.

a chegada dos “de fora” que logo se transforma em amizade para a vida toda, as fofocas, o disse me disse, o tradicional “fala com a mãe de fulano que ela sabe de tudo”, um lugar onde todos aparentam se conhecerem mesmo quando não se gostam. Tudo isso era surpreendentemente comum e familiar, assim como as conversas sem pressa na hora do chimarrão – apenas uma desculpa para estar junto e prostrar.

Em Minas Gerais não tem chimarrão, lógico, mas o café da tarde ou a fogueira à noite, para espantar o frio na fazenda, cumprem esse papel. O proseado, as histórias de assombração, os causos, contos e mais contos e o tempo que cismava não passar nunca, assim era depois do café da tarde na casa da vó quando todas as tias se reuniam para conversar. Família numerosa como raramente vemos nos dias de hoje. Minha avó, Geralda, teve quatorze filhos, sendo quatro homens e dez mulheres. O resultado disso é que tive cinquenta e um primos de primeiro grau na família da minha mãe. Imaginem as festas de fim de ano! Nós, crianças, escutávamos atentas as conversas entre as correrias que explodiam sem motivo algum, como disse: crianças. Mas as histórias ficaram. Ainda mais as que sempre eram contadas e recontadas com o passar dos anos e que se relacionavam com a infância e adolescência das nossas mães. Uma em especial sempre chamava a atenção: o caso das Brigittes.

Em Sacramento, onde moraram até meados da década de 1960, minha mãe e as irmãs não perdiam nenhuma sessão de cinema aos fins de semana. O domingo tinha um ritual próprio: acordar cedo para ir à missa das seis horas da manhã e assim ficar livre no restante do dia para aproveitar o cinema e as conversas na praça, antes e depois das sessões. Os dois cinemas ficavam na Praça Getúlio Vargas, a principal da cidade, e disputavam a atenção do público. O Cine Capitólio era o mais antigo, mas o preferido da juventude era o Cine Santo Antônio que exibia os filmes da moda em Hollywood. Era uma época marcada pelas grandes estrelas e grandes produções do cinema estadunidense – seria tão diferente de hoje? - onde a televisão era algo raro e o rádio tinha grande destaque ao lado da mídia impressa.

A história das Brigittes é costurada nessa colcha de retalhos de memórias com seus lapsos, enganos e uma irmã corrigindo a outra quando um nome era citado fora de lugar ou um filme era adiantado na linha cronológica. Referência na mídia impressa da época, a revista *O Cruzeiro*²⁰ era a principal fonte de notícias sobre os astros e estrelas daquela terra distante chamada Hollywood – ou mesmo vindas do Rio de Janeiro, um lugar tão distante quanto a meca do cinema estadunidense. Um tempo em que quase tudo ainda era feito de forma

²⁰ A revista *O Cruzeiro* foi uma publicação semanal dos Diários Associados que circulou entre 1928 e 1985. Disponível para consulta e pesquisa na Biblioteca Nacional em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=1>>. Acesso em 30/06/2022.

manual, em casa ou na fazenda, e o acesso a certos produtos acabados era um luxo para pouquíssimas famílias e mesmo assim de forma muito ocasional. Imagine poder ir ao cinema e desfilar um vestido parecido, se não igual, ao da atriz do filme. Nada fora do normal para os nossos dias com a cultura do *cosplay* atraindo mais fãs e deixando as pré-estreias dos filmes sempre divertidas, mas entre as décadas de 1950 e 1960, numa cidadezinha do interior isso era muito fora do normal.

Minha mãe, Tania, tem um dom pra lá de especial que é o de criar uma roupa olhando apenas uma fotografia ou desenho. Hoje, ela já perdeu a paciência para essas invenções, mas na juventude era a estilista da casa fazendo os ternos do meu avô e os vestidos da minha vó e das minhas tias. Não se sabe quem deu a ideia, quando ou quem vestiu o primeiro, mas reza a lenda que as oito irmãs desfilavam por Sacramento com vestidos que só se via em capas de revista. A tática consistia em estudar as fotos das atrizes em *O Cruzeiro*, comprar os tecidos e criar os figurinos únicos para cada irmã. Eram vestidos, blusas, saias, lenços e demais criações que saíam das páginas das revistas, e da imaginação delas, para as ruas da cidade.

Ninguém tinha igual e ninguém podia comprar igual já que tudo era criação das irmãs Ferreira. Logo surgiu o apelido que grudou como chiclete: as Brigittes. Possivelmente a ideia inicial era mais para ofensa do que para elogio, a fama de Brigitte Bardot como símbolo sexual era um escândalo para a sociedade puritana e conservadora da época, seja em Paris ou em Sacramento (DOS SANTOS, 2019), mas o fato é que as Brigittes ficaram famosas e marcaram a história da pequena cidade.

E Sacramento era mesmo pequena demais para os sonhos da minha mãe que desde criança dizia para minha avó: “Um dia vou morar de frente para o mar”. Previsão ou não, o fato é que meus pais moram no Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, de frente para o Pão de Açúcar. Cenário de cartão postal onde o cinema não poderia ficar de fora. O prédio escolhido por eles foi o do Cine Ópera, na Praia de Botafogo. Na sexta pela manhã, acordava e ia correndo para a janela ver a troca do imenso letreiro do cinema. Os funcionários retiravam as grandes letras que formavam o nome do filme que estava saindo de cartaz e montavam na laje, ao contrário, o título que estrearia naquele dia. Eu, criança, brincava de adivinhar qual o nome do filme que iria passar.

O burburinho das pessoas na fila, o cheiro de pipoca e o vai-e-vem do público que ia de um cinema ao outro agitavam essa Cinelândia do bairro de Botafogo, já que quase ao lado do Ópera, na mesma quadra, ficavam o Scala e o Coral, e mais à frente, na Rua Voluntários da Pátria, os cinemas que hoje formam o Grupo Estação.

A partir do final do século XX, inicia-se uma lenta revitalização cultural no bairro, que ocorreu com intervalos de tempo relativamente grandes. Pode-se considerar como marco inicial a instalação do cinema Estação Botafogo, em outubro de 1985, que começa a atrair um público intelectual, cinéfilo, para Botafogo, o que leva a instalação, em 1996, de outro cinema, o Espaço Unibanco. Ambos os cinemas localizam-se no início da rua Voluntários da Pátria, próximos à estação do Metrô, e são conhecidos por seu caráter “alternativo”, sem projeção de megaproduções cinematográficas, os famosos blockbusters. Em dezembro de 2008, a Lei 4946, cria o Pólo Cinematográfico de Botafogo, localizado na rua Voluntários da Pátria, entre a Praia de Botafogo e a rua Muniz Barreto (CAMINHA, 2013, p.16).

Aos poucos essa Cinelândia de Botafogo desapareceu e a região foi perdendo seus cinemas um a um, entre as décadas de 1990 e 2000. Enquanto cursava a faculdade de Comunicação Social, na UFRJ, no campus da Praia Vermelha, vi o Cine Veneza fechar para reformas e nunca mais reabrir. Os jornais noticiavam o fim dos cinemas de rua e sua migração para os *shoppings centers*. Botafogo, Copacabana, Centro, Tijuca, Madureira, Niterói... Naquele momento, o desaparecimento dos cinemas era algo inevitável e um sentimento de vazio ocupava o lugar. Cada mês parecia marcar o fim de alguma sala que conhecíamos e isso era tema de conversas com os colegas de faculdade.

Fazer cinema no Brasil sempre foi um sonho para lá de distante, mas, mesmo assim, sonhávamos. Um dos projetos sonhados era realizar um documentário sobre um cinema do interior que ainda resistisse e estivesse funcionando. Mesmo com todo amor pelo tema foi impossível, nos anos 1990, viabilizar um filme como esse em película ou mesmo em Betacam, sistema de gravação com qualidade para exibição em TV. O projeto ficou só no sonho e o tempo passou...

Certo dia fui ao Largo do Machado, na galeria Condor, ver um filme antes que saísse de cartaz com a chegada dos novos lançamentos do fim de semana. O ano era 2002 e, nessa época, já morava na Rua Paissandu, e ir ao cinema sozinho era um dos meus passatempos preferidos. No dia seguinte, voltei à galeria para comer uma esfirra e ver quais filmes entrariam em cartaz no Cine Condor e para minha surpresa encontrei o cinema fechado em plena sexta-feira. Sem cartaz, sem placa, sem aviso, nada. Consegui avistar um funcionário pelo vidro, bati, fiz sinal e perguntei o que estava acontecendo. “O cinema fechou.” foi a resposta simples e objetiva.

Eu assisti à última sessão de um cinema sem saber. Aquele sentimento foi tão amargo que ficou marcado para sempre na minha memória. Eu poderia fazer algo para evitar o fechamento? Não, claro que não, mas ao menos podia estar preparado para me despedir de mais um amigo que seria transformado em igreja ou em mercado. A essa altura da minha vida

ir ao cinema era mais do que uma diversão, era como ir a um refúgio ou a um templo religioso.

Mais um salto temporal e chegamos até agosto de 2008, com o burburinho do fechamento do mítico Cine Paissandu: o cinema que foi ponto de encontro da juventude irrequieta da década de 1960 e nomeou uma geração. A *Geração Paissandu* foi cantada em versos por Dóris Monteiro, em samba de Mariozinho Rocha, tema de livro do Rogério Durst e celebrada por Rui Castro em texto apaixonado.

Os ecos do que se passava em torno da tela do Paissandu e nos bares adjacentes eram ouvidos em todo o Brasil daquele tempo e, se calhar, até em Paris. Ali, entre as montanhas de cartões de chope nos botequins e aos sussurros na sala de espera do cinema, antes do começo das sessões, derrubou-se incontáveis vezes a ditadura, libertou-se o Vietnã e decretou-se a vitória da definitiva do jeans (da marca Lee) sobre o vinco impecável. Grandes tempos para quem os viveu (CASTRO, 2006, p.405).

Idas e vindas sempre marcaram a trajetória do Paissandu que teve muitos nomes ao longo dos anos, mas sempre conseguia voltar após a placa de “Fechado para reformas”. Uma movimentação popular que contou até com abaixo-assinado organizado por entes políticos chamou a atenção da mídia, fez barulho e passou a sensação de que tudo seria um “Até breve!”. Parecia impensável que uma sala com essa importância histórica realmente iria ser fechada para sempre.

No Paissandu, e ao seu redor, se desenvolveram uma estética, uma ideologia e uma atitude cinematográficas. Estética, ideologia e atitude que se definiram na seleção dos filmes, que cativaram um público fiel e engajado, nas discussões, antes e depois das sessões, no *lobby* da sala e, principalmente, nos bares do lado. Oklahoma, e da esquina, Cinerama. (DURST, 1996, p.16).

Nesses seis anos, entre o fim do Cine Condor e a ameaça de fechamento do Paissandu, procurei equilibrar minha trajetória entre o trabalho em TV e o amor pelo cinema. Fiz diversos cursos na área, atuei como crítico durante alguns anos para um site especializado e trabalhei em produtoras de cinema, mas sem conseguir realizar um projeto autoral, depois dos quatro vídeos de ficção dirigidos na faculdade, ainda na década de 1990.

A indignação com o iminente fechamento do Paissandu e a lembrança da última sessão no Condor despertaram sonhos antigos. Convidei a produtora cultural Carla Sobrosa, que no passado sonhava em fazer o filme sobre as salas de cinemas comigo, peguei minha câmera Sony PD-150, tripé, microfones e partimos para o Paissandu. Um domingo frio e chuvoso no Rio de Janeiro, assim foi o 31 de agosto de 2008, data da última sessão do Cine Paissandu.

O material captado em Mini-DV consistia em imagens externas e internas do cinema, a movimentação do abaixo-assinado, a cobertura dos veículos de imprensa e ainda entrevistas com moradores, cinéfilos, com a gerente e o projecionista do cinema. Para completar esperamos o último filme da noite e registramos a saída do público, a sala vazia, as portas baixando e as luzes do Paissandu sendo apagadas. O nome estava decidido: *A última sessão*. O material era bom, o roteiro tinha sido debatido, bastava editar para exibirmos na reinauguração do Paissandu – que certamente aconteceria após alguma reforma como sempre aconteceu.

Uma geração não volta, apenas deixa marcas, alguma coisa. Obras, talvez. Um certo espírito, que não pode ser confundido com nostalgia ou saudade, sempre fica. Não tem revival nem fotografia em grupo. Fica apenas o nome, Geração Paissandu, um endereço, uma época, milhares de fotogramas que jamais serão esquecidos (RODRIGUES, 1996, p. 99).

Grandes projetos foram apresentados para a retomada do Paissandu, mas os anos foram passando e nada do meu amigo retornar. Com o material bruto guardado em compasso de espera, segui tocando a vida profissional atuando em produtoras de cinema e TV. Foi quando a mudança tecnológica trazida pelo sistema HD (*High Definition*) tornou a filmagem de 2008 quase uma peça de museu. O Mini-DV tinha resolução de 720 x 480 linhas, ainda aceitável para reprodução na TV analógica da época, mas logo tornado obsoleto pela chegada do *Full HD* com resolução de 1920 x 1080 linhas.

No Brasil, a entrada da alta definição tanto na TV quanto nas produções de cinema aconteceu de forma muito rápida, principalmente após o ano de 2010 com a introdução no mercado nacional das câmeras DSRL da Canon. Dessa forma, seria impensável que o nosso documentário, *A última sessão*, conseguisse ser competitivo em festivais e assim atrair publicidade para os anos de ostracismo do Cine Paissandu. Seria necessário repensar todo o projeto. A única solução viável era ser premiado em algum edital de fomento audiovisual para concluir o filme em HD, já que seria impossível fazer essa produção, devido aos altos custos de aluguel dos equipamentos.

Reescrito, enquadrado e orçado, o projeto foi inscrito em todos os editais lançados nos anos seguintes e nada de conseguir a sonhada seleção. Angustiado por ver o material envelhecendo, e já sem esperanças, decidi editar e lançar o documentário do jeito que estava e quem sabe colocar no *YouTube*. Quando tudo parecia apontar para esse melancólico fim surge o Programa de Fomento ao Audiovisual Carioca - FAC 2012, da RioFilme. O projeto não só consegue ser selecionado como é classificado em segundo lugar entre 158 propostas inscritas.

Filmado em 2013 e lançado em março de 2014, o que seria um registro de tristeza em *A última sessão*, se transforma em *Cine Paissandu: histórias de uma geração*, narrativa com um recorte no período áureo do cinema de 1964 a 1968, e próximo aos ideais da época.

Só que, em vez de ficar se lamuriando pelos cantos, a Geração Paissandu se agrupou e canalizou suas angústias para uma generosa ideia de mudar o mundo, fosse pela arte, pela “revolução sexual” (ativada pela recém-lançada pílula anticoncepcional) ou pela consciência política – se sabatinado, qualquer um de seus membros seria capaz de informar as últimas em Paris, em Hanói ou no Harlem. E, como de praxe na época, era pelo cinema que se descobria o mundo: os franceses estavam mostrando que era possível fazer um cinema barato, cheio de truques e ideias (CASTRO, 2006, p.408).

Se no Brasil, fazer cinema jamais foi barato, podia ao menos ser acessível. Truques e ideias temos de sobra. Foi o que ocorreu nesse período pós-fechamento do Paissandu: a própria definição de filme foi repensada. Antes da chegada do HD reinava uma má vontade com o Digital no meio cinematográfico. Uma divisão excludente entre filme e vídeo era comum, não só nos festivais de cinema, como por parte da crítica especializada.

Ao documentário ainda era permitido o uso do Digital na gravação, pelo alto custo da película, mas a cópia final de exibição ainda precisava ser em 35 mm. Já o filme de ficção tinha que nascer da película para ganhar a tela grande do cinema e ser considerado uma “obra de arte”. As raras exceções eram as grandes produções hollywoodianas, realizadas em Digital, com câmeras caríssimas e fora da realidade nacional.

Assim não era nada fácil ser cineasta no Brasil. O belíssimo *Cinema Paradiso* (1988), de Giuseppe Tornatore, foi uma fonte de inspiração quando éramos jovens na década de 1990. A diferença é que naqueles tempos uma lata de 35 mm, de 10 minutos, custava uns cem dólares... Inspiração sem meios de produção. Toda uma geração de realizadores pode emergir quando as DSRL se tornaram mais acessíveis, já em fins da década de 2000.

Chamado de *curta-cult* pelo cineasta e produtor cultural Cavi Borges, o documentário de 15 minutos sobre o Cine Paissandu percorreu o mundo, colecionando prêmios, inspirando novas produções sobre a temática do cinema de rua no país e chegando até a academia (FERRAZ, 2019). O filme segue sendo exibido até os dias de hoje, 2022, numa raríssima e longa carreira para um curta-metragem – que tem em média dois anos de vida em festivais.

Alguns números do *Cine Paissandu: histórias de uma geração*: selecionado para 77 festivais, mostras e cineclubes, entre 2014 e 2021, sendo exibido em 18 estados brasileiros e 13 países; 14 prêmios nacionais e internacionais; entrou em cartaz no ano de 2015, abrindo a sessão para filmes nacionais, em seis cinemas brasileiros; licenciado para o Canal Brasil, de 2015 a 2018, para o CineBrasilTV, de 2018 a 2022, e para a plataforma de filmes *online*

Originou, em 2020. O sonho de ser um cineasta brasileiro se tornou realidade graças ao amor pelo cinema de rua.

Quando fiz a inscrição do filme no 1º FCTP, em 14 de agosto de 2014, jamais poderia imaginar que ali seria outro importante momento de virada na minha vida pessoal e profissional. Encantado com as fotos e com a história do Cine Teatro Globo, disponíveis no site do festival, escrevi um e-mail para a comissão organizadora autorizando a exibição do curta nas mostras paralelas, mesmo que ele não fosse selecionado para a mostra principal. Era preciso ter a certeza de que o filme passaria naquele telão incrível das fotos. A notícia da seleção para a mostra competitiva chegou em outubro e tudo o que eu pensava era em como viabilizar minha ida para aquele lugar. O festival não dispunha de verba para traslado, hospedagem ou alimentação.

Uma rápida pesquisa na internet mostrou um cenário desanimador... Quase 480 quilômetros de carro de Porto Alegre. Na época, sem ônibus intermunicipal direto, seria preciso parar numa cidade próxima e esperar outro ônibus para seguir viagem. Isso sem contar os custos de avião no trecho Rio-Porto Alegre. Seria um gasto e tanto para ficar apenas três dias na cidade, já que só de viagem seria um dia para ir e outro dia pra voltar. Loucura, certo? Não pensei duas vezes. Mandeí outro e-mail para a comissão organizadora pedindo instruções com a logística do ônibus porque eu iria de qualquer jeito ao festival.

Minutos depois toca o telefone com DDD diferente. Atendo. Do outro lado uma voz firme e sotaque característico de quem logo se tornaria minha amiga para sempre. Elvídia Zamin, coordenadora do festival e um ícone da cena cultural da cidade, a quem todos, sem exceção, devem chamar de Pinto, não acreditava que eu iria me despencar do Rio de Janeiro até aquele fim de mundo. Eu era o primeiro realizador a responder a carta-convite, nem mesmo os de Porto Alegre haviam se manifestado, e eles não estavam preparados para aquilo. Disse que já estava no site vendo a passagem para Porto Alegre. “Não, vai pra Chapecó que eu vejo um carro pra te buscar”, respondeu enfática.

No dia seguinte, a Pinto me liga dizendo que conseguiu passagem de avião, traslado de Chapecó a Três Passos, hospedagem e alimentação completa. A minha vontade de ir ao festival, partindo do Rio de Janeiro, sem nenhuma estrutura, apenas pelo prazer de ver o filme exibido no cinema da cidade sensibilizou a comissão organizadora e todos moveram mundos e fundos. Agradei todo o empenho, mas dispensava a passagem de avião porque já havia comprado e lançado no cartão de crédito, em doze vezes. “Até o ano que vem eu pago”, brinquei. Levei uma bronca porque não esperei o retorno dela.

Uma amiga cineasta de Niterói também estava com filme selecionado para o festival e perguntei se não dava para passar a passagem para ela. Dois cineastas vindos do Rio para a primeira edição do festival era tudo o que ela queria. Convidamos a Luana Dias e fechamos as tratativas todas. Naquela ligação aprendi duas lições: eu tinha que chamar a Elvídia de Pinto, mesmo achando que era um tipo de humor gaúcho, aceitei; e jamais deveria duvidar da capacidade dela em resolver problemas. Assim forjamos nossa amizade antes de pisar na cidade.

Desde aquela primeira edição, em novembro de 2014, sempre mantive contato com a família Levy e com os organizadores do festival, retornando a Três Passos diversas vezes. Em agosto de 2015, ministrei uma oficina de documentário e voltei em novembro como jurado do festival; em outubro de 2016, ministrei outra oficina, dessa vez no escopo do projeto *#Cidade Cinematográfica*; em 2018, fui novamente jurado; e em 2019, para minha surpresa, fui homenageado no festival, recebendo o Troféu Alberto Abraão Levy, um prêmio da Câmara de Vereadores e o título de cidadão três-passense, outorgado pelo poder executivo municipal. Mas como não poderia ir ao festival somente a passeio, fiz questão de contribuir fazendo parte da equipe de comunicação que fez a cobertura do evento para as redes sociais.

Uma relação profunda e baseada no amor ao cinema que foi construída ao longo de todos esses anos. Mas sem dúvida, o auge desse processo aconteceu quando decidimos, após o curso de 2015, realizar em conjunto um curta-metragem sobre o Cine Globo. A ideia era que o curso fornecesse subsídios para uma melhor compreensão dos filmes, ou seja, formação de plateia, e, ao mesmo tempo, pudesse inspirar a produção local.

Durante o curso foram exibidos e debatidos somente curtas-metragens nacionais com o intuito de mostrar que fazer um filme não precisa ser algo só de Hollywood. Podemos sim contar nossas próprias histórias. Ao fim do curso, durante uma cervejada, Braga e Carlinhos, dois integrantes do coletivo Pró-Arte, fizeram a proposta de filmarmos o Cine Globo quando eu voltasse em novembro, para integrar o júri. Aceitei se eles dividissem a direção comigo, já que essa era a história do cinema da vida deles. Jornalista, Braga disse que seria o produtor e Carlinhos, também jornalista, só que um apaixonado cinéfilo, aceitou o desafio de codirigir o documentário.

Nos meses seguintes trocamos e-mails sobre a produção, o roteiro e o cronograma de filmagem. Era preciso registrar o cinema fora do período atípico do festival, quando as sessões regulares são interrompidas. Além disso, como estaria atuando como jurado não teria tempo para realizar as entrevistas e captar as imagens que julgávamos necessárias para contar

essa história. Assim, desembarquei na cidade uma semana antes para acompanhar o dia a dia do Cine Globo.

Naquele ano, 2015, a exibição ainda era feita em 35 mm, no sistema de rolão²¹, e foi possível filmar todo esse processo que seria logo substituído pelo Digital. Após uma semana de filmagem já era visível que dada a riqueza da história e dos personagens não faríamos apenas um curta-metragem e pensamos que dali iriam nascer pelo menos dois curtas. A certeza de que aquele registro deveria ser transformado em longa-metragem ocorre exatamente devido as mudanças no próprio cinema.

Em 12 de maio de 2017, é inaugurada a nova sala de espera do Cine Globo, um desejo antigo do Roberto, que mudou completamente a fachada ao resgatar o salão principal que estava há décadas alugado para uma loja de eletrônicos. Mas a grande transformação ocorre em 1º de dezembro de 2015, com a instalação do sistema de projeção em 2D e 3D. Uma revolução para o público da pequena Três Passos que lota as primeiras sessões de *Star Wars VII – O despertar da força*. Diante desse cenário, estava mais uma vez com um material filmado e superado pelo tempo como aconteceu com as imagens do Paissandu em 2008. A solução foi continuar filmando em 2016, 2018 e 2019 para dar conta das profundas transformações que estavam ocorrendo no cinema e na família Levy. O filme deveria ter sido finalizado e lançado em 2020, mas a pandemia da Covid-19 alterou esse planejamento.

Uma tradição do festival que acontece desde a primeira edição é escolha de um tema para ser trabalhado junto com as escolas e com a comunidade. No primeiro ano, em 2014, o tema foi *Curta essa história!*, uma homenagem aos 70 anos do município e aos 60 anos do Cine Globo; no segundo, em 2015, o tema foi sobre a água, com o slogan *Ideias Vertentes*; o festival de 2016 falou sobre a relação do município com a terra e a agricultura em *Semeando Cultura*; mas em 2017 diversos problemas financeiros e conflitos dentro do grupo impediram a realização da quarta edição no primeiro hiato do festival.

Para o ano não passar totalmente em branco foi criada a 1ª Mostra Estudantil de Audiovisual de Três Passos, com produções locais, e que aconteceu entre 8 e 9 de novembro na tela grande do cinema. No fim do ano, depois do susto da não realização do evento e com uma reorganização estrutural, o Movimento Pró-Arte decide fazer o festival sem patrocínio em 2018 e com o tema *Uma vida com cinema*, celebrando a resistência não só do próprio

²¹ Antes do rolão, um filme era exibido em várias partes, em rolos menores com até 20 minutos de duração, sendo necessário ter dois projetores e dois projetoristas para trocar os rolos durante a exibição. O rolão foi o apelido dado ao sistema que permitia usar uma bobina grande o suficiente para emendar todos os rolos da película sem necessidade de troca e, assim, utilizar apenas um projetor – sendo uma economia para o exibidor. O rolão passa a ser utilizado no Cine Globo para a exibição do filme *Titanic* (1997) que tinha 195 minutos de duração.

festival, mas também do cinema da cidade. Só que havia uma condição para que o projeto fosse para frente.

Pinto me liga em fins de novembro de 2017 e explica: “Eu coloco o festival na rua em 2018 se você entregar uma versão do filme para a noite de abertura”. Desafio aceito. Era preciso montar uma linha narrativa com a ajuda das 17 entrevistas, feitas entre 2015 e 2016, e as imagens captadas do dia a dia do trabalho no cinema. O resultado foi a versão de 58 minutos apresentada na noite de abertura do festival, em 8 de novembro de 2018. Plateia lotada, pessoas sentadas no chão, fila do lado de fora e o Corpo de Bombeiros presente para impedir que mais pessoas entrassem no cinema.

Os aplausos após a sessão são para o filme, são para a família Levy, para a organização do festival, para os patrocinadores e entes públicos que apoiam o evento, mas principalmente para a plateia que seque ao lado do Cine Globo durante essas sete décadas de história. Roberto, emocionado, agradece e pede: “Deixa uma cópia aqui. Eu posso fazer outra sessão depois que o festival acabar?”.

A versão exibida já estava salva nos HDs do cinema, mas a nova sessão jamais iria acontecer. Semanas depois daquela noite mágica, Roberto é internado. No hospital, não vê a hora de voltar para casa e preparar a nova exibição do filme para amigos, familiares e para as pessoas que não puderam entrar naquela noite. Em 2 de dezembro de 2018, Roberto passaria definitivamente a gestão do cinema construído pelo pai para a terceira geração de administradores da família Levy, o filho Maninho assume o cargo.



Figura 2: Christian (à esquerda) com Maninho e Roberto, duas gerações de gestores do Cine Globo.

O festival de 2019 foi marcado pela emoção não só pela minha homenagem, mas por ser o primeiro sem a presença do Roberto. Nesse momento, eu já estava cursando o primeiro semestre do mestrado no PPGCine com este projeto de pesquisa. A vontade de fazer mestrado era antiga, sempre gostei de estudar, mas faltava encontrar um objeto, um tema, algo que me motivasse a ir além do que só ter mais um diploma na parede.

Filmar essa história foi o primeiro passo nesse caminho. O material levantado era tão vasto, rico e interessante que me motivou a fazer o caminho oposto, já que normalmente são os livros e trabalhos acadêmicos que inspiram os filmes. Escrever sobre o Cine Globo permite uma reflexão sobre a minha relação com o cinema, através das recordações do Cine Ópera, do Veneza, do Condor, do Paissandu e ainda passando por toda a minha trajetória profissional. Estudar a história da família Levy e de Três Passos também abre um caminho de aproximação com as histórias da minha mãe e da minha própria família naqueles anos em Sacramento.

Outro elemento de motivação constante é poder contribuir para um campo acadêmico onde os estudos não se concentrem somente em trabalhos de recepção e na análise fílmica, e sim pensar o cinema através dos fatores sociais, políticos, culturais, geográficos, econômicos e tecnológicos que nos cercam no dia a dia.

São os colonos que chegam a Três Passos buscando uma nova vida, são as estradas de barro e as quedas de energia elétrica que unem Bertin & Levy, é a falta de esmero na preservação do material de arquivo, é o olhar de quem entra pela primeira vez no Cine Globo, é o cheiro da pipoca, a alegria da sala de espera, é o novo sistema 3D que deslumbra a cidade. Nada é irrelevante. Tudo pode ser uma pista no caminho.

Deste modo, por meio de variadas metodologias e métodos emprestados da etnografia, história oral, análise do discurso etc, e com apreço pela produção de bases de dados quantitativos e mapeamentos, os autores ligados ao *New Cinema History* desenvolvem um pensamento vigoroso sobre a sala de exibição e a cultura da ida ao cinema em vista da vida cotidiana das audiências, da memória dos espectadores, das esferas ideológicas e de poder, do gosto, das afirmações identitárias locais etc (FERRAZ, 2016, p.4).

Então se me perguntarem daqui pra frente: “Mas não tinha nenhum cinema para você estudar aqui?” ou “Como um carioca se interessa por uma cidade tão pequena do interior?”, acho que encontrei uma parte dessas respostas e o restante poderá vir com a sequência da pesquisa. Ou não. Mas tudo bem. O importante é continuar nessa jornada de amor ao cinema. Então, vamos conhecer os personagens que começaram essa história, na década de 1940, e tantos outros que ajudaram o Cine Globo a chegar até 2022.

3. CINE GLOBO DE TRÊS PASSOS

Ter um local destinado prioritariamente para a atividade cinematográfica, sendo de propriedade da família Levy, é uma das questões a serem avaliadas na permanência do cinema em Três Passos, mas a história desse empreendimento familiar é cercada de hiatos. A data de início da construção do atual Cine Teatro Globo é imprecisa, assim como a data de inauguração. Na placa de acrílico na fachada do edifício consta o ano de 1955, mas no texto destinado ao histórico do edifício no site do grupo Cine Globo²² o ano citado é 1954. Nos arquivos municipais a documentação depositada tampouco é capaz de trazer luz à questão. Em 17 de setembro de 1954, Elizio Telli, engenheiro civil responsável pela obra, apresenta uma carta ao prefeito municipal solicitando alvará para “a construção de um prédio de alvenaria destinado a cinema, bar e moradia, de propriedade do sr. Alberto Abraão Levy”, anexando memorial discriminativo e planta do projeto.

Na planta, além da indicação do cinema, do bar e da moradia, é possível notar uma quarta finalidade para o edifício, já que consta espaço para abrigar uma loja. A parte frontal no projeto é mais larga e a fachada possui um traçado arquitetônico diferente do que foi executado. A área interna aparece centralizada, medindo 12 metros de largura, tendo a fachada uma largura total de 21 metros. Na proposta original, o edifício teria três entradas para o pavimento térreo, sendo a principal, centralizada, destinada ao cinema, a da direita à loja e a da esquerda dando acesso ao bar, e duas portas para as escadas de acesso ao pavimento superior (Figura 3).

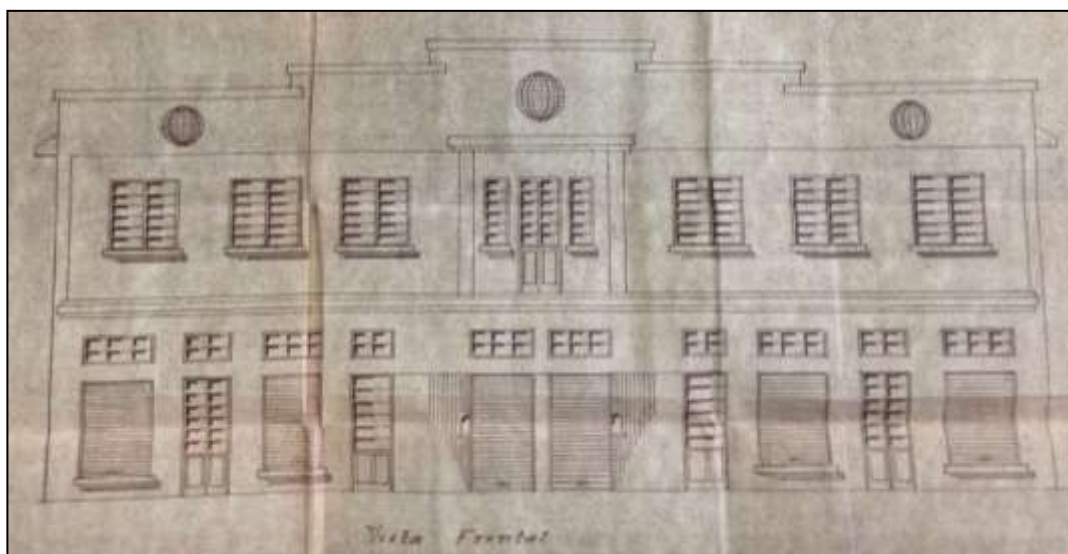


Figura 3: Vista frontal do projeto original do cinema em 17/9/1954.

²² Site do Cine Globo: <<https://www.cineglobocinemas.com.br/#!/historico>>. Acesso em 30/06/2022.

Tanto o bar quanto a loja teriam entradas exclusivas, não possuindo acesso via sala de espera, um indicativo de que poderiam funcionar e serem administradas de forma independente ao cinema. Duas bilheterias posicionadas ao lado das portas de entrada centrais completam o desenho original do que seria o pavimento térreo (Figura 4). O andar superior tinha a cabina de projeção centralizada e duas salas idênticas medindo 8,60 metros de largura.

A sala da direita permitia acesso à cabina de projeção e à bilheteria direita, no andar térreo, já a sala da esquerda era isolada, só tinha entrada pela porta localizada no térreo, indicando também a possibilidade de ser utilizada por terceiros, gerando para a família uma receita fora do escopo relacionado ao cinema. A residência foi planejada para aproveitar o quintal nos fundos do terreno, com entrada independente pela lateral direita (já que na esquerda estava localizado o bar), mas dividindo parede com a tela e ainda dentro do grande telhado que cobre toda a edificação.

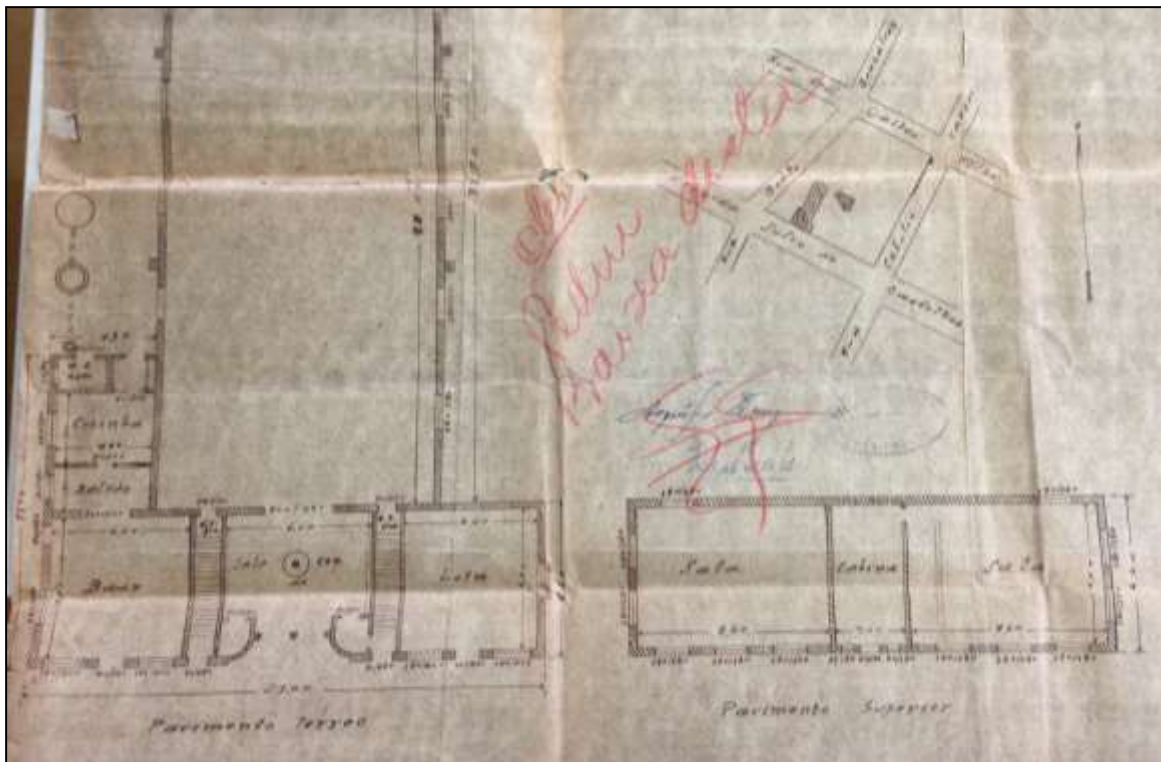


Figura 4: Corte dos pavimentos térreo e superior com detalhe para o terreno na quadra 43.

Em quatro de fevereiro de 1956, Elizio Telli solicita ao Departamento de Obras e Viação da prefeitura um alvará de licença para “construir um edifício de alvenaria para o cinema desta cidade conforme planta anexa”. A planta anexada ao pedido nº 0521 é uma cópia idêntica a apresentada em 1954, indicando que a construção se daria no mesmo local, na Rua Júlio de Castilhos, lote s/n da quadra nº 43, onde já deveria estar o Cine Globo.

O pedido, recebido e assinado pelo diretor de Obras e Viação, ainda apresenta o seguinte lembrete: “Após a conclusão da construção o proprietário deverá comunicar, por escrito à Prefeitura, pedindo vistoria”. Tanto o pedido de vistoria quanto o alvará de funcionamento não estão depositados nos arquivos municipais e uma busca solicitada à Divisão de Receitas e Fiscalização, em 31 de janeiro de 2020, só foi capaz de encontrar registros digitalizados de 1973 até 2020. No arquivo municipal foram encontrados recibos de recolhimento de impostos relativos ao cinema, no nome de Alberto Abraão Levy, a partir de 1971, e nada anterior a essa data²³.

Em entrevista concedida à equipe do documentário *Cine Globo: uma vida de cinema*, em novembro de 2015, Roberto Levy, ao comentar a construção do cinema pelo pai, revela o possível motivo do atraso da inauguração e a discrepância nas datas. Em 1954, com as obras na reta final, uma tempestade com forte vendaval derrubou as paredes laterais que já estavam acabadas e o trabalho teve que ser interrompido.

Eu estava no cinema velho com o meu tio. Nós estávamos lá quando apagou a luz e deu um barulhão. Eu até falei com o meu tio: “Escuta! Que barulho estranho é esse?”. E daí uns minutinhos chegou um cidadão e disse: “Olha, o cinema de vocês caiu.” “Mas como caiu?”. “Ah, as paredes lá caíram tudo”.

E meu pai contratou um pelotão de pessoas para começar a limpar. Os tijolos bons ficavam e os tijolos ruins iam embora. Então foi assim que nós começamos a nossa história aqui em Três Passos (Roberto Levy, 2015).

Roberto não consegue afirmar com exatidão se o cinema foi inaugurado em 1955 ou no início de 1956, mas aposta que o ano foi mesmo 1955. Naquela época, nem sempre os pedidos e solicitações feitos aos entes públicos acompanhavam o ritmo dos engenheiros e muitas vezes eram feitos pós-obra. É possível especular que o redimensionamento do projeto inicial possa ter sido uma contramedida para minimizar os prejuízos com o desabamento e a necessidade de recomeçar a construção das paredes laterais.

O Cine Globo que foi entregue tem a largura da fachada menor do que a desenhada na planta original. Na averbação nº01 da escritura de compra e venda do terreno em 24 de abril de 1959 está registrado que “existe um prédio de alvenaria, coberto com telhas de zinco, medindo 13 metros de frente, por 39,60 metros de fundos, sendo que, uma parte da frente medindo 13 x 7,60 metros é de dois pavimentos, edificado por Alberto Abrahão Levi, tudo

²³ A história contada informalmente nos corredores da prefeitura de Três Passos especula que, entre as décadas de 1960 e 1970, um prefeito, irritado com o acúmulo de papéis, documentos, livros de registros e plantas, manda alguns funcionários queimarem tudo o que estava arquivado numa sala. Quando a fogueira já estava pronta e ardendo, vereadores e outros líderes da comunidade foram chamados para interferir e evitar o pior, mas um grande estrago já havia sido feito.

conforme consta da perspectiva certidão”. O texto da averbação termina com a afirmação de que “Nada mais continua”.

Na certidão de 14 de julho de 1981, quando da atualização do plano de urbanização da cidade, a mesma averbação tem um novo texto onde consta que “em seguimento ao referido prédio nº 490, existe um aumento medindo 9,00 metros por 12 metros, com um anexo medindo 5,50 x 4,00 metros, tudo de madeira, cob/c telhas de barro e de brasilite, edificado pelo sr. Alberto Abrahão Levy no ano de 1954, tudo conforme consta da certidão da Prefeitura Municipal desta cidade”.

Duas cartas solicitando a permissão para a construção de um prédio de madeira para a residência foram encaminhadas à prefeitura no ano de 1953. Em 28 de dezembro, Miguel Archanjo Vasquez, construtor licenciado, apresenta o memorial discriminativo e, em 30 de dezembro, o próprio Alberto apresenta a planta e o memorial, sendo que no documento consta a aprovação do diretor de Obras e Viação, em oito de janeiro de 1954. Se a residência já estava construída em 1954, qual a razão de não estar registrada através de averbação em 1959?

Caçula da família, Gilberto Langner Levy tinha cinco anos nessa época, mas recorda das conversas sobre o desabamento que inviabilizaram a construção da residência familiar com tijolos, já que todos foram utilizados na nova parede da esquerda. “Tu sabe o que é uma construção provisória que vira definitiva? É ela. Ficou definitiva em função do quê? Ele fez ela de madeira, mas ele iria refazer toda ela por fora e tirar a madeira. Como caiu aquela parte do prédio faltaram os tijolos e afins, entendeu?”



Figura 5: Lateral esquerda do cinema com os pilares de reforço e parte inacabada (05/10/2021).

Na reforma executada em 2019, foi redescoberta e reutilizada parte da ala esquerda, no andar superior, que estava emparedada há décadas esperando por obras de recuperação. A área, projetada para ser acessada somente pela escada na parte térrea, ficou inutilizada quando foram feitas alterações na planta original. Uma dessas mudanças retirou a escada esquerda deixando o acesso ao pavimento superior somente pela escada do lado direito que levava à cabina de projeção.

Na figura 5, é possível ver do lado externo os pilares de reforço que foram acrescentados ao projeto original para evitar um novo colapso da estrutura durante a segunda fase da construção. Parte da parede que desabou e alguns vergalhões ainda estão visíveis e assim é possível verificar até onde iria o lado esquerdo do projeto que estava destinado ao bar, no pavimento térreo, e a essa sala, no andar superior. Atualmente, nessa área, após as reformas que aproveitaram parte do traçado original, estão a sala do diretor de marketing, uma copa e um banheiro.

Essa é uma das muitas histórias sobre o Cine Globo que são cercadas de dúvidas e que nos trazem mais perguntas do que respostas como, por exemplo, qual a data exata do início do cinema na cidade? Reportagem do jornal *Atualidades*, de 23 de junho de 1995, destaca a sessão especial em homenagem ao cinquentenário do Cine Globo, com direito a placa comemorativa promovida pelo Movimento Pró-Arte, e realizada em 18 de junho (Figura 6). “Foram momentos de muita emoção e alegria, eis que quando muitas cidades vêm fechando seus cinemas, Três Passos comemora o cinquentenário do tradicional Cine Globo”.
Após as homenagens, os sócios do Pró-Arte e público em geral foram brindados com o filme *Lendas da Paraíba*.



Figura 6: Família Levy no Cine Globo em homenagem realizada pelo Movimento Pró-Arte (18/06/1995).

Importante destacar a presença de Alberto Abraão Levy nesta solenidade corroborando a homenagem que foi amplamente divulgada, com texto no mesmo jornal, em 16 de junho, convidando a população para assistir ao filme *Lendas da Paixão* (1995) e celebrar o aniversário do cinema. É difícil imaginar que os integrantes do movimento cultural errassem tanto assim na data e ainda com aval da família Levy, mas se o cinema foi construído entre 1954 e 1955, sendo a inauguração pressuposta para o ano de 1955, qual a razão do aniversário de 50 anos?

3.1 Primeiros anos: Bertin & Levy

A relação do Cine Globo com Três Passos é anterior à construção do atual edifício e à entrada da família Levy nessa história. Fundado por Júlio Bertin, o Cine Globo funcionava num casarão alugado e adaptado para projeção de películas em 35 mm, na Rua Getúlio Vargas, ao lado da antiga rodoviária. Na Figura 8, foto publicada no jornal *Atos e Fatos*, em 10 de agosto de 2002, na coluna *História da região através da fotografia*, mostra a então rodoviária da cidade e o casarão que abrigou o cinema. A descrição é de Erny Baum, colaborador que enviou a foto ao jornal:

Registro, de década de 50, do Edifício Wathier, na rua Getúlio Vargas - não calçada, onde funcionava a Estação Rodoviária Kunz, o Bar e Café Rodoviária Seidel e Baum e o Cine Globo, e no anexo a barbearia de Pedrinho Schuster. Hoje, no mesmo prédio estão instaladas as empresas Casa São Paulo, Loja Sapeca e Escritório de Contabilidade Contale. No anexo, atualmente, funciona uma relojoaria (*Atos e Fatos*, 10/8/2002).



Figura 7: Cine Globo (à esquerda) e a rodoviária de Três Passos, na década de 1950.

Frequentedora do primeiro cinema, Therezinha Bindé de Araújo, professora e advogada, em entrevista ao documentário *Cine Globo: uma vida de cinema*, em novembro de 2015, faz questão de frisar que a exibição cinematográfica na cidade começa pelo menos duas décadas antes, nos anos finais de 1930, com as projeções itinerantes em 16 mm, que ela chama de cinema ambulante.

Antes do antigo cinema, do antigo Cine Globo, aqui em Três Passos existia os cinemas ambulantes e que já vieram antes do Cine Globo. Então vinha o Sr. Flores que era de Santa Rosa e ele passava nos salões de baile os filmes pra gente em preto e branco. E eu não sei se era mudo ou como é que era porque isso eu já não lembro mais (Therezinha Araújo, 2015).

Sobre o primeiro Cine Globo, instalado no antigo casarão que hoje abriga a Imobiliária Reimann e Seghetto, Therezinha lembra que as cadeiras eram de palha, mas que “todo mundo ia, então era fila de gente para o tal de cinema”. O local ainda era palco de recitais, apresentação de canto e coral, programas de auditório e peças de teatro “como acontece hoje no atual Cine Globo”, finaliza.

Projeccionista do Cine Globo, Bazilio Bourscheid trabalhou no antigo cinema a convite de Júlio Bertin e Alberto Abraão Levy, começando em 1953, e prosseguiu na função por dois anos, sendo o primeiro operador do novo cinema, em 1955. Bazilio contou à equipe do documentário que, apesar de ser uma profissão difícil, gostava muito de trabalhar como projeccionista, mas saiu porque queria aproveitar a juventude e namorar, o que era impossível com as sessões diárias e, principalmente, aos fins de semana.

Nessa época, a cidade passava por um período de desenvolvimento. Distrito de Palmeira das Missões, Três Passos só seria elevado à categoria de município em 28 de dezembro de 1944 e desde então a história da cidade se confunde com a do próprio cinema. O primeiro registro oficial sobre a exibição cinematográfica aparece no livro de Lançamentos do Imposto de Indústrias e Profissões de 1953. Na página 2, nº 94, está a descrição do contribuinte Bertin & Levi, indicando que o comércio estava localizado na cidade, ou seja, na sede do município, e com finalidade classificada como “Cinematográfico” e com imposto pago e recolhido à municipalidade. No livro de 1954, o mesmo registro é localizado na página 2, nº 100, com a grafia errada do nome Levy, mas indicando que naquele ano a empresa ainda estava dividida entre os dois sócios.

Em entrevista concedida ao jornalista Vinicius Araújo, do jornal *O Observador*, e à Elvidia Zamin, coordenadora do Movimento Pró-Arte, em razão da realização do primeiro festival de cinema, em novembro de 2014, Roberto Levy fala sobre os primórdios do Cine Globo e de como aconteceu o encontro do pai com Júlio Bertin.

Nascido em 1902, na cidade de Porto Alegre e filho de imigrantes, Alberto Abraão Levy era comerciante, profissão que abraçou do pai, e cedo desenvolveu o tino para os negócios. No final da década de 1920, recebe o convite para explorar a região de Palmeira das Missões, onde existiam serrarias e olarias abandonadas e sem uso. Compra uma olaria desativada da família Tesche, na área conhecida como Braguinha, hoje município de Braga, e instala também uma serraria.

Mais tarde constrói um grande casarão com 18 quartos para servir de hotel e pousada aos viajantes que faziam o trajeto até Palmeira das Missões. Como as estradas eram de barro, a travessia era demorada e cheia de percalços, sendo comum que muitos veículos ficassem presos no atoleiro após as chuvas (GRAFFITTI, 2004). Foi dessa forma que o destino dos Levy seria atrelado ao Cine Globo.

Certo dia, Plínio Baggio, dono da Rádio Difusora de Três Passos e que residia em Palmeira das Missões, ficou com o veículo atolado no caminho e pediu pouso à família Levy. Já no casarão, na prosa depois da janta, se impressionou com os cinco geradores que Alberto tinha instalados na propriedade, algo incomum para a época, e ainda mais em saber que dois estavam sem uso. De volta a Três Passos, Plínio procurou o amigo Júlio Bertin que sofria com as constantes quedas de energia do fornecimento irregular que a prefeitura mantinha e que atrapalhavam as sessões do cinema. De imediato foram até o Braguinha propor algum negócio para Alberto Levy que decidiu ceder os dois geradores e entrar na sociedade junto com Bertin.

É aqui que a história sobre o início do envolvimento de Levy com o Cine Globo assume ares de lenda. A família conta e reconta que Alberto foi para a Europa, meses antes do início da I Guerra Mundial, acompanhar a irmã Sueli que estudava canção lírica. Na casa dos Levy, em Paris, Alberto deveria morar e estudar medicina, mas com a explosão do conflito armado, em 1914, os irmãos fogem de navio rumo à Buenos Aires e, por fim, regressam a Porto Alegre. Passado algum tempo, possivelmente no início da década de 1920, retornaram à Paris para verificar o que havia restado da residência familiar.

Em 1924, Alberto Abrahão Levy, visitava Paris juntamente com sua família. Na pátria dos irmãos Lumière, considerados mentores do cinema, estava sendo lançado o primeiro filme falado. Na ocasião, ele que já era apreciador da sétima arte, assistiu ao filme. Ficou muito impressionado com a novidade (Site do Cine Globo²⁴).

História contada e recontada, imaginária ou real, para Roberto foi a paixão do pai que impulsionou o negócio inicial com Júlio Bertin e que mais tarde iria ser decisiva na construção do atual Cine Teatro Globo, deixando um legado para a família e um marco para a cidade.

²⁴ Site do Cine Globo: <<https://www.cineglobocinemas.com.br/#!/historico>>. Acesso em 30/06/2022.

Para compreender a decisão de Alberto Levy é preciso esmiuçar os detalhes que estão por trás da lenda e analisar o seu tino comercial e a sua habilidade para administrar uma variada gama de negócios. Alberto começa a percorrer a região de Palmeira das Missões, de onde Três Passos era ainda uma localidade, entre fins da década de 1920 e início da década de 1930, num momento de forte imigração europeia e distribuição de terras devolutas da União aos colonos. Área fronteiriça com a Argentina e em constante ocupação militar desde o período do Império²⁵, que instala a Colônia Militar do Alto Uruguai, em 1879, a região do noroeste gaúcho era rica em madeira de lei, propícia para a agricultura e com baixa ocupação populacional, o que representava uma constante preocupação para o governo brasileiro (GRAFFITTI, 2004).

A partir de 1933, o crescimento econômico e populacional da Colônia Três Passos faz com que as autoridades municipais de Palmeira das Missões transformem-na no 5º Distrito, passando a Vila do Alto Uruguai a ser o 12º Distrito. Feito esse ato, o povoado segue recebendo colonizadores, principalmente alemães que, vindos de áreas anteriormente ocupadas, buscavam as terras do Noroeste, interiorizando a colonização germânica rumo às novas terras, novas oportunidades, enfim, nova vida (GRAFFITTI, 2004, p.38).

Seja buscando novas oportunidades de negócios ou uma nova vida, Alberto se instala primeiro em Campo Novo para depois se dirigir ao Braguinha. Documento da prefeitura de Palmeira das Missões, de 21 de dezembro de 1971, atesta que Alberto Abraão Levy “exerceu as funções de orientador de obras no distrito do Braga, hoje município, durante o período de 1938 a 1944, perfazendo um total de sete anos de serviços públicos prestados a esse município”. No livro de Lançamentos do Imposto de Indústrias e Profissões de 1948 da prefeitura municipal de Três Passos, na página 21, nº 642, consta a serraria de Alberto localizada no distrito de Crissiumal, sendo também registrada no livro de 1949 e no de 1950.

A diferença é que no livro de 1950, página 26, nº 938, consta outra serraria localizada no Braga, assim como ocorre no livro de 1951. Nos registros de 1952, as duas serrarias anteriores, de Crissiumal e do Braga, não estão anotadas, mas sim outra, na página 24, nº 986, na localidade de Redentora. No livro de 1953, além da anotação para a serraria de Redentora, consta o registro do cinema para Bertin & Levi, como visto anteriormente, mas no livro de 1954 só aparece anotação para o cinema, já sem a serraria.

Na entrevista concedida em 2014, Roberto conta que o pai já pensava em se mudar do distrito do Braguinha, para colocar os filhos nos colégios da cidade, quando Vanda Bertin, esposa de Júlio, por volta de 1949 ou 1950, fez a proposta para que ele assumisse o cinema e

²⁵ Criada pelo Decreto Imperial nº 7.221, de 15 de março de 1879.

pagasse a dívida de forma parcelada. Não existindo documentação sobre essa negociação e estando o primeiro registro da empresa anotado em nome dos dois sócios, em 1953 e 1954, é impreciso estabelecer quando foi feita a quitação do negócio por Levy em favor de Bertin ou saber se a venda das serrarias, em Crissiumal e no Braga, foi feita para quitar a sociedade ou para a compra dos terrenos na cidade. Segundo Roberto, Júlio e sua esposa Vanda deixaram Três Passos e foram residir no município de Três de Maio, distante 84 quilômetros, perdendo todo o contato com o Cine Globo fundado por Bertin, na década de 1940²⁶.

Na carta enviada à prefeitura, em 30 de dezembro de 1953, onde pede a permissão para a construção de sua residência, Alberto diz ser “residente e domiciliado no distrito de Braga”, não estando, portanto, residindo em Três Passos nessa ocasião. Os documentos mostram que o pedido para a construção da residência, feito por Miguel Archanjo Vasquez, em 28 de dezembro de 1953, é anterior ao pedido de construção do cinema, feito por Elizio Telli, em 17 de setembro de 1954, mas o que explica esse hiato? Segundo Roberto, a família estava gerindo o Cine Globo, ainda no casarão da Rua Getúlio Vargas, quando o proprietário do prédio, Aparício Villa Real, solicitou que ele fosse desocupado porque havia o interesse em instalar ali o novo cartório da cidade próximo à rodoviária – como de fato aconteceu: “E como o pai tinha serraria e olaria, ele falou: ‘Nós vamos construir um cinema em Três Passos’. E ele começou a obra em 1953, ou 1952, por aí” (Roberto Levy, 2015).

Alberto então teria vendido terrenos em Crissiumal, e mesmo alguns recém-adquiridos em Três Passos, para custear a construção do seu próprio cinema, de onde “ninguém iria me pedir para sair”, conforme repetia para os filhos. A escritura do terreno onde se encontra o Cine Globo foi lavrada em cartório, no dia 22 de dezembro de 1955, e a compra foi dada como quitada pelos vendedores, Albino Schimdt e Serena Luchese Schimdt, no ato da assinatura.

Mas é possível especular que o terreno já estivesse de posse dos Levy antes dessa data, já que os pedidos de construção encaminhados à prefeitura são de fins de 1953 – e as obras sendo tocadas desde antes. Um indicativo de que os engenheiros não esperavam pelos registros. O novo encaminhamento da planta feito em fevereiro de 1956, por Elizio Telli, pode ser uma pista de que Alberto iria concluir o lado esquerdo, que foi comprometido com o desabamento de 1954, o que, por alguma razão, acabou não acontecendo.

Na mesma data, Alberto faz um encaminhamento solicitando a “construção de um galpão para depósito de madeira, que será construído nos fundos do lote s/n da quadra nº 43, desta cidade, aonde está sendo construído o prédio do cinema de sua propriedade”.

²⁶ Em 2020, foram realizadas tentativas de localizar a família Bertin, mas sem sucesso.

Na Figura 8, foto anotada no verso como sendo do ano de 1956, é possível ver o edifício do Cine Globo já construído, com o detalhe da lateral esquerda inacabada, a casa da residência erguida anexa à parede onde fica a tela do cinema e uma pequena casa de madeira ao lado, na esquerda, e o terreno sem divisão de cerca ou muro.

Na foto ainda identificamos, na Rua Getúlio Vargas, a rodoviária e o antigo casarão onde estava instalado o primeiro Cine Globo e entre eles é possível notar uma edificação sendo construída. Na fotografia enviada ao jornal *Atos e Fatos*, por Erny Baum (Figura 7), essa edificação ainda não estava presente, podendo ser observado um espaço vazio entre o prédio da rodoviária e o casarão do cinema. Observações que nos levam a crer que a construção do Cine Globo pode ser mesmo creditada como sendo no ano de 1955.



Figura 8: Fotografia aérea de Três Passos, de 1956, com o edifício do Cine Globo construído.

Em 1955, ano mais provável da inauguração do novo e definitivo edifício que abrigaria o Cine Globo, Alberto, aos 53 anos, com três filhos, já acumulava uma vasta e variada experiência como homem de negócios desde o trabalho na casa comercial do pai em Porto Alegre, onde atuou também como comprador e vendedor viajando pelo interior do Rio Grande do Sul, até decidir iniciar uma vida nova, longe da família, na década de 1930, ao percorrer o noroeste gaúcho.

Na região de Palmeira das Missões, foi proprietário de serrarias e olarias localizadas nos distritos de Crissiumal, Braguinha e Redentora. No Braguinha, construiu o casarão que funcionou como hotel/pousada próximo a estrada principal que ligava Palmeiras das Missões à Colônia do Alto Uruguai, uma posição estratégica para receber viajantes cansados do longo trajeto feito em estrada de barro, numa época que qualquer deslocamento levava no mínimo um dia inteiro. Nesse meio tempo, ainda trabalhou como orientador de obras no distrito do Braga, entre 1938 e 1944, antes da emancipação de Três Passos.

Quem entra em sociedade com Júlio Bertin não é o jovem aventureiro de vinte e poucos anos encantado com Paris e sim um comerciante astuto e experiente do alto dos seus 45 anos. Investir numa casa de espetáculos, em meados da década de 1940, numa cidade do interior, afastada da capital, com uma estrada de difícil acesso e onde tudo funcionava de forma precária não era uma decisão simples.

No livro sobre a imigração e colonização da região, Luiz Gustavo Graffitti entrevista dezenas de moradores para entender a formação do município e como se deu o desenvolvimento de Três Passos. No depoimento dos primeiros colonos, vindos nas décadas de 1930 e 1940, fica perceptível o quão difícil era a vida por aquelas paragens. Constante queda de energia elétrica, mata fechada, encontro com animais selvagens, estradas sendo abertas pelos próprios moradores, pouca presença do poder público estadual ou municipal, urbanização quase inexistente, ou seja, uma cidade a ser construída e criada (GRAFFITTI, 2004). É nesse contexto que a parceria Bertin & Levy é formada por volta de 1946.

Em 1953, quando Levy projeta o edifício do seu cinema, a cidade já está em pleno desenvolvimento, mesmo assim o Cine Globo aparece na fotografia de 1956 como sendo a maior construção e isso considerando que a planta original não pode ser concluída. A aposta de Alberto era ousada e ele queria construir na avenida principal um prédio com cinema, bar, loja e ainda um escritório no andar superior. Um empreendimento coerente para quem administrou serraria, olaria, hotel e ainda foi funcionário público. Mesmo surpreendido com o prejuízo do desabamento de 1954, terminou o edifício com o cinema, o bar e a sala superior da direita que foi alugada para ser um escritório de advocacia.

A permanência do cinema na cidade está intrinsecamente relacionada à construção de uma edificação com o objetivo principal da exibição cinematográfica e não um local alugado, improvisado ou adaptado como acontecia antes na gestão Bertin. Assim, esse “espaço do sonho”, essa “caixa-mágica” (VIEIRA e PEREIRA, 1982) se instala no imaginário cultural da cidade estabelecendo uma relação afetiva entre cinema e audiência (FERRAZ, 2017a).

Ao projetar o edifício destinado ao Cine Globo, Alberto já apostava na diversificação do espaço para além da exibição de filmes. Segundo Vilma Levy, durante os anos de crise, entre 1980 e 1990, o bar foi importante fonte de renda para o cinema, assim como o aluguel das salas foi necessário entre 2000 e 2010. Hoje, esses espaços foram incorporados à atividade econômica fim, a cinematográfica, e o bar se tornou uma lucrativa *bombonière* com pipoca, refrigerante, chocolate, cerveja e uma variada gama de produtos como canecas, camisas, bonés, canetas e chaveiros, além de ser ponto de encontro dos cinéfilos da cidade.

Duas lições que ficariam para as futuras gerações dos Levy: diversificar os negócios e não entrar em sociedade. Para além da visão empresarial, o amor ao cinema é uma herança passada de pai para filho. Roberto relembra a frase que o pai sempre repetia para ele todas as vezes que uma proposta vantajosa chegava até a família para a compra do imóvel: “Eu construí isso aqui para ser cinema, não pode ser outra coisa”.

2.2 Roberto Levy: o Sr. Persistência

Se os relatos sobre a construção do cinema, na década de 1950, são um tanto nebulosos e sem marcos temporais precisos, as décadas seguintes tampouco nos permitem uma visão clara sobre os anos iniciais de atividades do Cine Globo no novo edifício. As entrevistas com os familiares ajudam a compreender tomadas de decisões importantes para o desenvolvimento do negócio, mas, por vezes, são imprecisas em datas e os documentos impressos localizados, que poderiam esclarecer esses hiatos, devem ser analisados com ressalvas – como vimos até aqui (ALBERTI, 2004). Para além do desafio de recuperar os acontecimentos nesses primeiros anos, conhecer e interpretar as decisões da gestão familiar pode ser um caminho frutífero para compreender as razões da permanência da atividade cinematográfica no município.

Permanência, resistência, persistência, palavras repetidas várias vezes ao longo desse texto e que podem ser atribuídas a Roberto Levy, filho de Alberto, e principal nome da segunda geração dos Levy na gestão do cinema. Em reportagem de 18 de novembro de 2011, o jornal *Atos e Fatos* celebra a continuidade do cinema na cidade, em página dupla, lembrando que “Hoje, existem apenas dois cinemas tradicionais no Estado. Um deles está em Três Passos graças ao Sr. Persistência que respira a 7ª Arte”. A reportagem continua dizendo que “O amor ao cinema, por si só, está garantindo a Roberto Levy, 66 anos, o título de um dos dois exibidores mais antigos do Rio Grande do Sul. O outro cinema, dito de calçada, está em Santo Ângelo” (Figura 9).



Figura 9: Jornal Atos e Fatos de 18/11/2011 em folha dupla sobre o Cine Globo.

Alcunha de super-herói à parte, Roberto teve a infância marcada pelo íntimo contato com os rolos de filmes e a graxa dos projetores, seja no cinema velho ou no novo. Em 2015, na conversa com a equipe do documentário, revelou que o filme mais marcante que projetou na tela do Cine Globo foi *Cinema Paradiso* (1988), o amado clássico de Giuseppe Tornatore.

O filme que marcou época aqui, na minha história, foi o *Cinema Paradiso*. Ele fala a história toda do cinema: o gurizinho que começou e aí pegou fogo... Ah, o filme que tocou foi esse aí, né, tchê? Como é que começou, né? Eu, gurizinho, lá com o Bazílio passando filme. Eu subia na cabine, lá em cima (Roberto Levy, 2015).

Cinéfilo, Roberto fazia questão de assistir a todos os filmes que exibia e tinha orgulho de saber operar o projetor, os equipamentos de som, de emendar película e preparar os rolos para exibição, ou seja, colocava o filme sozinho na tela. Roberto Levy Filho, conhecido na cidade como Maninho, filho mais novo e atual administrador, relembra a relação do pai com o avô na lida com o cinema.

Desde pequeno eu nunca vi o vô trabalhar aqui. Sempre o vô estava aqui na frente do cinema conversando com todo mundo. Eu nunca vi ele vendendo ingresso ou lá no projetor. Eu acho que o vô não sabia passar filme. Eu não sei se você tem esse relato. O pai falou algo sobre isso? Eu acho que o vô não sabia passar filme. Porque sempre eram os projecionistas, o Bazílio, e depois as outras pessoas que circularam. O pai começou desde pequeno, desde pequeno que ele passava filme junto com os outros operadores (Roberto Levy Filho, 2020).

Roberto Langner Levy nasceu no distrito de Campo Novo, em três de março de 1945, e tinha 10 anos quando o cinema da família foi concluído, em 1955. Apesar da proximidade com os projetores foi ganhar a vida fora de Três Passos, longe dos negócios do pai. Na carteira de trabalho emitida em 17 de janeiro de 1969 está anotada a função de auxiliar de posto fiscal do Tesouro do Estado, na capital Porto Alegre, função que exerceu até 30 de junho de 1971. Morando e trabalhando na capital, Roberto não esperava voltar tão cedo a Três Passos. Em 2015, ao comentar a passagem de bastão para o filho mais novo, lembrou que o mesmo aconteceu quando teve que assumir o cinema do pai no início da década de 1970.

Tu sabe que isso aí é de berço, né? Eu nunca imaginava na minha vida que eu iria me envolver com o cinema. Eu fui me apegando e eu fui abandonando tudo. Eu fui militar da Aeronáutica, poderia ter dado seguimento, mas abandonei tudo e vim embora pra cá ajudar meu pai. E o que eu estou vendo hoje em dia com meu filho é ele dando seguimento (Roberto Levy, 2015).

Antes do retorno de Roberto à cidade, o Cine Globo passa pela primeira transformação com a troca dos antigos projetores por equipamentos totalmente novos. Dois modernos projetores acompanhados de jogo de lentes anamórficas, panorâmicas e de *Cinemascop*, um novo sistema de som, um gongo elétrico com três tonalidades, dentre outros equipamentos, foram instalados em junho de 1963 (Figura 10). Esses projetores seguiram em funcionamento até a entrada do Digital na Rede Cine Globo, entre 2015 e 2016. Os equipamentos custaram dois milhões e trezentos mil cruzeiros que foram pagos com entrada de um milhão e parcelas mensais de 40 mil cruzeiros, segundo a promessa de compra e venda de 24 de abril de 1963.



Figura 10: Roberto (á direita) na cabine de projeção do Cine Globo na década de 1970.

Em meados de 1959, Alberto Levy solicita um empréstimo à Caixa Econômica Federal e, em 14 de janeiro de 1960, uma declaração de Pedro Darcy Scartazziny diz que “o Sr. Alberto Abraão Levi nada me deve referente a meu serviço na construção do Cinema de sua propriedade na Cidade de Três Passos”. Uma certidão negativa da Prefeitura de Três Passos, de 18 de agosto de 1961, atesta que não existem débitos de Alberto com a municipalidade em relação ao “prédio de alvenaria, situado nesta Cidade.” Dessa forma, a década de 1960 transcorre com relativa calma nas finanças do cinema, já que sendo um negócio familiar também recebe aportes vindos de outras fontes durante possíveis apertos – detalhes dessa gestão serão esmiuçados no próximo capítulo.

Documentos arquivados no escritório do cinema mostram que Alberto Abraão Levy tinha recorrente ligação com o serviço público seja ele de nível municipal ou estadual. Em 24 de agosto de 1965, carta da Prefeitura de Três Passos indica Alberto “para o cargo de Representante Pessoal do Secretário de Educação e Cultura junto a esse município” e a portaria nº 55/66 do Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, de 20 de junho de 1966, nomeia Alberto para servir na Delegacia Regional de Terras de Três Passos.

Memorando da Exatoria do Tesouro do Estado, de 27 de dezembro de 1971, atesta “que Sr. Alberto Abrahão Levy, chefe do Escritório local CEMAPA matrícula 99.867, percebe por essa Exatoria, mensalmente C\$800,00 (oitocentos cruzeiros) de vencimentos brutos, e mais C\$1.250,00 (um mil duzentos e cinquenta cruzeiros) de aluguel mensal, do prédio onde funciona essa Exatoria e a 20ª Inspetoria Regional do ICM”. Esse memorando foi um pedido de Alberto para comprovação de renda, já que novo empréstimo junto à Caixa Econômica Federal estava nos planos e seria feito em 1972 com prazo de pagamento fixado em dez anos, sendo quitado somente em 1982. Com a saúde financeira do cinema estabilizada nesse momento, Roberto retorna a Três Passos para ajudar na expansão dos negócios da família e tem a carteira de trabalho assinada em 1º de abril de 1973, com cargo de gerente, recebendo quinhentos cruzeiros por mês.

Roberto relembra que um dos grandes problemas dos exibidores no interior era a baixa qualidade das cópias dos filmes, além da demora em receber as novas fitas vindas da capital. Primeiro os filmes eram exibidos nas principais salas do país, depois eram enviados para os cinemas de bairro e só então seguiam para as praças menores. Os rolos de película vinham nos ônibus intermunicipais, sofriam com os atrasos devido às condições das estradas e até mesmo por erro dos despachantes das empresas. Quando finalmente chegavam ao Cine Globo, as fitas já tinham rodado por diversos projetores, sendo cortadas e emendadas incontáveis vezes.

Para negociar com as distribuidoras condições de pagamento favoráveis, menor tempo entre os filmes exibidos e cópias melhores, era necessária a ajuda do irmão Gilberto Levy, que mantinha um escritório de advocacia em Porto Alegre, e podia fazer a ponte com os escritórios das empresas distribuidoras na capital. Mesmo listando as dificuldades de gerenciar uma casa de exibição longe dos grandes centros urbanos, Roberto admite que os primeiros anos foram de estabilidade e recorda com saudade as grandes filas que se formavam em frente ao cinema e que davam a volta no quarteirão.

Filmes como *Os Dez Mandamentos* (1956), *Sissi, a imperatriz* (1956), *Ben-Hur* (1959), *A queda do Império Romano* (1964), *A Noviça Rebelde* (1965), *Doutor Jivago* (1965), *Se meu Fusca falasse* (1968), entre tantos outros, garantiam sessões lotadas principalmente aos fins de semana. Mas nem só de Hollywood vivia a tela do Cine Globo.

E teve outros filmes que também marcaram época no nosso cinema que foram os filmes com Oscarito e Grande Otelo, não é? Quando se falava em filme nacional o pessoal vinha ao cinema, vinha assistir. Naquele período, os filmes do Mazaropi, do Teixeira e dos Trapalhões eram recorde de público (Roberto Levy, 2015).



Figura 11: Cine Globo lotado em sessão de *A queda do Império Romano* (década de 1960).

Morando em Três Passos até 1968, o irmão Gilberto trabalhava como bilheteiro controlando o fluxo de entrada e saída nas sessões lotadas e recorda que naqueles tempos nem a televisão era capaz competir com o cinema (Figura 11). “Não, não tinha TV, não pegava, pegava só chuvisco, não tinha fita cassete, não existia nada disso, quer dizer, o único

divertimento que tinha naquela época era o cinema, não tinha mais nada”. Para Gilberto, administrar um cinema, nas décadas de 1950 e 1960, era certeza de bom negócio e justamente por estar numa cidade sem outros atrativos.

O pessoal não tinha o que fazer. Então, o que vou dizer para ti? Guardava assim de mala, com dinheiro. Porque as sessões eram... Eram duas sessões no domingo, às 19h e às 21h, lotadas, e as duas da tarde também, praticamente lotadas. E naquela época, tinha muito mais lugares que tem agora (Gilberto Levy, 2015).

Na década de 1970, apostando na fidelidade do público, a família Levy começa a expansão dos negócios buscando cinemas em outras cidades para administrar. Documento enviado ao Instituto Nacional do Cinema, do Ministério da Educação e Cultura, solicita, em 19 de janeiro de 1976, o registro de uma sala na cidade de Tenente Portela, distante 31 quilômetros de Três Passos. O Cine Delcap, localizado no centro da cidade, na via principal, e com capacidade para 400 pessoas, foi cadastrado como sendo de 2ª classe e sem informações sobre a data de inauguração. O prédio de alvenaria estava alugado para a atividade cinematográfica e os Levy decidem não mudar o nome da sala que também era conhecida na cidade como Cine Castelo²⁷. Tenente Portela era distrito de Três Passos, até a emancipação em 18 de agosto de 1955²⁸, e tem hoje uma população estimada de 13.385 habitantes, segundo dados do IBGE de 2021²⁹, e não possui sala de cinema.

Essa é a primeira investida dos Levy no ramo cinematográfico, fora de Três Passos, que pode ser confirmada para além dos relatos da família, mas não foram encontrados outros documentos que esclareçam como foi a gestão do Cine Delcap ou como e quando se deu a devolução da sala aos antigos proprietários. Em conversas informais, entre 2014 e 2015, antes de sequer cogitarmos a realização desta dissertação, Roberto sempre dizia que a família tinha administrado vários cinemas na região durante as décadas de 1960 e 1970. Somente uma pesquisa nos arquivos dessas cidades poderia trazer luz à questão – o que foi impossível no escopo deste trabalho. Mesmo assim encontramos pistas da passagem dos Levy por alguns cinemas do noroeste gaúcho nessa época.

Em 25 de março de 2000, o *Caderno C*, suplemento de cultura do *COOPERJORNAL*, jornal da cidade de Três de Maio, faz uma reportagem com Roberto Levy sobre a retomada do

²⁷ Informação do site <<https://www.clicportela.com.br/noticia/625/lembranas-vivas-personagens-da-nossa-terra-relembra-passado-de-tenente-portela>> Acesso em 30/06/2022.

²⁸ Site da prefeitura de Tenente Portela: <<https://www.tenenteportela.rs.gov.br/cidade>> Acesso em 30/06/2022.

²⁹ Dados de Tenente Portela no site do IBGE: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/tenente-portela.html>> Acesso em 30/06/2022.

cinema na cidade vizinha de Santa Rosa com o subtítulo: “O Caderno C busca em Santa Rosa o exemplo de sucesso do Cinema Municipal e recupera parte da história do Cine Imperial de Três de Maio”. O assunto se estende da página inteira de capa para a página dupla central e ainda é tema da crônica do suplemento. Na entrevista, Roberto fala dos tempos passados e projeta o futuro: “Temos certeza de que o Cinema Municipal de Santa Rosa será um lançador nacional dos grandes filmes, resgatando os bons tempos de casa cheia, conhecido como o cinema de maior bilheteria do interior do Estado”.

O texto relembra que Roberto está retornando a Santa Rosa após um hiato de doze anos, quando foi administrador de dois cinemas na cidade, o Cine Odeon e o Cine Sideral, entre 1977 e 1988. Na sequência diz que “Desde 1946, a empresa Exibidora Levy Ltda., até a década de 70, administrava uma rede de 32 Cinemas na região”. Infelizmente, por enquanto, nada encontramos para corroborar essa afirmação, sendo possível ainda refutar qualquer ligação da Exibidora Levy Ltda. com o ano de 1946, conforme visto anteriormente nas linhas dedicadas à criação do Cine Globo. A empresa Alberto A. Levy & Cia Ltda. foi inscrita, em 24 de abril de 1984, no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), e através de alteração contratual, realizada em quatro de janeiro de 1994, passa a ter o nome de Exibidora Levy Ltda. Nesta ocasião, acontece também a saída de Alberto Abraão da sociedade, ficando os filhos, Roberto e Gilberto, como diretores responsáveis pela administração.

Já em Santa Rosa, outra empresa seria formada para a gestão do Cine Odeon. A Empresa Cine Globo Ltda. tinha como sócio Adelki Camilo Beltrame, ao lado de Roberto, e tendo Gilberto como gerente, conforme consta do Livro de Registro dos Empregados de 22 de março de 1978. Essa foi uma forma de remunerar o irmão Gilberto, que já morava em Porto Alegre, pelo trabalho feito no contato com as companhias distribuidoras de filmes que tinham escritórios na capital do estado, já que quem gerenciava o cinema era Roberto – mas já tendo a carteira de trabalho assinada anteriormente como gerente do cinema de Três Passos. Esse é um raro momento onde os Levy se associam a terceiros na gestão dos negócios de uma sala de exibição. Não é possível afirmar se essa sociedade estava restrita ao Cine Odeon ou se era extensiva também ao Cine Sideral de Cruzeiro.

É bem provável que nesse período os Levy estivessem administrando, no mínimo, quatro cinemas: o Cine Globo, em Três Passos; o Cine Delcap, em Tenente Portela; além dos dois de Santa Rosa, o Cine Odeon, no centro, e o Cine Sideral, no bairro do Cruzeiro. A decisão de atuar em Santa Rosa, nessa época, foi um marco importante na história da família Levy e do Cine Globo, como veremos mais à frente.

Distante 115 quilômetros de Três Passos e a apenas 31 quilômetros de Três de Maio, o que explica o interesse do *Caderno C* na revitalização do cinema na região, a cidade de Santa Rosa tem hoje uma população estimada de 73.882 pessoas, segundo dados do IBGE de 2021³⁰. Para efeito de comparação, esse número é três vezes superior ao de habitantes de Três Passos, sendo que Santa Rosa já contava no ano de 1927 com cerca de 35 mil moradores, segundo o texto do histórico publicado no site da prefeitura³¹.

Curiosamente o texto sobre a história da cidade cita a atividade cinematográfica, demonstrando a importância econômica e social que o cinema tem em relação ao município. Em Três Passos, atualmente, o site da prefeitura³² sequer cita o Cine Globo, seja na parte dedicada à história ou na relação de pontos notáveis.

Em 1928, começou a funcionar o Cine Odeon, de Agostinho Frainer. Durante quatro anos Frainer passou seus filmes em um caminhão que circulava pelos povoados. O cinema fixo localizava-se onde hoje é o Salão Paroquial, na Rua Sinval Saldanha. Atualmente acontecem sessões de filmes no Centro Cívico e Cultural Antônio Carlos Borges (Site da Prefeitura de Santa Rosa).

A entrada na praça de Santa Rosa foi uma decisão tomada para alavancar os negócios da família, mas também trouxe para Roberto uma mudança de vida. Viúvo, Levy acerta a mudança definitiva e se estabelece na nova cidade para tocar o Cine Odeon e o Cine Sideral que recebem obras emergenciais e reformas, em meados de 1978. No memorial descritivo enviado à Prefeitura de Santa Rosa, em 10 de julho de 1978, estão listadas melhorias na sala de espera, na bilheteria, e no bar para “facilitar a circulação no interior do prédio”, pintura interna e externa, além de uma reforma geral no palco “consertando-se e substituindo-se as peças avariadas em péssimas condições”. No mês seguinte, agosto, um carpinteiro é contratado para executar a reforma total do assoalho do Odeon, na entrada e no palco, além da reforma geral das cadeiras.

Na sequência à reforma, que inclui a instalação de um letreiro luminoso na fachada, os Levy seguem um plano de ação para aumentar o público do cinema voltando suas atenções para os estudantes de escolas e universidades da região. Como efeito de comparação, na reportagem de 2000, data do retorno à Santa Rosa, publicada pelo *Caderno C*, Roberto explica a estratégia que seria adotada para atrair o público jovem.

³⁰ Dados de Santa Rosa no site do IBGE: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santa-rosa.html>> Acesso em 30/06/2022.

³¹ Prefeitura de Santa Rosa: <<https://www.santarosa.rs.gov.br/historia.php>> Acesso em 30/06/2022.

³² Prefeitura de Três Passos: <<https://www.trespazos.rs.gov.br>> Acesso em 30/06/2022.

Levy tem um projeto que pretende desenvolver em parceria com as escolas e Grêmios Estudantis. Ele pretende realizar sessões especiais, durante a semana, com filmes que tenham um objetivo que possa ser discutido em aula, destinadas ao público estudantil, a um preço bem especial. Além disso, Levy está trabalhando num outro projeto de ciclos de filmes políticos, históricos, grandes romances, entre outros. Um terceiro projeto são os ciclos de filmes temáticos, tais como, o ciclo de filmes a serem exibidos na semana da mãe, do pai, filmes que discutem as temáticas dos jovens da atualidade, entre outros (Caderno C, COOPERJORNAL, 25/03/2010, p.4).

Podemos supor que essa estratégia já era aplicada em Três Passos e foi posteriormente levada para Santa Rosa durante a gestão que começa em 1978. E foi numa dessas andanças aos grêmios estudantis que a vida preparou uma guinada para o empresário. Aluna do curso de Letras, da Faculdade Dom Bosco, Vilma Levy era assídua frequentadora do Cine Odeon e relembra o impacto das mudanças da nova gestão.

Quando o Roberto Levy foi o proprietário e que mudou bastante o jeito, inovou bastante o jeito de ser e de apresentar os filmes, trazer filmes mais atuais que ele tinha na época, então isso também chamou bastante a atenção da população.

E ele cativou os alunos. Ele chegava nas escolas e convidava, distribuía ingressos, às vezes - ou ia para o rádio. E foi numa dessas vezes que ele foi na escola, foi lá na universidade e conheceu o reitor, ele ficou muito amigo do nosso reitor e nós fazíamos as nossas turmas.

E foi ali assim que a gente se conheceu. Foi num grupo de amigos que a gente se conheceu e depois mais tarde então a gente se conheceu melhor numa festa que tinha uma janta e conversamos e tal... E a partir daí nós começamos a namorar. E foi e deu certo (Vilma Levy, 2020).

Deu tão certo que acabou em casamento e parceria para toda a vida. Hoje, depois da morte de Roberto, em 2018, Vilma é a matriarca da família e sócia ao lado do filho Maninho na Cine Globo Exibições Cinematográficas Ltda., empresa que gerencia todos os cinco cinemas da rede. A nova integrante da família Levy logo se viu as voltas com o dia a dia do cinema, mas mantinha certa distância nos primeiros anos.

Eu mais acompanhava com ele lá, olhando, mas foram poucas vezes que eu ajudei na bilheteria para cobrir alguém de férias. Mas depois quando eu vim pra cá, eu já não trabalhava mais, daí aqui foi uma parceria direta. Então, trabalho palmo a palmo (Vilma Levy, 2020).

Tendo morado e estudado por anos em Santa Rosa, Vilma faz uma importante distinção entre os dois cinemas. O Cine Odeon, localizado bem no centro da cidade (Figura 12), e o Cine Sideral, no bairro Cruzeiro, distam apenas cerca de seis quilômetros um do outro, mas na época essa distância era mais do que apenas geográfica e a forma de gestão adotada por Roberto, no Odeon e no Sideral, exibindo os lançamentos nos dois cinemas, facilitava o acesso aos moradores do bairro.

Em Santa Rosa, era distante para as pessoas do bairro irem a pé até o Cinema Odeon. Então o povo que dependia de ônibus preferia ficar assistindo no Cruzeiro porque eram os mesmos, os filmes, tanto em Santa Rosa quanto no Cruzeiro. Então, no meu ponto de vista eu percebia assim e até dizia ao Roberto: “Olha o movimento tem nos dois, está repartido, mas não está tão cheio quanto era porque aquele público que gostava de cinema que era de Cruzeiro ficava em Cruzeiro, eles preferiam assistir lá”.

Claro que não eram todos, mas facilitou bastante para as pessoas com menos poder aquisitivo, trabalhadores, estudantes, adolescentes e crianças, principalmente, que não precisavam pegar o ônibus para ir até Santa Rosa, no Odeon (Vilma Levy, 2020).



Figura 12: Cine Odeon, na Avenida Rio Branco, 428, no centro de Santa Rosa, na década de 1980.

Vilma também relembra que nessa época, Roberto percorria quase que diariamente os quilômetros entre as cidades fiscalizando a atuação dos gerentes, mas com especial atenção ao cinema do pai em Três Passos. Abraão cuidava sozinho do Cine Globo depois da morte do filho Adalberto, precocemente aos 27 anos, em 1973 – um dos motivos não verbalizados pela família do retorno de Roberto para a cidade dos pais.

O Roberto vinha toda semana pra cá e eu nem sempre porque antes disso eu trabalhava também. Então nem sempre podia vir, mas às vezes no final de semana a gente vinha. Mas no final de semana era muito raro, porque era o dia que dava movimento no cinema e a gente tinha que ficar lá. Então, a gente vinha normalmente na segunda, ou na quarta, era o dia que o Roberto sempre vinha pra cá.

Ele deixava lá alguém assumindo e vinha, ficava durante o dia, mas de noite ele já tinha que retornar porque era ele quem cuidava de tudo. Não tinha uma pessoa pra dizer assim: “Você assume tudo.” Ele não tinha confiança de deixar alguém cuidando, tinha medo que acontecesse alguma coisa e que só ele poderia resolver (Vilma Levy, 2020).

A investida em Santa Rosa dura até meados da década de 1980, quando a baixa ocupação das salas (aliada à idade avançada de Alberto) faz com que Roberto e Vilma se mudem para Três Passos com o intuito de focar no Cine Globo. A última anotação no Livro de Registro dos Empregados da Empresa Cine Globo Ltda. data de 02 de março de 1987, justamente a demissão de Irineu Luiz Dillmann que estava registrado como “aprendiz de projetor de cinema”. Vilma diz que os sogros não gozavam de boa saúde na época e precisavam de um olhar mais próximo. No ano de 1986, ela já estava morando em Três Passos, com Roberto e o primogênito Luís, e trabalhando no cinema da família. E o movimento no Cine Globo?

Fraco. Na minha opinião fraco porque haviam filmes que davam movimento e que eram mais no final de semana. Aí, a gente tinha alguns dias de semana também, mas aconteceu que acabava não vindo o povo, era pouco o movimento. E assim, dava pra tocar, mas não era lá essas coisas, né? Foi indo até que teve que fechar, não deu mais o movimento (Vilma Levy, 2020).

Se o movimento era fraco em Três Passos, pelos lados de Santa Rosa a situação também não era das melhores. Balancetes de verificação de junho a novembro de 1986, assinados por Joel Itaverru Barreto de Bragança, técnico contábil de Santa Rosa, e direcionados à empresa Alberto A. Levy & Cia Ltda., apontam uma pequena margem de lucro entre junho e setembro, prejuízo em outubro e pequena recuperação em novembro.

O mês com maior lucro, setembro, registra entradas de CZ\$ 39.845,00 contra gastos de CZ\$ 38.110,99 e lucro líquido de CZ\$ 1.734,01. Para efeito de comparação de valores, o cinema gastou no referido mês CZ\$ 1.993,00 em balas e efetuou o pagamento à vista. O prejuízo de outubro foi de CZ\$ 13.543,37, sendo as receitas de CZ\$ 29.483,00 e os gastos de CZ\$ 43.343,37. Em fevereiro de 1986, buscando conter a galopante inflação, o Plano Cruzado, do Governo Sarney, altera o nome do dinheiro de cruzeiro para cruzado. A crise econômica não era exclusividade dos Levy.

É curioso notar como, desde o início, o Cine Globo, e os demais cinemas do interior, andavam na contramão do que acontecia com os cinemas instalados nas grandes capitais como, por exemplo, os do Rio de Janeiro, então capital federal. Os anos da construção, 1954, e da inauguração, 1955, do Cine Globo são considerados por Alice Gonzaga (1996) como pontos de virada entre a expansão e o início da crise do mercado exibidor carioca. Fazendo uma comparação com o suicídio do presidente Getúlio Vargas, no fatídico mês de agosto e um prenúncio de crise, os exibidores prometiam outro “suicídio”, o fechamento temporário de dezenas de cinemas, exigindo a diminuição do controle do governo federal no preço dos

ingressos. No fim daquele ano, o que era apenas uma ameaça se concretizou com o fechamento derradeiro de vários cinemas na cidade (GONZAGA, 1996, p.203).

De acordo com os dados conhecidos, a resposta do público à expansão do comércio exibidor vinha sendo bastante positiva desde o final da Segunda Guerra Mundial. Em números absolutos, inclusive, prolongou-se até o final dos anos 50. Contudo, de 1955 em diante, o fechamento de cinemas prosseguiu em ritmo cada vez maior. Esta flagrante contradição (expressivo desempenho x encolhimento do mercado), porém, não foi percebida em suas reais implicações (GONZAGA, 1996, p.203).

A famosa crônica de Carlos Drummond de Andrade, *Os cinemas estão acabando*, foi publicada na revista *Filme Cultura*, em agosto de 1986, e agitou a cena cultural carioca jogando uma onda de melancolia e nostalgia nos jornais da época. No entanto, Alice Gonzaga faz o contraponto entre o pessimismo do poeta e os investimentos de Luiz Severiano Ribeiro Júnior que “estava se preparando para investir oito bilhões de cruzeiros na abertura de novas salas” (GONZAGA, 1996, p.245). Segundo Gonzaga, as mudanças gradativas no comportamento das audiências foram ocorrendo desde a década de 1960, estando relacionadas a diversos fatores como a reurbanização das cidades, pauperização de parcela expressiva da população e o surgimento de novos meios de comunicação.

Com a queda de público e receita, grandemente acentuadas a partir de 1961, o prestígio do espetáculo cinematográfico ficou abalado. As plateias passaram a reclamar do envelhecimento e do mau estado das salas e dos programas oferecidos, considerados em muitos casos apelativos. Interrompeu-se o hábito compulsório de ir ao cinema. Os espectadores de classe média foram se deixando guiar por certos aspectos ligados ao filme (origem, tema, repercussão na imprensa). Uma parcela, inclusive, colocava em xeque a sala de exibição em si e sua significação social como forma de lazer (GONZAGA, 1996, p.203 e 204).

Buscar paralelos entre a situação do interior gaúcho com o Rio de Janeiro, mesmo que para efeito de ilustração, pode não ser a forma ideal de entender os movimentos do mercado exibidor, mas na capital Porto Alegre o cenário não diverge em nada naqueles anos de 1980. Cristiano Zanella relembra dos vários cinemas de calçada, principalmente os localizados no centro, que desapareceram nessa década e o início da migração do público para as salas instaladas dentro dos *shopping centers*.

Durante os anos 80 e 90, o Imperial resistiu bravamente à onda de falências das salas consideradas antiquadas ou obsoletas (as que não fecharam as suas portas seguiram operando com filmes pornográficos ou de baixa qualidade). Em 1987, o vizinho Guarany, fechado desde 1975 (depois de ter sido expulso do prédio ao lado, onde hoje localiza-se o Banco Safra), instala-se no mezanino do Imperial, formando um complexo Imperial/Guarany, administrado pela Companhia Nacional de Cinemas, associada à rede GNC Cinemas (ZANELLA, 2006, p.40).

De volta à Três Passos, os problemas financeiros estavam à porta dos Levy. A estabilidade dos primeiros anos instigou a expansão nos 1970, mas o que se viu na década de 1980 foi uma redução drástica do público, motivada também pela crise econômica do país, o que levou à retração dos investimentos. É possível afirmar que Roberto Levy estivesse ciente de toda essa movimentação no parque exibidor nacional.

Para além das conversas telefônicas diárias com os representantes das distribuidoras e com outros donos de salas da região, Levy fazia questão de assinar os jornais da capital, como o *Zero Hora*³³ e o *Correio do Povo*³⁴, para se manter informado e observar se os filmes que pretendia trazer para o Cine Globo estavam fazendo sucesso em Porto Alegre. Parte desses jornais ainda se encontra guardado em pastas e sacolas, sendo de extrema utilidade a esta pesquisa e indicando o acesso de Roberto a todas essas transformações.

Não é raro resumir o contexto anterior aos anos 1970 como um período estanque, primordialmente caracterizado pelas saudosas salas de ruas e palácios de cinema, sobretudo em contraposição à crise do setor exibidor que se aprofundou justamente a partir da segunda metade da década de 1970. Ou seja, ocorre uma idealização ou, pelo menos, uma generalização de todo o cenário anterior à crise, que se arrastou por mais de duas décadas, até a reformulação do mercado exibidor brasileiro com a chegada dos grupos exibidores estrangeiros e do conceito de multiplex nos anos 1990 (FREIRE; ZAPATA, 2017, p.178).

Para driblar a crise, nesse primeiro momento, a estratégia foi diminuir o número de sessões, abrindo o cinema apenas de sexta a domingo, e com Roberto assumindo a projeção das fitas, ao mesmo tempo em que o bar se tornou importante fonte de renda para a família. Cozinheira de mão cheia, como se diz no interior, Vilma Levy conta que foi preciso contratar ajudantes nessa época, mas não para o cinema.

Eu fazia os lanches, fazia pastéis e empadinhas e o pessoal gostava muito, fazia bolo de tudo quanto é tipo. Fazia muito bolo. O pessoal gostava dos bolos que eu fazia e, enfim, daí a gente vendia. Eu comecei a fazer uma massa caseira de pastel e eu fazia um recheio bem gostoso e o pessoal gostava.

E tinha um menino que entregava nos bancos na hora do lanche porque na época não tinha assim facilidade. Hoje tem mais facilidade de lanche, mas naquele tempo não. Então, ficou fácil. Tinha encomenda certinha para entregar nos locais e era mais assim pastéis e sanduiche, o nosso carro-chefe (Vilma Levy, 2020).

O bar foi importante aliado, mas não foi a única estratégia adotada pelos Levy. Desde a fundação que Três Passos carrega a fama de bom pouso para viajantes da região. A cidade surge no entorno de uma casa de guarda, construída em 1882, pelo exército brasileiro, com o

³³ Sobre o jornal Zero Hora: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/praticas-editoriais/> > Acesso em 30/06/2022.

³⁴ Sobre o jornal Correio do Povo: < <https://www.correiodopovo.com.br/> > Acesso em 30/06/2022.

objetivo de vigiar e proteger a estrada que ligava a Colônia Militar do Alto Uruguai até a cidade de Palmeiras das Missões.

Este local fora escolhido por contar com três córregos de água potável que serviam a homens e animais, recebendo a todos os viajantes com hospitalidade e generosidade de uma natureza profícua e abundante. Chamado inicialmente de Pouso dos Três Passos, é neste local que mais tarde surgirá uma cidade moderna com a marca da amizade e hospitalidade em seu seio (GRAFFITTI, 2004, p.30).

O Hotel Ideal³⁵, construído em 1956, na mesma avenida e próximo ao Cine Globo, era pouso recorrente para comerciantes e vendedores que circulavam na Região Celeiro. Em 2018, ainda antes da demolição, foi tema do documentário *Hotel Ideal: Maior e Melhor*³⁶, realizado por estudantes da oficina *Mãos à obra* que integra o projeto *#Cidade Cinematográfica*. No filme, um ex-funcionário relata a fidelidade dos clientes que até desviavam do caminho para dormir em Três Passos. Vilma conta que foi com esse público que o cinema voltou às sessões diárias noturnas na década de 1990.

Na época tinham muitos viajantes que visitavam o comércio em geral e eles ficavam nos hotéis da cidade. Então à noite esse pessoal se juntava e queria passar algumas horas de lazer. E quase sempre eram pessoas de fora que vinham assistir aos filmes aqui durante a noite (Vilma Levy, 2020).

Mesmo abusando da criatividade, os anos 1990 passaram de forma lenta para os Levy que já não sabiam o que fazer para manter o cinema funcionando. Ofertas para venda ou aluguel do edifício eram constantes e não paravam de chegar às mãos de Roberto. Com localização privilegiada na avenida principal, ao lado da agência do Banrisul e pronto para ser transformado em igreja, mercado ou loja de departamentos, o Cine Globo tinha tudo para entrar nas estatísticas de salas fechadas Brasil afora.

O fôlego para seguir funcionando em meados da década de 1990 veio com a ajuda do coletivo criado por moradores que questionavam a falta de opções culturais na cidade. As ações do Movimento Pró-Arte serão analisadas em detalhes no próximo capítulo, mas foram fundamentais para dar sobrevida ao negócio familiar naqueles anos. A reforma e ampliação do palco do cinema, possibilitando a realização de peças de teatro e apresentações artísticas, foi uma aposta certa do grupo que seguiu ativo até meados de 2001.

³⁵ Sobre o Hotel Ideal: <<https://trespassosnews.com.br/video-antigo-hotel-ideal-e-demolido-no-centro-de-tres-passos/>> Acesso em 30/06/2022.

³⁶ Sobre o filme: <<https://www.youtube.com/watch?v=L4XgMODLj8g>>. Acesso em 30/06/2022.

Antes de adentrar no novo milênio, o Cine Globo ainda teria história para contar e o ano de 1998 marcaria uma série de despedidas. Alberto Abraão Levy faleceu em seis de junho de 1998, mas antes ainda conseguiu ver o seu cinema lotado e com enormes filas formadas na rua. A agitação tinha nome: *Titanic* (1998), o épico de James Cameron fez o Cine Globo resgatar os velhos tempos, mas a alegria não durou muito.

No ano seguinte, Roberto decide fechar o cinema em Três Passos e preparar os equipamentos para retornar à Santa Rosa, cidade que sempre foi acolhedora para com suas investidas. O bar foi fechado e o espaço da sala de espera foi reformado e alugado para gerar receita. Vilma Levy retoma a carreira de professora e passa a lecionar em Tiradentes, cidade vizinha a 20 quilômetros de distância. O clima era de fim de festa e sem motivos para celebrar os anos 2000, mas Vilma conta que Santa Rosa soube retribuir a nova aventura dos Levy.

Foi uma oferta que veio do poder público, a Prefeitura fez uma parceria com o Centro Cívico e teve uma licitação onde ele ganhou essa licitação. Aí ele montou lá, levou pra lá os equipamentos e o cinema voltou a dar certo porque o pessoal estava carente em Santa Rosa, sempre foi um público que gostou de cinema.

O Roberto sempre foi bem exigente quanto ao som e essas coisas, na medida do possível, e os equipamentos que ele tinha na época procurava manter bem em dia, bem afinado. E foram bons esses anos porque deu bastante movimento e todos os filmes eram muito bons (Vilma Levy, 2020).

A segunda empreitada em Santa Rosa não iria envolver sociedade com terceiros e nem arrendamento de salas recém-fechadas, já que Roberto não podia apostar e assumir mais riscos. O contrato de prestação de serviços celebrado entre a Prefeitura e a Exibidora Levy Ltda., em 10 de fevereiro de 2000, exigia basicamente que Roberto fizesse o que mais sabia: programar bons filmes e manter o negócio no azul, sem ter prejuízo por três meses seguidos. Levy entrava com todo o equipamento para a projeção, a expertise em programação e arcava com o salário e o treinamento dos funcionários, já à prefeitura caberia a cessão do espaço do Centro Cívico e Cultural Antônio Carlos Borges.

Como o prédio era público, a prefeitura também arcava com o pagamento das contas de consumo e ainda disponibilizava uma verba mensal para a manutenção. Os lucros auferidos seriam divididos igualmente entre as partes. O contrato era válido por dois anos com possibilidade de ser automaticamente renovado por mais dois anos em caso de interesse mútuo – o que acabou acontecendo.

A exibição de *Titanic*, em 1998, não serviu apenas para que Alberto Levy se despedisse do cinema em grande estilo. Roberto conta que a extensa duração do filme obrigou os exibidores a utilizarem o sistema de rolão porque era inviável preparar os 195 minutos do

filme para exibição usando apenas os rolos pequenos com duração máxima de vinte minutos. No sistema anterior dois projetores eram necessários para se projetar um filme, mas com o rolão preparado bastava uma máquina. Dessa forma, Roberto deixa um projetor em Três Passos e leva o outro para o Centro Cívico, em Santa Rosa, com o pensamento de reabrir o mais rápido possível o cinema do pai.



Figura 13: Roberto Levy na entrada do Cine Globo, entre as reformas de 2002 e 2014.

O tão esperado retorno acontece em agosto de 2002, praticamente dois anos e meio após o encerramento das atividades na cidade. A edição do jornal *Atos e Fatos*, de 10 de agosto de 2002, estampa na capa a manchete “Cine Globo retorna com Homem-Aranha” e recorda, na legenda da foto, os anos de ausência do cinema. A reportagem na página 7 não é extensa, mas tem uma foto de Levy segurando o cartaz do filme e ainda uma importante fala sobre as mudanças que o público verá na reabertura do Cine Globo.

O proprietário Roberto Levy (foto) anuncia que o retomo do cinema deverá acontecer ainda neste mês. Até o final de agosto, segundo ele, o mesmo técnico que dá assistência aos cinemas de Porto Alegre deverá remontar o cinema de Três Passos, cujos equipamentos estão sendo modernizados. Já o prédio da casa de espetáculo está passando por reformas com o objetivo de oferecer mais conforto aos expectadores (sic). O acesso à sala de projeção será pela lateral do prédio, através de um túnel adequadamente iluminado para não prejudicar a visão do público.

O Cine Globo, salienta Levy, voltará com sessões às sextas-feiras, aos sábados e aos domingos. Entre as fitas que serão exibidas em breve estão *Homens de Preto 2* e *Uma mente brilhante* (*Atos e Fatos*, 10/08/2002, p.7).

Esse registro é importante para reafirmar que a frente do cinema, onde ficava a sala de espera, continuava sendo alugada para gerar receita e ainda coloca data na reforma que prepara a parte lateral da direita para a entrada e saída do público. Um indicativo de que o cinema não funcionou realmente desde o fechamento, já que a entrada se dava antes pelas grandes portas centrais. Hoje, mesmo com a reinauguração do salão principal, o acesso à sala de exibição continua sendo dessa forma.

A análise dos registros fotográficos (Figura 13) de Carlos Roberto Grün, feitos ao longo das décadas, fornecem informações preciosas sobre as mudanças estéticas na fachada do cinema e de adequação técnica em seu interior. A parte térrea do edifício foi reformulada para atender as necessidades da família nos momentos de crise, mas as características básicas da fachada, principalmente no segundo andar, permaneceram as mesmas.

Neste sentido, é válido notar que os prédios de cinemas de rua mais antigos, independente de ainda funcionarem ou não (e a despeito das atividades-fim às quais foram destinados com o tempo), quando não sucumbem à demolição ou a descaracterizações muito agressivas, permanecem em pé como construções e/ou dispositivos midiáticos que, com efeito, serão sempre capazes de oferecer algum tipo de acesso ao passado; inscrevem-se nas superfícies das urbes como marcos espaciais, pontos de conforto e reconhecimento identitário e âncoras lançadas em meio às constantes reconfigurações de práticas simbólicas e hábitos ligados ao consumo de imagens, tecnologias, mídias nas cidades (FERRAZ, 2017a, p.03-04).

O Cine Globo retorna, mas o público não. Roberto segue teimando em manter a sala aberta pela década seguinte queimando o lucro que vinha da sala de Santa Rosa e até as economias da família. De Porto Alegre, o irmão Gilberto mandava uma verba mensal para evitar que as contas do cinema ficassem no vermelho. Vilma afirma que essa sempre foi a estratégia dos Levy.

Sempre nas crises financeiras a família foi vendendo algum bem que tivesse: um terreno, apartamento ou algo para manter o cinema. Porque o sr. Levy nunca queria se desfazer desse prédio que foi um sonho dele que ele plantou. Ele amava muito essa arte como ele mesmo dizia. Ele disse: “Enquanto eu tiver algo aqui para vender eu vendo, mas esse prédio eu não vou vender” (Vilma Levy, 2020).

Apesar de todos os problemas, Roberto, aos 66 anos, o Sr. Persistência, revela na reportagem de 2011 os planos para o futuro. “Mas, persistente como só ele, Levy pensa em investir mais, sempre mais em seu cinema. No próximo ano quer pintar a sala (a cor será bordô), melhorar as cadeiras, ampliar a tela e adotar som digital” (*Atos e Fatos*, 18/11/2011, p.16.). Quem leu aquela reportagem e frequentava o vazio Cine Globo deve ter estranhado tamanha confiança, mas Roberto estava de olho no futuro do cinema, através da entrada do Digital, além de apostar que uma certa história iria se repetir.

3.3 Levy Filho, o Digital e a Rede Cine Globo Cinemas

A capa do suplemento *Arte & Agenda*, do jornal *Correio do Povo*, de 30 de janeiro de 2010, com o título “Épicos chegam aos cinemas em 2010”, faz um panorama dos lançamentos cinematográficos mais esperados daquele ano e analisa quais seriam as apostas de maior sucesso. No final da página, um breve texto fala sobre o investimento nas cópias em 3D.

O formato 3D está sendo considerado o futuro do cinema. De um lado, proporciona uma imersão na história por parte do espectador. Para os produtores, é uma forma de atrair o público, visto que o cinema vinha sofrendo com a concorrência ilegal da pirataria. Animações estão entre as novidades deste ano que chegarão em 3D (*Correio do Povo*, 30/01/2010).

O suplemento estava arquivado numa pasta do escritório de Roberto Levy. Junto dele tantos outros jornais, inteiros ou recortados, que abordavam questões tecnológicas ou que traziam ideias e estratégias inovadoras na gestão das salas de exibição. A capa do *Segundo Caderno*, do *Zero Hora*, de 16 de janeiro de 2010, dava destaque total ao 3D com a reportagem “De olho nos óculos”, onde tirava dúvidas sobre a higienização dos óculos ofertados ao público com recomendações de um oftalmologista. O texto lembrava que o 3D estava presente na capital Porto Alegre desde o final de 2008, mas que só agora com o sucesso de *Avatar* (2009), outra produção de James Cameron, é que muitos espectadores tiveram o primeiro contato com a nova tecnologia.

Sempre atento às mudanças no parque tecnológico e consciente da curiosidade das plateias com novidades, Levy busca repetir em Três Passos o expediente dos jornais da capital. Carlos Roberto Grün, jornalista do *Atos e Fatos*, confirma a estratégia.

Ele me dizia assim: “No dia tal eu vou ter uma novidade, mas não vou te contar agora”. Depois ele me contava e eu ia lá fazer matéria e tirava fotos. Ele chamava um técnico de Porto Alegre e trocava um equipamento, a lâmpada, mexia no som pra ficar melhor. Sempre ele estava mudando alguma coisa para melhor (Carlos Roberto Grün, 2020).

O sonho era retomar a sala de espera, fazer uma grande reforma e modernizar os equipamentos de exibição, mas sozinho Roberto não tinha forças para instalar o 3D e investir no negócio, já que o cinema seguia no vermelho e dependendo de outras fontes de renda para não fechar. Nessa época, os Levy estavam apenas com a praça de Três Passos, já que o contrato com a Prefeitura de Santa Rosa havia terminado. O momento era de total indefinição para o Cine Globo.

Na entrevista de 2020, Vilma relembra que “teve propostas para ser vendido o cinema, mas sempre acontecia alguma coisa, algo assim que não dava certo. Parece que não era pra

vender o cinema”. Gilberto Levy, de Porto Alegre, acompanhava a situação da empresa da família e fazia aportes financeiros quando a situação era mais grave, mas os anos de crise estavam se alongando.

Atual gerente do Cine Globo, Eduardo Moeller começa a trabalhar com os Levy aos 15 anos, ajudando na obra realizada em 2014, para na sequência prosseguir como auxiliar de Roberto e sendo testemunha da passagem do 35 mm para o Digital. Os últimos anos da película, em Três Passos, foram de sessões vazias.

Para você ter uma ideia, tinha final de semana que a gente passava uma sessão, às 21h apenas. A matiné que é à tarde, geralmente a sessão infantil, não dava, ou se dava era ali três ou quatro pessoas. Uma coisa assim que quase não era viável você passar o filme.

Mas passava?

Ah, às vezes passava sim. É que nem a gente hoje, por consideração as pessoas que veem. Muitas vezes vêm cinco ou seis pessoas e até duas. Muitas vezes é a última sessão ou é uma de uma cidade distante e não vai perder a viagem, o trajeto que ela fez. Isso a gente leva em consideração (Eduardo Moeller, 2020).

Reportagem do *Segundo Caderno*, do *Zero Hora*, de 24 de maio de 2014, tinha como título “Película com os dias contados” e no subtítulo “Diante do fim do lançamento dos filmes 35 mm, Brasil está atrasado na digitalização de seu circuito exibidor”. O texto ressalta que o país se aproximava de 50% de digitalização do parque e que a partir de julho daquele ano as empresas distribuidoras não seriam obrigadas a disponibilizar cópias em 35 mm de seus lançamentos. Muitos exibidores já reclamavam da dificuldade em conseguir filmes em película. A reportagem dá destaque aos cinemas de Porto Alegre, mas abre espaço também para os problemas enfrentados pelos exibidores do interior.

Flávio Panzenhagen, dono do Cine Cisne, de Santo Ângelo, fez o investimento por conta própria: “Como ex-presidente do sindicato dos exibidores, estava por dentro do que aconteceria. Investi cerca de R\$ 400 mil. Com recursos próprios e financiamento bancário. Eu levava cinco semanas para estrear um filme. Hoje, sou lançador de filme. Temos que ir atrás”. Outros três proprietários do interior do estado são entrevistados e entre eles está Roberto Levy que é categórico em sua fala: “Se não entrar nessa, não poderemos mais exhibir filmes. Aí, poderemos fazer coisas como a transmissão de jogos. Nossa região tem 170 mil pessoas. Vou tentar, né?”. Marcelo Perrone, que assina o texto, ressalta que os exibidores contam com o apoio do governo federal através de financiamento do BNDES³⁷ (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e gerenciamento via Ancine.

³⁷ Sobre o BNDES: <<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home>>. Acesso em 30/06/2022.

Segundo a reportagem, o investimento para adquirir um projetor com resolução 2K, sistema de som 5.1 e o servidor girava em torno de R\$ 120 mil, valor que poderia ser dividido em parcelas de até 72 meses e com juros zero para exibidores que tivessem até quatro salas. “Incluindo *royalties* do *software*, seguro e manutenção, o custo mensal do exibidor fica entre R\$ 2,5 mil a R\$ 3 mil por sala”, calcula o advogado e cineasta Henrique de Freitas Lima, representante regional de um consórcio montado para fazer a ponte entre exibidor, banco e a fabricante de equipamentos.

Diante desse cenário e com o seu cinema registrando saldo negativo nos últimos anos, a resposta otimista de Roberto à entrevista causa estranheza mais uma vez. Sem a digitalização, o Cine Globo será obrigado a fechar as portas porque dificilmente terá acesso aos lançamentos, em película, a partir de 2015, conforme profetizava a reportagem de 24 de maio de 2014. É nesse momento que outro personagem da família Levy assume o protagonismo na gestão do cinema. Rindo, Maninho³⁸ relembra o susto do pai ao ler o jornal que vaticinava o fim da película com data marcada.

Então, eu me lembro até hoje. Ele pegou o jornal e começou a chorar me mostrando assim, entendeu? Aí, eu falei pra ele... Porque eu já sabia da digitalização. Eu falei para ele: “Não, mas vai dar certo, nós vamos atrás disso aí”. Só que não tinha dinheiro, né? Era meio milhão e tal. E ele sempre com medo: “Como vai botar esse dinheiro todo? Não vai pagar nunca isso aí” (Roberto Levy Filho, 2020).

A entrada de Levy Filho nos negócios da família segue um roteiro muito semelhante ao de Roberto na década de 1970 e marca a passagem para a terceira geração dos Levy no comando do Cine Globo. Formado em Marketing & Publicidade, pela Uninter, em 2012, Maninho administra hoje a Cine Globo Cinemas, uma rede que conta com salas em quatro cidades, além de Três Passos.

A expansão pode até ser similar a realizada por Roberto entre 1970 e 1980, mas essa não era a ideia inicial quando ele resolve voltar para casa em 2012, depois de passar quatro anos trabalhando indo de uma cidade para outra.

Voltei porque cansei de ficar correndo de lá pra cá. E aqui estava muito jogado e meu pai já tinha vendido até o carro para pagar as contas. Ele estava com uns papos de vender de novo depois que teve aquele papo do Panamericano. Ele estava com um papo de vender para a Becker. E aí eu voltei para gente mexer e ver se engrenava o cinema. Mas eu não tinha uma ideia assim: “Ah, eu vou voltar e fazer uma rede”. Aconteceu, né? (Roberto Levy Filho, 2020).

³⁸ Filho mais novo de Roberto e Vilma, Maninho, apelido de Roberto Langner Levy Filho, nasceu em 16 de novembro de 1988, em Três de Maio, sendo que o casal tinha o primogênito Luís. Roberto ainda é pai de Sara Raquel Levy, fruto de seu primeiro casamento. Iremos utilizar Levy Filho, ao longo do texto, ao invés de Roberto para evitar confusão com o nome do pai, mas alguns entrevistados irão se referir a ele pelo apelido de Maninho.

Roberto tinha 28 anos quando, em 1973, passa a gerenciar o cinema do pai. Aos 24 anos, Levy Filho tem o desafio de salvar o Cine Globo da falência e conta com a experiência de ter trabalhado como empresário e agente de grupos musicais, entre 2007 e 2012, e morado em várias cidades nesse período. A primeira iniciativa visa aumentar o leque de opções culturais, indo além dos filmes, para ocupar o espaço com peças teatrais e shows gerando receita através de aluguel e as vendas no bar.

Quando eu voltei pra cá, eu comecei trazendo peças de teatro. Essa foi a ideia também de agregar outros eventos a esse espaço. Porque eu fui em outros cinemas com capacidade bem menor, com tela menor e nós com um baita de um cinema. Eu fui em casas de espetáculos que eram também locais pequenos. Então, tudo estava meio que tumultuado assim... Vamos trazer teatro, vamos trazer show, vamos continuar o cinema, entendeu? Essa era a ideia. Tanto que o Cine Globo sempre foi Cine Globo e, em 2012, eu botei o Cine Teatro Globo (Roberto Levy Filho, 2020).

A alteração no nome pode ter trazido sorte ao empreendimento, mas foi uma conhecida estratégia da família a responsável pela virada no jogo. Entre 2012 e 2013, Levy Filho percorre diversos municípios agendando shows e peças teatrais em espaços públicos ou privados e foi numa turnê teatral, em meados de 2013, que conhece o Centro Cultural de Palmeiras das Missões³⁹, cidade a 100 quilômetros de Três Passos. Após tratativa com o poder público municipal, o Cine Globo Palmeira⁴⁰ é inaugurado em 29 de agosto de 2014, com contrato de concessão parecido com o firmado em Santa Rosa, no ano de 2000. A diferença nesse contrato é que os Levy conseguem levar o nome Cine Globo para a nova sala e assim expandir a marca para além de Três Passos.

O ano de 2014 é particularmente importante para o futuro do Cine Globo. Com duas experiências exitosas na cidade e com a perspectiva de mudança para a tecnologia Digital, os Levy entram na licitação para instalar outra vez um cinema no Centro Cívico e Cultural Antônio Carlos Borges, na sempre acolhedora Santa Rosa. O plano era começar a operar no novo espaço com o equipamento Digital, já que o único projetor da família, em funcionamento, estava instalado em Palmeira das Missões, para honrar o contrato com a prefeitura local. A sala em Três Passos estava novamente desativada, mas os próximos meses trariam boas perspectivas. Nascido do sonho de dois cinéfilos, o 1º Festival de Cinema de Três Passos estava marcado para acontecer entre os dias 13 e 15 de novembro de 2014 e com total apoio da família que prepara uma nova reforma para receber o público (Figura 14).

³⁹ Palmeira das Missões possui 32.967 habitantes segundo dados do IBGE de 2021. <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/palmeira-das-missoes.html>>. Acesso em 30/06/2022.

⁴⁰ Fanpage do cinema: <<https://www.facebook.com/cineglobopalmeira/>>. Acesso em 30/06/2022.



Figura 14: Capa do *Atos e Fatos* com a anotação de Roberto para “guardar” o jornal.

Com a ideia de ter o cinema funcionando antes e depois do festival, Levy Filho consegue um projetor 35 mm emprestado com Roberta Gorniski, diretora do Grupo Movie Arte, que mantêm salas em Santa Maria, Bento Gonçalves e Erechim, e que estava adiantada na implantação do Digital. “Eu pedi emprestado, mas quase que ela deu, né? Porque está aí até hoje. Eu falei: ‘Tu quer de volta?’ e ela falou: ‘Ah, deixa aí, depois a gente vê.’ E está aí até hoje”.

Com duas salas funcionando, a expectativa pelo festival na cidade e o possível retorno à Santa Rosa, faltava apenas uma decisão para fechar o ano de 2014 dos Levy que era finalizar a compra dos novos projetores com tecnologia Digital para os três cinemas.

Eu já tinha assinado o contrato e estava esperando o projetor chegar porque ele vinha de barco da Bélgica e ia entregando conforme os lotes. E eu estava esperando chegar o projetor de Santa Rosa e eu tinha assinado, mas não tinha nem ganhado a licitação. Eu já tinha assinado em novembro de 2014. Aí, em março de 2015 que nós ganhamos a licitação. Em junho de 2015 que chegou o projetor (Roberto Levy Filho, 2020).

O primeiro projetor Digital é direcionado para a instalação do Cine Globo Santa Rosa⁴¹, enquanto os cinemas de Três Passos e Palmeira das Missões seguíam exibindo os filmes das distribuidoras que ainda faziam cópias em 35 mm.

⁴¹ Fanpage do cinema: <<https://www.facebook.com/cineglobosantarosa/>>. Acesso em 30/06/2022.

A tão aguardada estreia do sistema Digital em Três Passos acontece, em 1º de dezembro de 2015, com sessão lotada e presença do então prefeito José Carlos Amaral. Parceiro constante nos tempos de crise, Carlos Roberto Grün registra o histórico momento em reportagem de capa do jornal *Atos e Fatos*, de oito de janeiro de 2016 (Figura 15). O primeiro filme exibido neste formato é *Star Wars VII: O despertar da força* (2015), com as duas sessões lotadas.



Figura 15: Projeção Digital chega a Três Passos em 1º dezembro de 2015.

Imagens do cinema cheio e com fila na calçada logo se tornam recorrentes como mostra reportagem de 20 de abril de 2017, também no *Atos e Fatos*, com o título “Cine Globo supera expectativas”. No texto, Grün reforça o pedido para que o público compre os bilhetes de forma antecipada.

O interessado em assistir a esse filme deve obter com antecedência os ingressos, pois no momento da sessão – por muitas vezes já aconteceram – pode ser que se esgotem os lugares. Os ingressos podem ser adquiridos diretamente no Cine Teatro Globo, no período da tarde. O cinema, hoje, conta com 345 cadeiras, ambiente climatizado, sistema de som e vídeo de última geração, contempla uma grande variedade de bebidas e pipoca feita na hora (*Atos e Fatos*, 20/04/2017, p.17).

As reportagens sobre o Cine Globo também se tornam constantes, principalmente após o festival de cinema e a entrada do Digital. Com direito a foto na capa, o *Atos e Fatos*, de 24

de março de 2016, anuncia “Pré-estreia mundial no Cine Globo” e, na página 6, conclui a novidade com a manchete “Cine Globo exhibe filme antes dos Estados Unidos”.

A pré-estreia do festejado filme *Batman Vs Superman – A origem da justiça* não ocorreu nos Estados Unidos, nem na Europa. Foi em Três Passos (3D), Santa Rosa (3D) e Palmeira das Missões (2D), ontem (23), pelo Cine Teatro Globo. Com mais de 60 anos de atividade, essa é a primeira vez que o Cine Globo, com sede em Três Passos, fez uma pré-estreia mundial (*Atos e Fatos*, 24/03/2016, p.6).

Acostumado a ler e a guardar jornais e revistas sobre a atividade cinematográfica ao longo dos anos, principalmente sobre as salas da capital, Roberto agora tinha uma pasta para arquivar especialmente as reportagens sobre o seu cinema. Para quem chegou a chorar com o jornal em mãos, em 2014, quando do anúncio sobre o fim da película, o empresário tinha mais uma manchete em mente. Vilma conta que apesar do sucesso com o projetor Digital algo sempre incomodava a família.

E isso muitos amigos da gente mais antigos que costumavam frequentar o cinema, eles falavam sempre que o cinema não era o mesmo, que aquela sala de espera, aquilo sim que dava saudade. Então isso foi marcando, foi marcando na cabeça do Roberto e dos filhos. E aí, quando o Maninho assumiu a ideia era: a sala de espera ia voltar. O Roberto também falava: “Olha, no dia que der nós vamos reabrir a sala de espera.” E isso ficou assim... ele lutou muito. Era um sonho dele, era um sonho dele voltar, essa sala vai voltar, um dia ela vai ter que voltar. E daí que aconteceu e deu certo que ele pode ver a sala de espera modificada (Vilma Levy, 2020).



Figura 16: Recorte da reportagem especial de página inteira do Jornal Atualidades.

O momento tão aguardado por Roberto acontece, em 12 de maio de 2017, com grande festa. Carlos Roberto Grün está lá para registrar, mas não somente ele. Com alcance regional, as rádios da cidade noticiam o evento e o jornal *Atualidades*, com página inteira, faz uma reportagem especial, na edição de 19 de maio de 2017, dando destaque aos 17 anos em que a parte frontal do cinema ficou alugada e a fachada descaracterizada (Figura 16).

As reportagens e registros fotográficos tão raros de serem encontrados sobre o início do cinema em Três Passos agora se tornam corriqueiras. Na retrospectiva anual feita pelo jornal *Atos e Fatos* desde 2011, é possível constatar a crescente importância que o cinema vai ganhando nos últimos anos. Sem ser citado nas edições de 2011 a 2013, o Cine Globo recebe a primeira menção em 2014, devido ao sucesso do 1º FCTP. Na edição de 2015 são duas menções com o 1º *Cine Rock* e a segunda edição do festival de cinema. A inédita pré-estreia mundial de um filme na cidade, o lançamento do projeto #*Cidade Cinematográfica*, o 2º *Cine Rock* e o terceiro festival de cinema garantem quatro destaques em 2016.

Mesmo sem a realização do festival de cinema, a Retrospectiva 2017 registra a sessão lotada de um cineclube, a reinauguração do salão de entrada, o 3º *Cine Rock* e a 1ª *Mostra Estudantil de Audiovisual*. O ano de 2018 teve três citações: o 4º *Cine Rock*, o retorno do festival de cinema na sua quarta edição e a morte de Roberto Levy, em dois de dezembro de 2018. Notícia que o amigo Carlos Roberto Grün certamente não gostaria de ter escrito.

A Retrospectiva 2019 segue indicando o protagonismo que o cinema assume no dia a dia da sociedade trespassense. São cinco menções ao todo: o lançamento e a realização do 5º festival de cinema, o 5º *Cine Rock*, a primeira edição do *Adentro - Mostra Interiorana do Audiovisual Gaúcho* e a inauguração de mais uma filial do Cine Globo⁴², na cidade vizinha de Frederico Westphalen⁴³, em 28 de agosto de 2019.

Depois de 30 anos, a comunidade de Frederico Westphalen tem novamente uma sala de cinema. A inauguração da filial do Cine Globo aconteceu na noite de quarta-feira, 28 de agosto. Autoridades municipais, convidados e imprensa participaram da solenidade que contou com a presença da Família Levy, que mantém um cinema de calçada em Três Passos desde 1955 (*Atos e Fatos*, 30/08/2019, p.7).

A rede Cine Globo Cinemas chega a quatro salas em quatro cidades. A forma de gestão dos Levy começa a mudar a partir desse ano. Se as filiais de Palmeira das Missões e Santa Rosa estão operando em edifícios públicos e com contratos firmados com a municipalidade, a

⁴² Fanpage do cinema: <<https://www.facebook.com/cineglobofrederico/>>. Acesso em 30/06/2022.

⁴³ Frederico Westphalen possui 31.675 habitantes segundo dados do IBGE de 2020. <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/frederico-westphalen.html>>. Acesso em 30/06/2022.

unidade de Frederico Westphalen é instalada numa estrutura já existente, mas alugada e modificada para funcionar como cinema. A similaridade com o primeiro Cine Globo, da década de 1940 e administrado por Júlio Bertin, chama a atenção.

Essa é a primeira sala aberta sem a presença de Roberto Levy, mas um ano antes, nos primeiros meses de 2018, os Levy divulgam um projeto ousado em suas redes sociais. Pai e filho planejam a construção de um cinema do zero, da mesma forma que Alberto Abraão fez em 1954. A empreitada começa com a compra de um terreno em Ijuí⁴⁴, cidade distante 122 quilômetros de Três Passos e com uma população superior a Santa Rosa.

Esse será o maior investimento da empresa depois do ânimo e do investimento em Santa Rosa, com a digitalização do 3D, e em Palmeira das Missões. Depois de ter reformado todo o prédio de Três Passos e também investido na digitalização do sistema 3D e 2D Digital, a empresa se animou em fazer esse investimento na cidade de Ijuí, aonde terá um cinema com duas salas e estacionamento para quarenta carros e um mezanino com restaurante para atender o público, não só da cidade, mas também da região que irá vir (Roberto Levy Filho, 2018).

O investimento será custeado pela família através de empréstimos bancários que serão pagos com o lucro das outras filiais. A audaciosa ideia de construir uma sala a partir da fundação é um sonho de Levy Filho que pretende refazer os passos do avô. Em entrevista concedida, em sete de novembro de 2018, para a equipe do documentário, revela que o bom retorno das outras salas foi o incentivo que faltava para a tomada de decisão.

Com certeza isso será um sonho de toda a nossa família e eu fico imaginando o que o meu avô estava pensando na época, nos anos 1950, quando ele também tomou essa atitude, esse peito, essa coragem de erguer um cinema. Naquela época era comum erguer um cinema, né?

Hoje, os cinemas de calçada praticamente não existem mais. E como todo mundo vê, os cinemas estão dentro de salas de *shoppings* e é muito raro encontrar um cinema de calçada. Esse investimento vai ser muito gratificante e é uma pena que meus avós não estejam vivos para ver essa evolução (Roberto Levy Filho, 2018).

A confiança é tanta que, em 11 de abril de 2018, durante homenagem recebida na Assembleia Legislativa de Porto Alegre, os Levy dão detalhes do projeto e, em 14 de agosto de 2018, mesmo antes da aprovação pelos órgãos competentes da municipalidade de Ijuí a informação é divulgada numa *fanpage*⁴⁵, aberta para estreitar os laços com a comunidade: “Estamos aguardando a emissão de um alvará por parte da prefeitura para que possamos dar início às obras preliminares da construção do cinema” (Figura 17).

⁴⁴ Ijuí possui 84.401 habitantes segundo dados do IBGE de 2021. <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/ijui.html>>. Acesso em 30/06/2022.

⁴⁵ Fanpage do cinema: <<https://www.facebook.com/cinegloboijui>>. Acesso em 30/06/2022.

O próximo comunicado, publicado mais de um ano depois, em 28 de dezembro de 2019, compartilha fotos da construção⁴⁶. Uma terceira e última postagem, de 25 de abril de 2020, explica como a pandemia do coronavírus está impactando o andamento das obras e diz que “A previsão de conclusão da obra ainda é difícil dizer, mas estamos diariamente trabalhando para que isso aconteça o quanto antes, estamos tão ansiosos quanto vocês!”



Figura 17: Imagem ilustrativa do futuro cinema em Ijuí, publicada nas redes sociais em 2018.

Pelo planejamento inicial a filial de Ijuí deveria se tornar a quinta da rede, mas devido ao atraso das obras, Levy Filho decide tocar outra sala na frente. O quinto cinema do grupo é aberto em Cruz Alta⁴⁷, que fica a 166 quilômetros de distância de Três Passos. Curiosamente a sala é instalada num centro comercial, o Shopping Érico Veríssimo.

A Cine Globo Cinemas que possui filiais nas cidades de Três Passos, Santa Rosa, Palmeira das Missões e Frederico Westphalen, está empenhada em proporcionar a melhor experiência para os cinéfilos de Cruz Alta e região com a qualidade CINE GLOBO que muitos já conhecem desde 1955, estamos reformando todo o andar do Shopping Érico Veríssimo, aonde está situado o Cinema, desde o Hall de entrada, bilheterias, bomboniere, banheiros e as duas salas de cinema.

Está sendo realizada toda a modernização do espaço do auditório, como troca dos carpetes, troca dos pisos, instalação de novas poltronas confortáveis com porta copos, e todas numeradas para a escolha do seu ingresso antecipado. Também estamos instalando o sistema de ar condicionado de 360 graus que irá dar mais conforto para os nossos cinéfilos (*Fanpage* do Cine Globo Cruz Alta, 16/07/2020).

⁴⁶ Fanpage do cinema: <<https://www.facebook.com/cinegloboijui>>. Acesso em 30/06/2022.

⁴⁷ Cruz Alta possui 59.561 habitantes segundo dados do IBGE de 2021. <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/cruz-alta.html>>. Acesso em 30/06/2022.

Dessa vez, as obras terminam a tempo e o cinema pode ser aberto em agosto de 2020, mas não teve festa. Com o país no auge do enfrentamento da pandemia Covid-19 e com os números de casos disparando, a prefeitura não permite que a sala seja utilizada.

Comunicado na *fanpage*⁴⁸, de 22 de setembro de 2020, afirma que tudo está pronto para receber o público: “O Cine Globo Cruz Alta está pronto para sua Inauguração! Estamos só aguardando a Prefeitura liberar a nossa atividade, e assim que isso ocorrer, a data será divulgada aqui nas redes sociais”. Nesse meio tempo, a *bombonière* consegue permissão para abrir vendendo os produtos presencialmente ou por entrega. Entre idas e vindas na política de restrição adotada pela prefeitura de Cruz Alta, a sala só teria alvará liberado para atuar, em definitivo, em abril de 2021.

Pela primeira vez, desde que assumiu a gestão dos negócios da família, Levy Filho se depara com uma palavra que era muito comum no dia a dia dos Levy: crise. Para além dos altos investimentos realizados nos últimos anos, que vão desde a compra dos novos projetores em 2014 até a obra de adequação do espaço em Cruz Alta, o fechamento de todos os cinemas em 2020, em virtude da Covid-19, se mostra um sério desafio a ser enfrentado.

A sala em Três Passos só consegue voltar a funcionar, com capacidade de 30%, em 14 de janeiro de 2021. “Venha para o Cine Globo Três Passos, curtir e aproveitar com toda a tranquilidade e segurança. Esperamos por você aqui, depois desses 10 meses de espera”, diz o texto do comunicado liberado aos jornais da cidade e também publicado nas redes sociais.

A perspectiva de um ano atrás, em fevereiro de 2020, quando a pesquisa de campo foi realizada, era de crescimento para toda a rede com um estudo encomendado para a abertura de mais salas. André Luís Blum, gerente financeiro do grupo, estava animado com os números positivos de 2018 para 2019 e, mesmo com os gastos na montagem da unidade de Frederico Westphalen, a projeção era de um 2020 ainda melhor.

Mas em geral, tirando os últimos meses, porque teve gastos enormes e se montar um cinema não é pouca coisa, deu prejuízo no fim do ano. Mas no geral do ano teve um pouco de lucro. 2018 foi um pouquinho menos, mas foi bom também e 2020 começou bem, vamos ver como vai adiante, mas começou bem 2020. O mês de janeiro foi muito bom, fevereiro entrou bem também com uns filmes bons e o pessoal resgatando isso aí (André Luís Blum, 2020).

A expansão da rede de cinemas sempre fez parte da estratégia dos Levy desde a década de 1970 ainda sob o comando de Roberto. Entre fechamentos e aberturas de salas em diversas cidades ao longo desses anos apenas uma variável não podia ser modificada: o Cine Globo de

⁴⁸ Fanpage do cinema: <<https://www.facebook.com/cineglobocruzalta/>>. Acesso em 30/06/2022.

Três Passos. Desde 2018 cuidando dos livros da empresa, André diz que os números não mentem.

Não, o Cine Globo de Três Passos não, ainda está penando. Se não fosse... Se ele não tivesse Santa Rosa, Palmeiras e agora Frederico não, não iria conseguir segurar Três Passos. Olha, Três Passos às vezes tem um mês bom, então ele cobriria o próximo mês ruim, mas ele empataria, ele não geraria lucro no caso, ele empataria. Eu acho que empatar ele empatava, mas não iria ter lucro (André Luís Blum, 2020).

A persistência de Roberto virou teimosia na terceira geração. Para Levy Filho a razão de não vender o cinema é simples: “Ah, para não acabar com essa história e a trajetória toda”. Só que apenas teimosia não explica a longa vida do cinema de Três Passos. No próximo capítulo, vamos analisar as estratégias adotadas pela gestão familiar e também o impacto das ações do poder público e de entidades civis no fomento à cultura na cidade.

4. ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Com um Cine Globo lotado, para a abertura do 4º FCTP, em oito de novembro de 2018, Levy Filho, representando a família, faz um discurso contundente em defesa da continuidade do festival e da sala de projeção construída pelo avô. Encerrando a fala com a já tradicional frase dos Levy, ele deixa claro qual a intenção para os anos vindouros: “Como meu avô disse para o meu pai e ele passou para mim: ‘Eu construí isso aqui para ser cinema, não pode ser outra coisa!’”.

Dezoito meses depois, a rede Cine Globo é destaque em reportagem da revista *Veja*⁴⁹, de 28 de abril de 2020, por ser, naquele momento, a única com salas abertas no país, nos municípios de Três Passos e Santa Rosa.

Com apenas 62 espectadores, *Os Órfãos*, que estreou em janeiro, foi o filme mais assistido do Brasil na última semana. Ele foi exibido nas duas únicas salas em funcionamento no país, nas cidades gaúchas de Santa Rosa e Três Passos, reabertas em 17 de abril, quando as prefeituras locais relaxaram as medidas de distanciamento social. As outras 3.350 salas de cinema do país (número aproximado) estão todas fechadas desde março como medida preventiva à epidemia causada pelo coronavírus (*Revista Veja*, 28/04/2020).

O texto segue apresentando o número de infectados e mortos pela doença, nas cidades citadas e no estado do Rio Grande do Sul, e questionando a abertura precoce prevendo que no resto do mundo, os cinemas deverão ser os últimos a terem o funcionamento liberado devido à natureza de sua atividade, com alta concentração de pessoas em local fechado. Devido à baixa incidência de casos e apoiado por decretos municipais⁵⁰, o comércio nesses municípios continuou aberto. Apesar da polêmica que envolve o tema, três detalhes se destacam: a insistência dos Levy em manter as salas abertas (algo quase que impregnado no DNA da família), as estratégias adotadas para compensar as perdas com a bilheteria e o fato do prédio do Cine Globo, em Três Passos, ser próprio.

O retorno às atividades, aliado a um *delivery* de pipocas, foi a maneira que o empresário encontrou para não quebrar e demitir os 35 funcionários, que estão trabalhando em esquema de rodízio e tiveram os salários reduzidos em 50%. Cada ingresso, que está sendo vendido pela metade do preço, será revertido em 1 quilo de alimento para doação. Outro motivo que ajudou foi o fato de o prédio ser próprio e Levy não pagar aluguel. No passado, ele investiu em painéis solares e, hoje, também não tem gastos com luz (*Revista Veja*, 28/04/2020).

⁴⁹ Sobre a Revista Veja: <<https://veja.abril.com.br/expediente-veja/>>. Acesso em 30/06/2022.

⁵⁰ Com a publicação do Decreto Estadual n.º 55.240, de 10 de maio de 2020, as prefeituras no Rio Grande do Sul ficam proibidas de flexibilizar as regras de distanciamento social quando estas vão contra as determinações do poder estadual.

4.1 O cinema segundo os Levy

Em 1954, quando inicia a construção, Alberto Abraão já demonstra ter consciência da importância que o edifício teria para a futura manutenção da atividade cinematográfica na cidade, já que estava sendo obrigado a deixar o casarão, alugado pelo sócio Júlio Bertin, a pedidos do proprietário. Comerciante com variada experiência, Alberto planeja a onerosa obra apostando no sucesso do empreendimento, mas, ao mesmo tempo, inclui opções alternativas de retorno financeiro, para além da venda de ingressos, com a instalação do bar e disponibilizando uma sala no segundo andar para ser alugada a um escritório de advocacia (Figura 18). O desafio passa a ser o de manter o cinema aberto. Sendo assim, Alberto investe em distintos negócios na cidade, acumula funções em cargos públicos, durante as décadas de 1960 e 1970, e ainda recebe aluguel por outro edifício de sua propriedade.



Figura 18: Placa do escritório de advocacia na fachada, no segundo andar, em registro da década de 1990.

A gestão familiar que mantém o Cine Globo em funcionamento, desde a década de 1950, era algo comum entre os exibidores brasileiros dos primeiros anos – e até mesmo nos dias atuais. Com o sobrenome mais conhecido do ramo exibidor no país, os Severiano Ribeiro entram no negócio cinematográfico após as incursões do patriarca, Luiz, em diversas atividades comerciais que passam por livraria, empório, hotel, restaurante, dentre outros, até a abertura da primeira sala em 1915 (VAZ, 2008).

As histórias contadas pelos familiares também são parecidas, com Alberto e Luiz conhecendo e se apaixonando pelo cinema, seja em Paris ou no Rio de Janeiro, mas é no tino para os negócios que os Levy e os Severiano Ribeiro se assemelham.

Desde o primeiro Luiz Severiano Ribeiro, o médico, passando pelo obcecado criador de cinemas e seu filho, Júnior, produtor das chanchadas, até o atual Luiz Severiano Ribeiro Neto, administrador de uma cadeia de 208 cinemas em várias cidades brasileiras, todos têm uma característica comum: são incisivamente empreendedores. Homens de negócios, empresários (VAZ, 2008, p.14).

O império montado por Luiz Severiano Ribeiro só pôde ser iniciado depois que o jovem empresário recebeu sucessivas heranças com a morte da mãe e dos avós. Mesmo com experiência na gestão de diversos empreendimentos, o ramo cinematográfico se mostra inconstante com períodos de baixa nas bilheterias ou mesmo com investimentos mal sucedidos em novas salas e praças. Em 25 de maio de 1966, a Companhia Brasileira de Cinemas, empresa dos Severiano Ribeiro entra com pedido de concordata para quitar o passivo de dez bilhões de cruzeiros.

A concordata seria quitada com a venda do Cine Ipanema e de um terreno ao lado dos cines Coral e Scala, onde hoje existe um edifício. A segunda prestação seria quitada com a venda do prédio (parte de cima) do Cine São Luiz, em Fortaleza, para o Banco do Nordeste. O Banco de Crédito Real de Minas Gerais fora nomeado comissário da concordata e, no devido tempo, os compromissos assumidos com os credores estavam integralmente resgatados (VAZ, 2008, p.157-158).

Vender imóveis para quitar dívidas contraídas com a gestão das salas de exibição é outra aproximação entre Alberto e Luiz, guardando obviamente as devidas proporções. O terreno adquirido pelos Levy, em 1955, para a construção do cinema media 1.784,50 m², segundo certidão arquivada no Cartório de Registro de Imóveis de Três Passos. Ainda durante o crescimento e expansão da cidade, entre fins de 1960 e início da década de 1970, Alberto negocia com o Banrisul⁵¹ a venda de 366,40 m² do terreno que faz fronteira com a agência bancária e no desenrolar da negociação compra um terreno de 333,30 m² na quadra ao lado, ainda na valorizada Avenida Júlio de Castilhos.

A diferença na transação de compra e venda é considerável e podemos especular que esse aporte financeiro foi o responsável por possibilitar a expansão para Tenente Portela e Santa Rosa, iniciada por Roberto, em meados da década de 1970, mas sem esquecer o empréstimo bancário feito em 1972, com prazo de 10 anos para a quitação.

⁵¹ Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A. <<https://ri.banrisul.com.br/o-banrisul/historico/>>. Acesso em 30/06/2022.

Curioso notar que a garantia dada para Caixa Econômica Federal é o terreno comprado em 1971 e não o terreno onde se encontra o Cine Globo. Certidões emitidas na época em esferas municipais, estaduais e federais atestam que Alberto Abraão não tinha débitos em seu nome, um indicativo de que as finanças estavam equilibradas e que a operação financeira, com juros prefixados, pode ser considerada um investimento. O empréstimo foi quitado no prazo e sem atraso no pagamento das parcelas, conforme consta no extrato da hipoteca de 31 de março de 1982.

No início da década de 1980, Alberto faz outra venda para o Banrisul, do mesmo terreno, numa fatia maior do que a anterior. São repassados ao banco 493,51 m² e o terreno deixa de ter 1.382,10 m², assumindo a métrica atual de 888,59 m². É preciso destacar que este trabalho não pretende expor as finanças da família de forma injustificada e sim contextualizar as recorrentes afirmações de Roberto e Vilma, nas entrevistas para jornais e revistas, quando expõem a questão da venda de bens para a manutenção do cinema ao longo das décadas. A documentação que estava guardada no escritório de Roberto Levy foi analisada e utilizada neste texto com autorização de Vilma e Levy Filho. Além disso, as certidões de compra e venda dos terrenos são documentos públicos e estão arquivados no Cartório de Registro de Imóveis da cidade.

O ano de 1987 marca o fim da gestão dos Levy nos cinemas de Santa Rosa e o retorno de Roberto ao dia a dia do Cine Globo. Por essa época, Vilma relembra que diversas estratégias foram utilizadas para atrair o público como promoções de ingressos, sessão dupla, a Noite do Troco e a abertura do bar todos os dias com a criação do clube do uísque, a venda de sanduíches, salgados e bolos. Era o Cine Café Globo tentando equilibrar as contas. Por mais criativas que fossem as ideias, o cinema seguia patinando.

Balancete financeiro da empresa Alberto A. Levy Ltda., de 31 de dezembro de 1987, indica um “prejuízo do exercício de Cz\$ 124.137,01” e o balanço patrimonial, do mesmo ano, aponta empréstimo feito junto ao Banrisul no valor de Cz\$ 150.000,00. Meses antes, em 20 de março de 1987, três cartas foram datilografadas no escritório da empresa e poderiam ter alterado definitivamente a história do Cine Globo.

Endereçadas à Diretoria das Casas Pernambucanas⁵², no Rio de Janeiro, as cartas eram propostas de venda ou aluguel dos imóveis pertencentes à família. A ideia era vender ou alugar o Cine Globo ou vender o edifício de dois andares, com 420 m², situado no terreno

⁵² Casas Pernambucanas é uma empresa de varejo com 466 lojas instaladas em sete estados brasileiros e no Distrito Federal. <<https://www.pernambucanas.com.br/sobre-nos>>. Acesso em 30/06/2022.

comprado em 1971, na negociação com o Banrisul, e que já era fonte recorrente de receita via aluguel. Alberto Abraão Levy deveria assinar o seguinte texto:

Apresento à direção desta conceituada organização, minha proposta, para a venda de um prédio de minha inteira propriedade, sito nesta cidade de Três Passos (RS), à Avenida Júlio de Castilhos, nº 490, com uma área construída de 525 m², c/Pé direito do Salão de 7,5 m, com um Hall de espera de 11 x 7 Mts., Pé direito do Hall de espera de 4 metros, fachada de frente de 13 metros e meio, e comprimento do prédio de 39,60 metros.

Preço: A importância de Cz\$ 17.000.000,00 (dezesete milhões de cruzados), a Vista.

Um montante que certamente resolveria todos os problemas financeiros dos Levy. O valor definido para a venda do segundo edifício foi de Cz\$ 5.200.000,00 (cinco milhões e duzentos mil cruzados), para pagamento no ato da entrega das chaves. Um detalhe na redação das cartas chama a atenção. Na carta de aluguel do cinema consta que o prédio está em “local privilegiado em nossa cidade” e no fim números para contato telefônico. Na carta com a proposta de venda do outro edifício vemos que ele está “localizado também na zona mais nobre de nossa cidade”, seguindo com a descrição e sem os contatos telefônicos. Como vimos acima, no texto da carta de venda do Cine Globo não consta essa informação sobre a localização privilegiada (e nem os contatos telefônicos).

A discrepância no valor de venda dos dois imóveis, localizados na mesma avenida e com áreas não tão diferentes, 525 m² e 420 m², é outro detalhe a ser observado. No Adendo ao Contrato Social da Alberto A. Levy Ltda., de 10 de abril de 1984, os dois edifícios estão listados como integrantes do capital social da empresa e avaliados em Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros) cada. Mesmo considerando a diferença da moeda, cruzeiro para cruzado, e os três anos de intervalo, nada justifica uma diferença tão grande nos valores pedidos. Alberto coloca um número três vezes superior no prédio do cinema.

Exercício de pura imaginação especular que as cartas referentes ao aluguel do cinema e à venda do outro edifício seriam enviadas juntas, mantendo a proposta de venda do Cine Globo como um trunfo a ser guardado – ou mesmo nunca utilizado. Infelizmente, somente Roberto Levy poderia elucidar essa questão. O irmão Gilberto, residente em Porto Alegre, se recorda desse período de crise, diz ter escrito as cartas para o pai e confirma que o interesse era mesmo no prédio do cinema.

Ele deu duas opções, o cinema ou aquele prédio lá em cima, o cara queria ficar com o cinema, mas tu sabe que a paixão do teu avô era o cinema e ele embora pensando em vender, vender... No fundo ele não queria vender. Se fosse para não ter mais como cinema, o prédio, ele ia alugar pras Pernambucanas (Gilberto Levy, 2020).

Gilberto não acompanhou tão de perto a negociação, mas acredita que dois fatores evitaram que o negócio fosse à frente, a relutância do pai em abrir mão do cinema e o recuo estratégico que as próprias Lojas Pernambucanas experimentaram naqueles anos, já que a filial que existia em Três Passos fechou pouco tempo depois. “Uns dois anos depois dessa conversação, ou seja, se nós tivéssemos alugado iríamos perder novamente o aluguel e se tivéssemos vendido iria estar lá o prédio, desocupado”, finaliza. O certo é que as dificuldades financeiras continuavam. No início de 1991, tanto o prédio quanto o terreno, comprados em 1971, foram vendidos por Cr\$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), mas o Cine Globo continuava de posse dos Levy.

Mas ter patrimônio, como os Levy ou os Severiano Ribeiro, é o suficiente para manter um cinema funcionando? Outro sobrenome de destaque no parque exibidor do Rio de Janeiro, os franceses Valansi aliavam uma empresa distribuidora, a Companhia Cinematográfica Francesa, a várias salas instaladas na parte térrea de prédios, localizados na zona sul carioca, e construídos também pela família.

Desde o começo, os Valansi exploraram de forma associada o comércio cinematográfico e o imobiliário. A sobrevivência de todas as salas, menos uma, certamente deve-se a este fator e à propriedade dos terrenos. Não por acaso, boa parte do circuito se concentraria na zona sul, área mais valorizada da cidade até o início dos anos 80, e seria periodicamente arrendada a outros exibidores (GONZAGA, 1996, p.215).

Os irmãos Jacques, Robert e Maurice Valansi inauguram seis cinemas em curto período de tempo, entre 1959 a 1964, sendo três deles na Praia de Botafogo, o Cine Ópera (1959), o Coral e o Scala (1964), sendo estas as primeiras salas geminadas do circuito carioca (GONZAGA, 1996), além do icônico Cine Paissandu (1960), no bairro vizinho, e que se tornaria um símbolo da geração que lutava contra a Ditadura Civil Militar instalada no país com o Golpe Militar de 1964 (DURST, 1996). Quando em fins de agosto de 2008, o Grupo Estação⁵³ anuncia o fim das operações no cinema, que estava arrendado com o nome de Estação Paissandu, um abaixo-assinado⁵⁴ é realizado solicitando aos entes públicos o tombamento do espaço e conseguindo grande divulgação por parte da imprensa na cidade.

Diante da celeuma, Cláudio Valansi, filho de um dos fundadores, procurado pelo jornal *O Globo*, critica a gestão do Grupo Estação ao longo dos anos apontando falta de interesse na

⁵³ Atualmente, o Grupo Estação opera quatro cinemas no Rio de Janeiro: Estação NET Gávea, Estação NET Botafogo, Estação NET Rio e Estação NET Ipanema. <<http://www.grupoestacao.com.br>>. Acesso em 30/06/2022.

⁵⁴ O movimento organizado na internet recolheu 3.940 assinaturas virtualmente e depois continuou com assinaturas presenciais no fim de semana do fechamento do cinema <<https://oglobo.globo.com/cultura/abaixo-assinado-na-internet-tenta-salvar-cinema-paissandu-3606916>>. Acesso em 30/06/2022.

manutenção da sala e ainda o não pagamento de aluguel pelo período de um ano⁵⁵. A direção do Estação rebate as acusações dizendo ter encontrado um patrocinador disposto a comprar o imóvel e manter o cinema, algo que foi recusado pela família Valansi. Em 28 de agosto de 2008, Cláudio é enfático ao afirmar que não existe hipótese do espaço ser utilizado para outros fins e relembra a relação longa dos Valansi com a cena cultural no Rio de Janeiro.

O Cine Joia também é da nossa família e continua preservado mesmo depois de fechado. Não virou loja. Sempre fomos voltados para a cultura. Eu tenho uma galeria de arte há 30 anos no Shopping da Gávea, e meu irmão tem um centro cultural em Botafogo. O Paissandu não vai acabar. Será preservado. Como donos do imóvel, podemos mantê-lo fechado enquanto se busca um novo grupo para arrendá-lo ou um parceiro para reabri-lo (VALANSI, Cláudio, *O Globo*, 28/08/2008).

Na continuidade da entrevista, o herdeiro do nome Valansi destaca que a família não necessita vender o imóvel e deixa implícito que o fator financeiro não é uma preocupação, mas já admite a possibilidade de não manter o local como cinema – mesmo com a relevante história de cinefilia que a sala carrega desde a década de 1960.

A prioridade será manter o Paissandu como cinema, com exibição de filmes europeus e orientais. Não temos pressa. Podemos nos dar ao luxo de buscar uma solução com calma. Se não conseguirmos mantê-lo como cinema, poderá virar um teatro ou outra instituição cultural. Igreja ou loja de departamentos, nunca (VALANSI, Cláudio, *O Globo*, 28/08/2008).

Muitos projetos foram apresentados para a reabertura do local que seria transformado em centro cultural multiuso com teatro, bar, café, espaço para show e até mesmo um cinema. Mas nenhum foi à frente por falta de patrocínio. Em 20 de fevereiro de 2018, o Paissandu volta a ser notícia na imprensa carioca. Com a manchete “Superintendência da Zona Sul interdita obra no Cine Paissandu”, reportagem da *Veja Rio*⁵⁶ revela os planos da família para o local: “Famoso espaço daria lugar a uma academia, mas obras estavam sendo feitas sem licença”.

A Secretaria Municipal de Urbanismo embargou a obra e aplicou multa diária, em caso de desobediência, de R\$ 1.300,00. O texto destaca que o decreto municipal nº 29.916, de 2008, declarou o Cine Paissandu um patrimônio cultural carioca. A questão envolve vários órgãos municipais e a Superintendência da Zona Sul fala em “luta antiga” na preservação do Paissandu.

⁵⁵ Reportagem em <<https://oglobo.globo.com/cultura/paissandu-nao-vai-acabar-afirma-proprietario-3606937>>. Acesso em 30/06/2022.

⁵⁶ Reportagem em <<https://vejario.abril.com.br/cidade/superintendencia-da-zona-sul-interdita-obra-no-cine-paissandu/>>. Acesso em 30/06/2022.

O Cine Paissandu é um patrimônio cultural não apenas do bairro do Flamengo, mas de toda a cidade do Rio de Janeiro. Esta é uma luta antiga para a preservação de um espaço tão importante para as artes, além de ser uma grande demanda dos moradores do entorno do cinema (MAYWALD, Marcelo, *Veja Rio*, 20/02/2018).

A bravata dos Valansi resiste exatos dez anos. Em agosto, mês de fechamento do cinema em 2008, uma moderna academia de ginástica abre suas portas para atender a comunidade do bairro. Discurso inflamado e sobrenome famoso não são suficientes para salvar o Cine Paissandu que de ícone de uma geração passa a ser uma nota de rodapé nos livros sobre cinema de rua da cidade.

Voltando a Três Passos, após a venda dos imóveis, a família Levy sabe que ainda terá dificuldades na década de 1990 e se o público não vem ao cinema... Desde a passagem por Santa Rosa, nos anos 1980, que Roberto mantém o hábito de ir até onde o público está, seja ele jovem, nas escolas e faculdades, ou ocasional, como no caso dos hotéis da cidade. Uma história ilustra bem essa forma de agir e foi contada para a equipe do documentário, em 2015. Entre as décadas de 1980 e 1990, funcionários do Banco do Brasil faziam um trabalho específico no sistema de compensação de cheques da região e escolheram a agência local justamente para se hospedarem no Hotel Ideal.

Como precisavam esperar o expediente bancário terminar e finalizar as operações, eles iniciavam o turno tarde indo madrugada adentro. Até hoje não é fácil encontrar um estabelecimento comercial aberto em Três Passos, depois da meia-noite, nos dias de semana, então imaginem naqueles tempos. Entre conversas no saguão do hotel e no bar do cinema, Roberto teve a seguinte ideia: cinema com janta. Vilma ficava a cargo de preparar uma opção diferente a cada noite e Roberto cuidava dos filmes. Dessa forma, durante meses os funcionários do Banco do Brasil foram recebidos de madrugada pelos Levy no Cine Globo.

Cinéfilo e jornalista do *Atos e Fatos*, Carlos Roberto Grün foi testemunha dessas e tantas outras histórias que o amigo Roberto gostava de contar. Mas Grün se lembra de uma que não foi relatada pela família, os filmes eróticos no Cine Globo. Nesse período conturbado da década de 1990, Roberto alugou o palco do cinema para um grupo de teatro pornô, o famoso “sexo ao vivo” que fez tanto sucesso nos cinemas cariocas nessa mesma época (GONZAGA, 1996). Carlos não perdeu esse “evento” que foi motivo de muita polêmica entre os moradores da pequena cidade. Ele não se recorda do ano, mas tem certeza que a encenação só aconteceu uma vez depois de tamanho alvoroço. Já os filmes eróticos entram na programação do cinema após os sucessos da pornochanchada que lotavam as poltronas nas noites de semana na década de 1970.

Evaldino Schmitt, frequentador do cinema desde 1962, não se esquece das atrizes brasileiras no telão do Cine Globo: “Aquilo foi uma época que também invadiu o cinema. Ao menos uma vez por semana eles passavam um filme e enchia também. Como eles chamavam? Era o pornô nacional. A pornochanchada”. Carlos que não perdia uma sessão, ainda mais se fosse de filme nacional, relembra os maiores sucessos da época (Figura 19).

Império dos Sentidos encheu o cinema. Eram filas e filas. Era um filme de sexo explícito, mas não com aquela conotação pornográfica. Então atraiu muita gente ao cinema e eu fui. Dos pornôs, o *Garganta Profunda* também encheu o cinema. E tinha os pornôs normais. A pornochanchada foi substituída pelo pornô mesmo, sabe? O auge da pornochanchada foi nos anos 1970 até com globais como Reginaldo Farias, Vera Fischer (Carlos Roberto Grün, 2020).



Figura 19: A Viúva Virgem (1972), pornochanchada em cartaz no Cine Globo.

Com autoridade de quem foi um frequentador assíduo até 1977, ano do nascimento da primeira filha, que recebeu o nome de Lara, em homenagem ao clássico *Doutor Jivago* (1966), Schmitt diz que os filmes eróticos que passavam durante a semana não atrapalhavam a fama do cinema. “Era um filão. Eles viram que era um filão bom e aí passavam sempre, uma vez por semana e tal. Mas no fim de semana passava filme normal, passava filme bom. Sempre, sempre. Eles sempre se pautaram nisso aí”. Uma preocupação pertinente, já que muitas salas no Rio de Janeiro enveredaram por esse caminho e não conseguiram voltar.

Com o advento do videocassete em 1980, parte significativa do público cativo do pornô, em especial os integrantes das classes mais abastadas, começou a abandonar esses cinemas. Tentativas de reverter à reapresentação de filmes comuns não deram certo. Em parte porque tais locais de exibição ficaram marcados pela natureza da programação anterior, responsável por certa “má” fama. E em parte porque o grosso da produção exibida passou a ser lançado pouco depois em vídeo, constituindo-se uma opção mais prática e mais barata (GONZAGA, 1996, p.245).

Se a exibição das pornochanchadas, e mesmo dos filmes pornôs tradicionais, não alteraram a frequência do cinema muito se deve a rigidez da censura na época que contava com um fiscal na porta do cinema para proibir a entrada dos mais “espertinhos” em determinados filmes, além da constante presença de Alberto sempre de olho na sala. Nelson Brauwiers, um dos criadores do festival de cinema ao lado de Grün, recorda das tentativas de entrar nos filmes proibidos para sua idade.

Eu me lembro também do Roberto e do irmão dele e claro do senhor Levy que era uma pessoa séria, muito séria, o Abraão Levy. Lembro que quando nós éramos adolescentes queríamos sempre entrar nos filmes para 18 anos e o Levy não deixava e a gente não entrava mesmo. São essas pequenas coisas que ficam na lembrança. Sem dúvida, isso foi algo importantíssimo na história. Eu sempre digo que o cinema mudou minha vida (Nelson Brauwiers, 2020).

Para seguir mudando vidas, o Cine Globo precisava continuar aberto. Novamente, uma estratégia utilizada no passado é resgatada. Segundo Levy Filho, a palavra teatro foi incorporada apenas em 2012, quando pretendia trazer apresentações musicais e peças teatrais numa tentativa de revitalizar o espaço no início de sua gestão. Mas desde os primórdios, o palco do Cine Globo foi ocupado por diversos eventos como programas de auditório, formaturas, comícios políticos e até mesmo relatos de luta livre foram citados, mas sem qualquer confirmação de data ou de nomes dos envolvidos. O espaço para o palco, em frente à parede que dá suporte à tela, consta na planta original, datada de 17 de setembro de 1954, e criada por Elizio Telli. Therezinha Bindé de Araújo enfatiza em sua entrevista que os eventos do antigo cinema continuaram a acontecer no novo.

Coordenadora da Comissão Organizadora do Festival de Cinema de Três Passos, a professora Elvídia Zamin, frequentadora do cinema na década de 1960, também relembra de outras atrações para além dos filmes.

E se não me engano, nos domingos à tarde, tinha alguma coisa de programa de auditório no Cine Globo. Eu não lembro direito quem fazia. Se era o Rubem Palmeiro Fortes, que era da rádio, ou quem era... Mas assim eram sessões concorridíssimas de fila. E aí, até 1968, 1969, depois eu fui trabalhar no interior, me formei e fui trabalhar no interior. Aí eu já não frequentei muito (Elvídia Zamin, 2020).

Atuando como professora, tanto na rede pública quanto privada, na região de Três Passos, entre 1968 e 1992; como primeira coordenadora do recém-inaugurado Campus Três Passos da Unijui⁵⁷, de 1992 a 2000; e ainda tendo o cargo de Pró-Reitora, entre 2000 a 2004; Zamin se tornaria figura central em diversas ações culturais idealizadas no município, desde a década de 1980 até os dias atuais.

Quando foi coordenadora do núcleo local da CPERS⁵⁸, entre 1981 e 1987, trouxe diversas peças teatrais que eram encenadas no palco do cinema gerando receita via aluguel e consumo no bar.

Quando a gente estava aqui no CPERS, dirigindo o CPERS, foi uma época muito interessante. A gente chegava a reunir setecentos e poucos professores. Naquela época, as irmãs do Espírito Santo ainda estavam lá e faziam as assembleias lá nesse espaço... muitas assembleias. Então a gente fazia assim: quando não tinha movimento grevista a gente fazia eventos culturais. Não parava o ano inteiro (Elvídia Zamin, 2020).

Quando um grupo de moradores decide criar mais opções culturais e de lazer na cidade, Zamin é convidada para participar da primeira reunião que acontece em 06 de agosto de 1994, após convocação de Ciro Miguel Dull. Ao todo, dezesseis pessoas estiveram presentes na reunião, de acordo com a ata encontrada nos arquivos do Movimento Pró-Arte, que nesse primeiro dia ainda não tinha nome definido. “Ata da primeira reunião do Grupo de apoio ao desenvolvimento cultural em Três Passos”, assim ficou anotado aquele embrionário movimento que seria de fundamental importância para a resistência do cinema na cidade até a chegada do novo milênio.

Abrindo os trabalhos, o anfitrião Ciro Dull esclarece a razão da convocação “que é o de se incentivar a cultura e as artes em Três Passos, devido à estagnação existente na cidade com referência às artes”. O Presidente do Conselho Municipal de Educação e Cultura, Roberto Bordini, admite que no âmbito do poder público pouco será feito para mudar esse panorama porque o conselho “é sobrecarregado, pois trata da Educação e da Cultura; que não existem verbas específicas e as que são utilizadas, são do Gabinete do Prefeito;” e “sugere a criação de uma Associação Civil baseada nos modelos das Fundações de Cultura de Ijuí, Santo Ângelo e Santa Rosa”.

⁵⁷ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, com campus em Três Passos inaugurado em 24/06/1992. <<https://www.unijui.edu.br/institucional/sobre-a-unijui>>. Acesso em 30/06/2022.

⁵⁸ Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS). Fundado em 21 de abril de 1945, o CPERS-Sindicato representa mais de 80 mil professores (as), funcionários (as) de escola e especialistas da rede estadual de todo o Rio Grande do Sul. <<https://cpers.com.br/historia/>>. Acesso em 30/06/2022.

Na sequência à fala de Bordini, Pinto fornece detalhes sobre a Fundação de Cultura e Movimento Pró-Arte de Ijuí que conta com mensalidade de associados para ofertar apresentações artísticas todos os meses e que o principal desafio é a angariar sócios para manter a fundação. Um parágrafo da ata deve ser transcrito integralmente devido à importância para o nosso trabalho: “CELIA LEUTCHUK frizou que faltava uma pessoa na reunião, e que é o proprietário do Cine Globo, ROBERTO LEVY, pois o único lugar para apresentações artísticas é o cinema; lembrou também que não podemos elitizar a cultura e sim popularizá-la”.

Entre as decisões tomadas pelos presentes está a cobrança de R\$ 5,00 por associado, a busca por angariar cem associados no primeiro mês, divulgação em todas os veículos de mídia da cidade e ainda realizar um espetáculo de inauguração. Ao fim da reunião é escolhido um nome para o grupo, Comissão Pró-Arte, e eleita uma Diretoria Provisória que conta com a participação de Elvídia Zamin.

A coluna Registros, do jornal *Atualidades*, de 30 de agosto de 1994, noticia a criação do grupo com o nome que seria o definitivo, “Surge o Movimento Pró-Arte” e destaca que “a intenção é formar um grupo bem maior de colaboradores e contribuintes para que seja viabilizada a vinda de espetáculos artísticos de bom nível ao município”. Em 20 de setembro de 1994, na mesma coluna, é anunciado que o “Pró-Arte será lançado 5ª feira”, com exibição do filme *Quatro Casamentos & um Funeral* (1994), às 20h30, na tela do Cine Globo. Um chamariz para divulgar a iniciativa e angariar mais sócios.

Para a sessão cinematográfica de quinta-feira toda a comunidade está convidada, como também para as demais promoções que se seguirem. As pessoas que queiram se associar ao Movimento Pró-Arte poderão preencher um formulário que se encontra à disposição no Cine Globo ou com um dos membros da comissão central. Ao pagar uma pequena mensalidade, o associado terá direito a dois ingressos para todos os eventos promovidos pelo Pró-Arte (Jornal *Atualidades*, 20/09/1994, p.5).

Conforme pedido de Celia Leutchuk, Roberto Levy e o Cine Globo estão incluídos desde as primeiras atividades do grupo. Assinando como Maria Célia Leutchuk, escreve para o *Atualidades*, de 13 de dezembro de 1994, uma crítica sobre o filme *O Cliente* (1994), que será exibido para os sócios do movimento em 17 de dezembro, encerrando a programação do ano de estreia.

Após as férias letivas, o Pró-Arte retoma as atividades em 18 de março de 1995, com o projeto *Pratas da Casa*, que foca nos talentos da região, apresentando uma banda de Campo Novo, município vizinho, no palco do cinema. “O espetáculo é aberto a toda comunidade e o custo do ingresso é qualquer tipo de material escolar que será doado a crianças carentes”

(Jornal *Atualidades*, 18/03/1995, p.10). No Edital de convocação para a Assembleia Geral Extraordinária, publicado em vários jornais e a ser realizada na mesma data do show, revela que o Pró-Arte já conta com 83 associados até aquele momento.

Reportagem do jornal *AQUI HOJE*, de 14 de setembro de 1995, faz o balanço de um ano de atividades do movimento com a manchete “Pró-Arte: Muitos espetáculos em apenas um ano de atividades”, além de destacar que o estatuto aprovado na assembleia de março está em fase final de legalização no Cartório de Registro Civil de Três Passos e também o número de sócios, 168, que contribuem com pagamento mensal de R\$ 8,00. O texto segue enumerando as atividades: três peças de teatro, cinco filmes e quatro espetáculos musicais e de dança. Entre essas atividades está a comemoração de aniversário do Cine Globo, em 18 de junho de 1995.

O estreitamento das relações entre o Pró-Arte e a família Levy se dá com a reforma e ampliação do palco do cinema, que foi custeada pela associação e amplamente divulgada pela imprensa local (Figura 20). O jornal *Atualidades*, de 27 de outubro de 1995, diz que esse “É um grande passo no sentido de enriquecer culturalmente nossa cidade e região” e, em 03 de novembro, sexta-feira, faz convite para a inauguração do novo palco: “O Pró-Arte proporciona neste sábado a peça teatral ‘O Parturião’, um dos grandes espetáculos teatrais do ano, sucesso de público e crítica”. No final do texto, um comentário revelador: “Não dá pra perder. Será uma bela oportunidade de deixar a crise de lado e rir, gargalhar à vontade”. Crise. Palavra que parece não querer sair do vocabulário dos Levy.



Figura 20: Fotografia de 4 de novembro de 1995, na inauguração do novo palco do cinema.

No início do ano de 1997, em 23 de janeiro, Roberto Levy envia uma carta à prefeita recém-eleita, Zilá Maria Breitenbach, com a proposta de “Trazer ao público filmes de ARTE, para pessoas adeptas a este, bem como filmes com datas próprias como: dia das mães, crianças, patrióticas ou históricas, de literatura, etc”. Em contrapartida solicita uma ajuda de custo de R\$ 1.200,00 por mês para “despesas com filmes, manutenção do prédio, equipamentos, a fim de podermos continuar mantendo essa tradicional casa de espetáculos, que há meio século sempre procurou trazer cultura para o povo de Três Passos”.

Roberto segue a carta dizendo colocar ainda o cinema à disposição da prefeitura para “que possam ser oferecidas aos colégios, entidades, comunidade em geral, espetáculos gratuitos, bem como outros eventos, tais como: reuniões, formaturas, palestras, teatro, enfim tudo aquilo que pode ser feito para ser divulgado esta casa de cultura”. Era uma aproximação entre o empresário e o poder público municipal que iria trazer frutos no futuro.

Para o amigo Carlos Roberto Grün a carta foi um pedido de socorro, no que considera a “grande crise” dos Levy que foram exatamente nos anos 1990. “Ele chorava muito e comentava comigo isso. Ele chorava muito. Pra ele já... Praticamente não tinha apoio do poder público, não tinha apoio de ninguém da cidade. Ele era bem Dom Quixote”. Apesar das dificuldades, a parceria com o Pró-Arte prossegue, mas agora o cinema divide os eventos com o salão do Colégio Ipiranga⁵⁹ e o reformado auditório da Unijuí que também conta com um palco para peças de teatro e apresentações musicais.

Reportagem do *Atos e Fatos*, de 26 de abril de 1997, faz um balanço das atividades do grupo que contabiliza 163 associados. São dez peças teatrais, sete musicais, sete espetáculos de dança, quatorze filmes exibidos, sete apresentações do projeto *Prata da Casa*, duas exposições de arte e um evento anotado como variado num total de 48. O texto termina fazendo um convite para a próxima atração que será encenada no salão nobre do Colégio Ipiranga.

Mesmo com a concorrência dos demais locais, alguns encontros, formaturas e palestras ainda foram sendo realizadas no palco dos Levy até a troca para o Digital em 2015 – quando o aumento do número de sessões inviabilizou o aluguel no período noturno. Documento datilografado com a relação de filmes exibidos para os alunos do Colégio Ipiranga e o aluguel do espaço para peças teatrais e formaturas, entre 2004 e 2007, mostra que Roberto mantinha o cinema disponível para diversas modalidades de aluguel durante esse período.

⁵⁹ Tradicional colégio do município que comemora 90 anos em 2022. <<https://www.cipiranga.com.br/portal/>>. Acesso em 30/06/2022.

A relação dos Levy com o Movimento Pró-Arte segue nos anos seguintes, sempre recebendo espaço nos jornais locais, mesmo que revezando os eventos com os demais auditórios disponíveis na cidade. O *Atos e Fatos*, de 24 de outubro de 1998, faz a cobertura da comédia “Por favor: ajudem a matar minha sogra” que foi encenada no Cine Teatro Globo, em 18 de outubro, um domingo. O detalhe fica por conta da inserção de “Teatro” no nome do cinema, sendo esse o primeiro registro encontrado na imprensa e quase quatorze anos anterior à mudança proposta por Levy Filho, em 2012. Incongruências já normais notadas nos relatos sobre a história do cinema.

Reportagens nos anos seguintes voltam a utilizar apenas Cine Globo, mas em 22 de janeiro de 2000, o *Atos e Fatos* publica uma nota sobre as próximas atividades da associação que em conjunto com a Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo, elabora o *Projeto 2000 Cultural* que irá trazer uma variada gama de artistas para apresentações em praça pública e também no Cine Teatro Globo. Na página 4, na mesma edição, reportagem com foto do encontro entre o presidente do Movimento Pró-Arte, Ernani Maya, e Davi Severgnini, secretário municipal da Indústria, Comércio e Turismo apresenta detalhes do projeto que terá um calendário anual de eventos. O texto volta a utilizar o Cine Globo, mas esse não é detalhe a ser observado com atenção.

O Programa 2000 Cultural objetiva não apenas estabelecer um calendário de eventos culturais para o município e Região Celeiro, mas buscar subsídios e alternativas para a manutenção do Cinema e viabilizar sua conversão em Casa de Cultura, com oferta de várias atividades desse cunho. O Programa 2000 Cultural tem apoio de RGE, SINDILOJAS, SICREDI e KAISER (Jornal *Atos e Fatos*, 22/01/2000, p.4).

Interessante notar como o poder público, através da Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo, e uma entidade civil sem fins lucrativos, o Movimento Pró-Arte, elaboram um projeto para fazer do cinema uma Casa de Cultura, contando com o apoio de várias entidades, incluindo uma grande cervejaria. Projeto ambicioso e que poderia ter mudado a história do Cine Globo, mas que não foi citado em nenhuma das entrevistas realizadas em Três Passos, no ano de 2020, durante a pesquisa.

Outra tentativa de ação salvadora para o cinema foi notícia em 2008. Texto de página dupla na *Revista Evidência*, assinada pelo editor João Antonio Faria dos Santos, com o título “Mais de meio século divulgando a Sétima Arte”, enumera um apanhado dos filmes que marcaram época e comenta os esforços de Roberto para manter a casa aberta, sendo que “essa determinação de lutar pela cultura em nosso Município é o maior patrimônio herdado de seu pai, que idealizou e construiu essa casa que é todos, pois nela todos são bem vindos”.

A intenção é divulgar o projeto *Cine Globo Cultural* que irá trazer para a comunidade teatro, dança, saltimbancos, circo, shows e, claro, cinema. Depois de listar tudo o que poderá acontecer, o texto afirma que “Mas, para isso, precisamos do apoio e do patrocínio de todos”. A proposta parece ser bem similar ao projeto idealizado pelo Pró-Arte, nos anos 1990, e que não conseguiu ter continuidade após o primeiro ano.

A partir do segundo semestre de 2008 estaremos organizando um calendário de eventos que ofereça as mais variadas opções para que todos possam usufruir de cultura, diversão e lazer, contando com a ótima estrutura do nosso Cine Globo.

Na próxima edição explicaremos, com detalhes, esse projeto. João Antonio. (Revista EVIDÊNCIAS, Ano I - nº2, Julho-Agosto, 2008, p.32).

Com periodicidade bimestral, a próxima edição da *Evidências* deveria ser lançada em setembro com os detalhes da nova empreitada, mas não encontramos um exemplar no escritório do cinema, mesmo tendo o nome de Roberto Levy entre os colaboradores, e o endereço eletrônico disponível na contracapa não está ativo. Uma busca na internet por edições online da revista foi infrutífera.

Tanto o *Projeto 2000 Cultural* quanto o *Cine Globo Cultural* foram iniciativas que partiram da sociedade civil organizada, aliada ou não ao poder público local, para manter o cinema da cidade em funcionamento, mesmo que descaracterizando sua função primária como sala de exibição cinematográfica e ainda alterando o nome que o prédio ostenta desde 1955. O projeto do Pró-Arte seguiu com o calendário de eventos no ano de 2000, conforme noticiado nos jornais da cidade, mas “a conversão em Casa de Cultura” jamais aconteceu e o próprio movimento teria problemas financeiros no decorrer daquele ano.

Edital de Convocação para a Assembleia Extraordinária Geral, de 26 de junho de 2001, publicado no *Jornal Regional*, estabelece entre os assuntos a serem debatidos a “Discussão e Votação da dissolução do Pró-Arte”. No *Atos e Fatos*, de 30 de junho de 2001, Roberto Bordini, um dos fundadores, faz uma reflexão sobre o trabalho da entidade que chegou a 93 espetáculos viabilizados desde 1994 e faz um apelo pela continuidade da ideia.

Hoje o Pró-Arte entra numa fase de hibernação, como disse minha amiga Harla. Deixa de cobrar mensalidade para cobrar uma anuidade simbólica até que novo ímpeto o possa fazê-lo novamente vicejar. Os sócios diminuíram e as artes ficaram caras. Não há como manter o mesmo ritmo. Esse estado hibernal deve nos merecer uma séria meditação: onde foi que andamos deixando de fazer sócios que pudessem manter uma iniciativa desse porte? E mais: onde foi que andamos deixando de fazer o que devíamos? A ideia mantém-se potencialmente ativa. Precisamos apenas do teu ímpeto, meu caro e dileto leitor, do valor que certamente teu espírito encerra. Pra que possamos nos revigorar, com cujo vigor empreenderemos uma nova caminhada (Jornal *Atos e Fatos*, 30/06/2001, p.23).

O texto-desabafo que oferece uma relação reveladora quando diz que “os sócios diminuíram e as artes ficaram mais caras”. A questão financeira sempre foi uma preocupação para Vilma Levy.

Sempre tem aquele tempo que dá um período de crise, seja por causa de filme ou alguma situação da cidade, do povo aqui de Três Passos, porque é uma cidade pequena também, é uma cidade que tem problemas de emprego, então isso tudo ajuda o nosso cinema. Depende de toda uma região.

Se os negócios vão bem em geral, aí o cinema também vai bem. E isso reflete em tudo. A primeira coisa que o povo corta é o lazer e dentro do lazer o primeiro é o cinema. É o cinema, o teatro que eles vão cortando e ficam naquilo que é mais razoável. Funciona desse jeito (Vilma Levy, 2020).

O Movimento Pró-Arte entra em “hibernação”, mas seus organizadores mostram uma confiança no futuro ao não encerrar o CNPJ da associação. Essa será uma decisão que irá impactar diretamente as ações criadas, a partir de 2014, pelos novos integrantes do movimento na cidade. Antes disso, o Cine Globo precisa se pagar e o espaço da sala de espera passa por uma reforma e é alugado para gerar receita em 1999 (Figura 21). Já em 2000, Roberto leva um projetor e instala o cinema em Santa Rosa.



Figura 21: Loja de informática ocupando a parte frontal da fachada do cinema em 2004.

Como vimos no capítulo anterior, abrir salas em outras praças é uma estratégia recorrente dos Levy para manter as finanças do Cine Globo em dia, mas nos momentos de instabilidade financeira, na década de 1990, e, entre meados de 2000 até a entrada do Digital na rede, em 2015, os aportes realizados pela família foram adiando a decisão pela venda do

edifício e do terreno. Mesmo morando distante de Três Passos, o envolvimento de Gilberto Levy, irmão de Roberto e sócio na Exibidora Levy Ltda., vai além da intermediação com os escritórios das exibidoras em Porto Alegre.

Inclusive ele ajudou muito o pai antigamente. Ele mandava dinheiro pra cá para ajudar a manter o cinema, lá do escritório de advocacia dele. Aqui quando a gente se apertava demais, a mãe quando era professora também tirava do salário dela. Então, a gente se ajuda bastante e até hoje segue assim (Roberto Levy Filho, 2020).

Outra estratégia constante de Roberto era o fechamento temporário para reformas ou mesmo a aquisição de novo equipamento de projeção que sempre era noticiado nos jornais e rádios da região. Expediente semelhante era praticado em cinemas cariocas com o objetivo de atrair novamente a atenção do público com alguma novidade (GONZAGA, 1996). A presença na mídia local é uma ação importante para manter a relação do cinema com o público que vem de fora de Três Passos. Por ser o único cinema em funcionamento na Região Celeiro, o Cine Globo atrai uma plateia que percorre vários quilômetros, principalmente nos fins de semana, para assistir aos filmes na tela grande.

Nós temos no site, da Rádio Alto Uruguai, um *banner* onde traz as informações dos filmes que estão sendo exibidos na semana ou no mês. A gente tenta fazer alguma matéria. Nessa semana, por exemplo, a gente vai fazer uma matéria destacando que estão sendo exibidos o filme *1917* (2019) e também o *Parasita* (2019) que vai ser exibido a partir de sexta-feira.

Então, quando têm esses filmes, que tem um alcance mundial, a gente sempre tenta fazer uma reportagem especial enfocando. Porque a gente sabe que de alguma forma esses filmes chamam mais atenção do público e há uma atração de visitantes, ainda maior, para o cinema e para a cidade (Vinícius Araújo, 2020).

Cenário apontado por vários entrevistados, como Vinícius Araújo, e que motivou uma enquete realizada com o público, de quinta a domingo, entre os dias 13 e 16 de fevereiro de 2020, que antes da entrada na sala de exibição era interpelado: “Você é morador de Três Passos?”. Após a resposta, era explicado o objetivo do questionamento e, em caso negativo, uma nova pergunta era feita: “Você mora em qual cidade?”. Dependendo da disponibilidade do público, outras perguntas eram feitas com caráter exploratório. Sem a pretensão de conduzir uma entrevista numa pesquisa qualitativa, a enquete propõe ser um exercício aliado à observação participante (DUARTE, 2004).

Somente uma entrevista gravada, pós-sessão, no domingo, foi realizada com Andreia de Quadros, professora da rede pública municipal de ensino e moradora de Santo Augusto⁶⁰, cidade que fica a aproximadamente 55 quilômetros de Três Passos. Andreia disse estar

⁶⁰ Sobre Santo Augusto: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santo-augusto.html>>. Acesso em 30/06/2022.

visitando a família e que aproveitou para assistir *Minha mãe é uma peça 3* (2019), mas afirmou ser normal sair de Santo Augusto para ver filmes no Cine Globo, principalmente aos fins de semana. Quando perguntada sobre a possibilidade de abrir um cinema por lá, foi enfática: “Acho que não porque não é tão longe e a cidade também não é tão grande e aí o pessoal vem de lá pra cá mesmo”. Nas conversas informais, as respostas a essas perguntas seguiram a mesma linha de raciocínio.

Foram dezoito sessões, dos quatro filmes em cartaz no período, com um público pagante de 249 pessoas, sendo que 97 não moravam na cidade, ou seja 39% do total, um número considerável. No sábado, que teve cinco sessões, 54% dos pagantes eram de fora, sendo que na sessão de *Jumanji 2* (2019), das 14h15, nenhuma das 12 pessoas eram moradoras de Três Passos. Além de treze municípios⁶¹ do Rio Grande do Sul, outras quatro cidades foram citadas: Las Rosas, cidade argentina a 260 quilômetros, São Paulo (SP), Brasília (DF) e Nova Videira (SC). Importante destacar que das dezoito sessões programadas, três não aconteceram por falta de público e que apenas o sábado teve ingresso vendido para todos os filmes.

Acostumado aos altos e baixos da bilheteria em Três Passos, o gerente financeiro da rede, André Luís Blum, destaca que o lucro de qualquer cinema não vem da venda dos ingressos e sim dos produtos disponíveis no bar ou *bombonière*.

Bom, a bilheteria é dividida com as produtoras, né? Então o lucro mesmo, o que dá dinheiro mesmo é o bar. O lucro do cinema praticamente é o bar. A maioria das produtoras ainda tem a garantia mínima. Então, se nós não alcançarmos aquele valor mínimo, nós pagamos ele cheio igual e, às vezes, fica ali e a bilheteria dá quase nada (André Luís Blum, 2020).

Levy Filho não descarta totalmente o caixa da bilheteria, mas reforça que mesmo não tendo sócios na gestão do cinema, já tem que dividir meio a meio o arrecadado em ingressos com as distribuidoras, por isso é importante fazer da *bombonière* uma fonte de renda extra. “A gente conseguiu fazer ela se tornar uma chave principal de lucro”, resume. Mas é um bar ou *bombonière*?

No Cine Globo de Três Passos é possível pedir um café antes da sessão ou mesmo entrar na sala para assistir ao filme com uma cerveja na mão. Tudo para diversificar as vendas e dar o maior número possível de opções aos clientes. Blum lista uma gama de produtos ligados aos personagens dos filmes e que são vendidos na lojinha recém-montada ao lado da bilheteria e do bar.

⁶¹ Os municípios citados pelos entrevistados foram: Coronel Bicaco (58), Tenente Portela (30), Humaitá (30), Santo Augusto (30), Criciúma (48), Esperança do Sul (15), São Martinho (25), São Luis Gonzaga (226), Chiapeta (75), Braga (44), Campo Novo (35), Sede Nova (38) e Redentora (56). Entre parênteses colocamos a distância aproximada da viagem, em quilômetros, da cidade de origem até Três Passos.

Tem camiseta, tem moletom, tem gorro e no inverno sai bastante gorro. Temos óculos 3D. Se o cara quiser ter um óculos 3D que se encaixe melhor no rosto nós temos pra vender também. Ou então ele pega o óculos que é fornecido pelo cinema. Mas tem vários que já compraram e vem com ele já na mão. Temos as canecas que saem também, mas o que sai bastante são as camisetas. Tirando a parte de pipoca e refri, do bar, a camiseta vai bem (André Luís Blum, 2020).

Mesmo com um leque maior de escolhas, o produto mais vendido e rentável ainda é a pipoca. “E a pipoca é uma coisa muito engraçada... Eu não estou com vontade de comer, mas se sentar alguém do meu lado com um baldão de pipoca, o cara olha, sente o cheiro e levanta, não tem erro. Isso é o bom”, finaliza Blum.

Na época da pesquisa, entre janeiro e fevereiro de 2020, num período ainda pré-Covid, a intenção era incrementar as vendas com produtos licenciados com a marca Cine Globo. A primeira ideia de Levy Filho foi criar uma pipoca para ser vendida no cinema e nos mercados locais. “Às vezes você está fazendo pipoca de chocolate e uma salgada, mas o cara quer uma de morango. Daí que ela já vai estar pronta, né? Na embalagem. Esse vai ser também um próximo passo, de investimento”, explica. Ofertar sabores variados em diferentes dias da semana é uma forma de fazer as pessoas frequentarem o cinema.

Hoje temos a pipoca salgada com manteiga e a de chocolate. E a gente vai acrescentar agora em três dias da semana, segunda, terça e quarta, não sei especificamente quais sabores para qual dia, mas vai ter *marshmallow*, banana, caramelo e acho que vai ter de morango também.

O Levy pensa em fazer também alguns produtos com a pipoca para comercializar em supermercados e outros lugares. Isso foi uma ideia que eu não consigo ver se vai dar 100% certo em lugares pequenos, mas no cinema ele vai provavelmente fazer isso por ser uma ideia legal e ter sabores diferentes, né? (Eduardo Moeller, 2020).



Figura 22: Exemplos de anúncios publicados no Atos & Fatos, em 2020.

Eduardo Moeller poderia estar reticente num primeiro momento, mas assim que as salas da rede foram impedidas de funcionar devido à pandemia do coronavírus, a embrionária ideia foi uma forma de continuar faturando com as portas fechadas. Outras empresas exibidoras apostaram em estratégias semelhantes Brasil afora.

Nesse instante, as nossas práticas de ida ao cinema estão suspensas em boa parte do mundo, exceto por conta de iniciativas que revisitam o formato drive-in ou trazem para o âmbito da exibição tradicionais práticas comuns ao streaming e ao on-demand, como, por exemplo, a programação de sessões virtuais e a liberação para o público de títulos em plataformas on-line.

Há companhias de exibição que, inclusive, apostam no delivery de itens de bomboniere em parceria com aplicativos como Rappi e iFood. Pipoca e outras guloseimas são entregues em domicílio para aplacar a saudade dos crocs-crocs, sabores e cheiros consumidos, nem sempre de forma educada, no escurinho do cinema (FERRAZ, 2020⁶²).

Durante o ano de 2020 e parte de 2021, o Cine Globo investiu na divulgação do sistema de entrega de produtos (o famoso *delivery*) nas redes sociais e nas mídias da região (Figura 22). A ideia surgiu da observação de outros cinemas e foi adaptada para a forma como os Levy veem a gestão do seu negócio.

É como se fosse comprar pipoca no mercado, de saquinho. Ela vai estar embalada, não sei se dizem envazada, porque ela vai estar fechada, selada, num pote selado. Pipoca doce, salgada não. Pipoca doce fria não é ruim. Ela é boa. Muitos cinemas estão fazendo isso, só que comprando de uma empresa que faz isso, né? E eu resolvi eu mesmo montar desde o início: a embalagem, a marca, o adesivo na embalagem transparente da Cine Globo Gourmet, uma máquina seladora dessas de embalagem (Roberto Levy Filho, 2020).

Criatividade para superar mais uma crise ou apenas um lance de sorte? Com o público em casa, por quase um ano e retornando de forma reticente desde 2021, a pipoca *gourmet* e o sistema de entregas de outros produtos ajudaram a manter as engrenagens funcionando. O investimento planejado, ainda em 2019, para ser uma fonte de renda extra agora é incorporado ao rol de estratégias utilizadas pelos Levy na manutenção do Cine Globo.

4.2 Tecnologia e as relações com o poder público

Mesmo abusando da criatividade na gestão, diversificando as receitas com outros negócios e ainda explorando o capital financeiro da família, sem a transição do 35 mm para o Digital, feita entre 2014 e 2015, o Cine Globo de Três Passos não existiria nos dias atuais como sala de exibição cinematográfica. A já citada reportagem do jornal *Zero Hora*, de 24 de maio de 2014, com o título alarmista, “Película com os dias contados”, resumia a dimensão do problema que era enfrentado, no dia a dia, por Levy Filho.

⁶² Artigo escrito em 03 de junho de 2020 e disponível em: <<https://www.exibidor.com.br/artigo/95-casulos-historia-do-cinema-e-sentido-de-coletividade-em-meio-a-covid-19>>. Acesso em 30/06/2022.

Não, não tinha nenhum filme mais. Em 2014, quando a gente estava no Festival de Cinema, aqui em novembro, acho que setembro a gente estava operando aqui e pegou filme que era filme de quase três meses antes e estava rodando e não tinha mais. Ligava lá: “Ah, só tenho HD, não tenho mais película”. E foi assim, foi acabando, acabando. Não ia ter filme. O prazo máximo foi ali, foi dezembro de 2015 (Roberto Levy Filho, 2020).



Figura 23: A estreia do 3D teve casa cheia e amplo destaque na mídia local, em 2015.

A ação da Ancine e do Governo Federal, ao intermediar a relação com as empresas responsáveis, e ainda oferecer a desoneração dos impostos relativos à importação do maquinário com a instituição do RECINE⁶³, foi fundamental para que o parque exibidor pudesse aderir ao empréstimo oferecido pelo BNDES⁶⁴. Segundo Levy Filho, que participou ativamente das negociações, sem essa política pública de apoio ao setor a continuidade dos pequenos e médios exibidores estaria seriamente ameaçada.

Naquela época, se não tivesse esse financiamento, nós não iríamos nunca conseguir comprar. Nós fizemos um acordo milionário, mais de um milhão ou quase um milhão. E pra ter isso aí, você tem que dar quase um por um, tem que dar algo em troca e na época a gente nunca iria ter (Roberto Levy Filho, 2020).

⁶³ Em 2012, foi implantado o RECINE – Regime Especial de Tributação para o Desenvolvimento da Atividade de Exibição Cinematográfica. O RECINE suspende a exigência de todos os tributos federais incidentes sobre os investimentos em materiais e equipamentos para salas de cinema. O custo de importação de projetores foi reduzido em 25%.

⁶⁴ Para mais detalhes sobre o plano de ação da Ancine: “Evolução da Digitalização dos cinemas: Ações regulatórias e de desenvolvimento” em <https://antigo.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/CSC%20Digitaliza%C3%A7%C3%A3o%2007%2010%2014.pdf> (Acesso em 30/06/2022).

O financiamento dos três projetores, realizado junto ao BNDES, segue sendo pago mensalmente e com previsão de ser quitado em no máximo três anos devido a uma revisão do contrato original. “A gente prorrogou o contrato, o dólar aumentou. Foi firmado daquela vez com o dólar lá embaixo, a quatro reais, acho que estava R\$ 3,80, por aí. O dólar agora já está bem mais caro”, explica Levy comentando que “O pessoal até hoje não entende muito bem como é que foi esse financiamento. Teve gente que acabou não conseguindo pagar. Teve gente que acabou também devolvendo projetor no Brasil aí. Mas ajudou sim”.

A entrada do projetor Digital 2D e 3D, no Cine Globo, em 2015, teve impacto imediato no aumento da bilheteria nos anos seguintes, como registrado pelas reportagens de Carlos Roberto Grün, no *Atos e Fatos*. Lidando com as finanças do cinema no dia a dia, André Luis Blum atesta que a chegada do 3D foi um fator determinante para resgatar uma parcela do público que nunca tinha visto um filme em Digital ou mesmo com a tecnologia 3D.

O 3D na verdade foi a coisa que resgatou o cinema aqui em Três Passos. Antes do 3D o cinema em Três Passos estava praticamente morto. O senhor Levy não conseguia mais pagar as contas, estava no fim, nas últimas... Tanto até que eu cheguei a conversar com ele, eu não trabalhava aqui ainda, mas eu era amigo da família, e ele chegou a comentar conosco o medo dele da mudança da película para o 3D. Ele: “Bah, nós vamos ter que pagar o aluguel do projetor para a Ancine” e “Não sei se nós vamos tirar”, porque não estava dando nada, né? (André Luís Blum, 2020).

Se em Três Passos o projetor Digital 3D foi adquirido pela família Levy no apagar das luzes da projeção em película, o contrato foi assinado em novembro de 2014, no interior do país a realidade não foi tão diferente. Segundo dados do plano de ação da Ancine, até junho de 2014, mais de 2.000 salas de cinema tiveram o pedido de credenciamento, para aquisição de projetores digitais com benefícios do RECINE, aprovados pelo órgão, mas cerca de duzentas salas de pequenos grupos exibidores ainda não tinham feito o pedido: “O processo deve se encerrar no primeiro trimestre de 2015. Uma pequena fração das salas, que permaneçam analógicas, podem demandar atenção especial”, enfatiza a agência. No comunicado, a Ancine deixa latente a necessidade de intervir no processo devido à relação conflituosa entre exibidores e distribuidores.

A projeção digital é uma tecnologia de reposição. Originalmente, não acrescenta novas receitas para o exibidor. Envolve, inclusive, custos mais altos de manutenção dos equipamentos. A motivação dessa renovação tecnológica está nas vantagens geradas na distribuição: custos reduzidos de cópiagem e transporte dos filmes e maior facilidade operacional. Sobre a característica econômica inicial, alguns elementos mobilizam o interesse dos exibidores: a tecnologia 3D e conteúdos alternativos, a possibilidade de ampliar o circuito de lançamentos e a receita dos cinemas isolados e a hipótese de multiprogramação em complexos menores (Ancine, 07/10/2014).

Naquele momento, meados de 2014, a Ancine estimava que apenas 57% do total das salas já estavam operando com o sistema digital e admitia o atraso do país e da América Latina em relação ao resto do mundo. A aposta em atrair o público com a volta do 3D, dessa vez em formato digital, foi um dos elementos considerados pelas maiores redes exibidoras quando começaram a conversão entre 2009 e 2010.

A atração exercida nos espectadores pelas superproduções de Hollywood em 3-D digital foi o argumento fundamental para justificar o investimento na conversão pelos principais exibidores cariocas. O advento do 3-D parece ser um fenômeno que motiva os espectadores, inclusive, a pagar um ingresso cerca de 30% mais caro do que o comum, pois fornece uma experiência que ainda não se pode ter na absoluta maioria das televisões domésticas (FREIRE; TORRES, 2011, p.177).

Quando Freire e Torres (2011) fizeram o estudo de caso para o artigo, em 2010, apenas 5% das salas brasileiras estavam equipadas com projetor Digital 3D e ainda concentradas nas principais capitais. Naquela época, o parque exibidor nacional ainda não tinha uma definição clara sobre qual sistema seria adotado e duas opções para a projeção em Digital conviviam com as cópias em película⁶⁵. Nenhum plano de ação por parte do Governo Federal tinha sido desenvolvido e a Ancine mapeava o parque exibidor para acompanhar a transição.

Criada através da MP nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, a agência governamental só iniciaria efetivamente suas atividades no ano seguinte, após a edição do decreto nº 4.121, de 7 de fevereiro de 2002, e, mesmo assim, com limitações de orçamento e pessoal. Entre suas competências políticas e administrativas destaca-se “k) aprovar e controlar a execução de projetos de co-produção, produção, distribuição, exibição e infra-estrutura técnica a serem realizados com recursos públicos e incentivos fiscais, ressalvadas as competências dos Ministérios da Cultura e das Comunicações” (GATTI, 2005, p.75).

Fica perceptível que o escopo de ação da Ancine é razoavelmente largo, entretanto as suas principais atividades seriam as de fomento e fiscalização da legislação em vigor. Para realizar tais tarefas seria necessário que a agência se equipasse com recursos materiais e humanos, o que até o presente momento não se configurou. Este estado das coisas é derivado de uma certa falta de recursos, planejamento, vontade política, inércia administrativa e burocrática, e de desarranjos internos dentro do próprio aparelho de Estado (GATTI, 2005, p.76).

Enquanto a Ancine se organizava internamente nos anos seguintes, nos Estados Unidos, as grandes produtoras e distribuidoras já apontavam que a digitalização seria um caminho sem volta, mas continuavam tanto a filmar quanto a lançar os filmes em película. Um

⁶⁵ O DCI (*Digital Cinema Initiative*) garantia a qualidade mínima de projeção exigida pelos estúdios de Hollywood, já o projetor disponibilizado pela Auwe Digital (antiga Rain Network Cinema Digital) não atingia a qualidade mínima exigida, mas apostava nos filmes à margem do sistema das grandes produções (FREIRE; TORRES, 2011).

momento de indefinição que certamente atrasou a adesão dos pequenos e médios exibidores à nova tecnologia.

A co-existência de diferentes padrões é sempre limitadora para a difusão de uma invenção tecnológica, pois implica em maiores gastos e disputa entre empresas e sistemas concorrentes. O advento do cinema sonoro no final dos anos 1920, por exemplo, ocorreu através da introdução de dois sistemas *concorrentes e incompatíveis*: o Vitaphone da Warner Bros., com o som em discos, e o Movietone da Fox, com o som impresso fotograficamente na película. Isso queria dizer que para um exibidor projetar os filmes sonoros desses dois estúdios ele deveria inicialmente adquirir dois equipamentos diferentes, implicando num gasto maior, ou escolher apenas um sistema, o que, por sua vez, limitava suas opções, assim como a circulação dos produtos (FREIRE; TORRES, 2011, p.177).

O sistema de digitalização ofertado pela Auwe Digital não obrigava a compra do projetor, que era disponibilizado em termos de comodato, sendo em primeira análise uma possibilidade mais atraente financeiramente para o pequeno exibidor (GATTI, 2007). No entanto, devido a não atender aos requisitos mínimos na qualidade de imagem e som, não era capaz de atender os cinemas que optassem por programar os filmes hollywoodianos.

Entretanto, parece que é bem pouco provável o fato de que os exibidores do interior do país e de localidades mais distantes disponibilizem tal capital para realizar o investimento no equipamento. Isto porque se sabe que o sistema adotado pela Rain Network não será compatível tecnologicamente, tanto em software quanto em hardware, com o sistema que as empresas transnacionais do audiovisual estão estudando e pretendendo implantar (GATTI, 2007, p.93).

Nesse momento de total incerteza quanto aos rumos do parque exibidor nacional, em meados de 2011, Roberto responde a um questionário aplicado pela pesquisadora Lia Micaela Bergmann e que faz parte de um estudo com o objetivo de “propor ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense” (BERGMANN; LEDERMANN, 2013). Além do Cine Teatro Globo, em Três Passos, outras quatro exibidoras participaram da pesquisa: a Movie Arte Cinemas, de Erechim; Cine Cultural, de Santa Rosa; Cine Cisne, de Santo Ângelo, e o Cine Lux, de São Luiz Gonzaga.

Quando questionados sobre como imaginam as salas de cinema que gerenciam daqui a dez anos, os empresários do Movie Arte Cinemas, do Cine Cisne e do Cine Lux declararam que esperam que esteja muito melhor, que tenham evoluído, estejam atualizadas e que ofereçam mais conforto aos clientes. Já os empresários do Cine Cultural e do Cine Teatro Globo de Três Passos declararam que só Deus sabe, pois o mundo está evoluindo rapidamente (BERGMANN; LEDERMANN, 2013, p.7).

Ao fim do texto, várias ações são recomendadas aos empresários, algumas datadas por serem relacionadas à película e outras já pensando numa futura mudança para o Digital,

porém, a resposta dos donos do Cine Cultural e do Cine Teatro Globo não passou incólume pelos autores.

Destaca-se que estas ações devem fazer parte de uma estratégia de *marketing* permanente, visando atender as expectativas dos frequentadores das salas de cinema. Pode-se concluir que as empresas que estão em declínio, são aquelas que não estão atendendo os desejos e necessidades de seu público alvo ou não estão conseguindo acompanhar o seu mercado. A frase “só Deus sabe” mostra o motivo das salas estarem nessa situação (BERGMANN; LEDERMANN, 2013, p.8-9).

Segundo os pesquisadores, a entrevista foi realizada entre os dias 17 de junho e 13 de julho de 2011, uma época em que Roberto lidava sozinho com o cinema, antes do retorno do filho para Três Passos. Mesmo assim, o tom pessimista, e até fúnebre, destacado no estudo contrasta com os planos traçados para o futuro e que foram abordados poucos meses depois no jornal *Atos e Fatos*, de novembro de 2011. Se comparado com reportagem da revista *Perfil*⁶⁶, no ano anterior, esse contraste é ainda mais evidente.

Depois de um breve histórico da sala e da gestão dos Levy, o texto questiona o futuro do cinema falando que “o hábito de ir ao cinema está condenado à extinção total diante das novas tecnologias que oferecem diferentes maneiras de se assistir a um filme, além de outras formas de entretenimento”. Roberto discorda lembrando que o cinema sempre resistiu e que essas ideias surgiram com a invenção da televisão, do videocassete e que agora retornam com o surgimento de novas mídias. “As altas tecnologias como a terceira dimensão, não vão eliminar o hábito de ver um filme ao lado de outras pessoas, principalmente um filme visualmente estimulante. Isso vai continuar por bastante tempo”, finaliza com o tom otimista de quem acompanha de perto as crises do cinema desde a década de 1950.

A crise gerada pelo advento do digital não é a primeira mudança radical sobrevivendo o reino da sétima arte. É preciso dizer e repetir, incansavelmente: toda a história do cinema foi regularmente pontuada por momentos de questionamento radical da identidade do meio de comunicação. O que, durante mais de um século, chamamos cinema, sofreu, ao longo de sua história, uma série de mutações tecnológicas sucessivas. Seja no momento da passagem para o cinema falado, seja no momento da introdução dos formatos largos - para citar apenas dois exemplos -, cada tecnologia nova alterou, à sua maneira, de forma progressiva e durável, as práticas de produção e difusão das obras, assim como sua recepção pelos espectadores. (GAUDREAU; MARION, 2016, p.15).

Ao longo de sete décadas, o Cine Globo foi testemunha de mudanças sociais, econômicas e políticas, mas a cada nova tecnologia, uma nova ameaça de fim: televisão, videocassete, DVD, TV a cabo, depois o advento da internet com os sites de

⁶⁶ Revista Perfil: Fronteira Noroeste, edição de maio-junho de 2010, com circulação em 17 cidades da região.

compartilhamento de vídeo e as plataformas de filmes, mais recentemente a “Revolução Digital” traria o fim do cinema como conhecemos (GAUDREAU; MARION, 2016).

Pensar a relação cinema e tecnologia com olhar evolutivo da sucessão das mídias não consegue explicar a permanência do Cine Globo, na cidade de Três Passos, nos dias atuais. Eduardo Moeller recorda que a cidade contava com várias locadoras de vídeo, uma inclusive foi aberta no prédio em frente ao cinema, mas que somente uma resistiu. “Só tem a Gamer⁶⁷ ali embaixo. Tanto que eu comprei filmes porque eles estão se desfazendo do acervo deles. Não sai, não tem demanda, né? Muito também pelo *streaming*, *Netflix* e outras coisas”.

Fundada em 1986 e localizada na Avenida Júlio de Castilhos, quase ao lado do cinema, a Game Mania Multimarcas começou como locadora de vídeo, na sequência incorporou o aluguel de videogames e agora se define como cafeteria que tem “presentes originais, decoração, livros, filmes, ciclismo, cyber café. Lazer e cultura num ambiente especialmente pensado para você”. Sem a mudança no perfil e a entrada de outros produtos para abrir o leque de clientes, o empreendimento não teria sobrevivido nesses 36 anos.

No Rio de Janeiro, a Cavídeo Locadora comemora 25 anos⁶⁸, com evento que irá ocupar dois cinemas, o Estação Botafogo e o Estação Net Rio, entre julho e setembro de 2022. Em constante transformação, a empresa fundada como locadora de vídeo foi se conformando ao longo do tempo e se adequando às mudanças sociais e tecnológicas.

A loja sobreviveu à mudança da fita VHS para o DVD e segue resistindo ao domínio do streaming. Em outubro de 2020, a Cavídeo se mudou para as Casas Casadas, em Laranjeiras, onde se tornou um espaço cultural. Atualmente, o lugar abriga a exposição *Cahiers du Cinema 70 Anos*, que comemora o aniversário da prestigiada revista (*Veja Rio*, 22/06/2022).

Em parceria com o Grupo Estação, Cavi Borges, cineasta e fundador da empresa, organiza a curadoria da *Mostra Clássicos do Brasileiro*, com a proposta de exibir filmes nacionais em película. *Amarelo Manga* (2003), por exemplo, teve sessão lotada em junho, e dentro das comemorações de aniversário da locadora de vídeo estão programadas mais duas sessões com projeção em 35 mm, ainda neste mês.

Quando os cinemas iniciavam o processo gradual de reabertura, após liberação das autoridades sanitárias devido ao aumento do número de vacinados e a diminuição dos casos da pandemia do coronavírus, a parceria do cineasta com o grupo exibidor rendeu o *Festival Estação Virtual: 35 Anos do Cinema Brasileiro*, com mais de 200 filmes nacionais

⁶⁷ A Game Mania Multimarcas: <<https://game-mania-multimarcas.negocio.site/>>. Acesso em 30/06/2022.

⁶⁸ Cavídeo faz 25 anos: <<https://vejario.abril.com.br/programe-se/cavideo-25-anos-estacao/>>. Acesso em 30/06/2022.

disponibilizados em plataformas online, que tiveram mais de 80 mil visualizações, entre os dias 06 de maio e 06 de junho de 2021⁶⁹.

Uma locadora ainda em funcionamento a poucos metros de uma sala de exibição, outra que se torna um centro cultural e se alia a um grupo exibidor, são exemplos pontuais, mas que forcem uma reflexão sobre as certezas que cercam o fim das mídias. O cinema irá mudar para permanecer igual? (GAUDREAULT; MARION, 2016).

“Todavia, é preciso reconhecer que, mesmo que muitas coisas tenham mudado com a passagem ao digital, muitas outras coisas parecem não ter se alterado, nem que seja porque a “pegada digital” de um filme não é facilmente perceptível para o espectador que frequenta as salas de cinema. No fundo, a passagem ao digital seria, talvez, mais da ordem da virada que da ordem da revolução (GAUDREAULT; MARION, 2016, p.17).

Para quem trabalha em contato direto com o público, fica a sensação de que o cinema terá sempre que recorrer às atualizações tecnológicas para seguir tendo relevância. Moeller encara como inevitável as constantes transformações no parque exibidor. “E pelo o que dá pra ver, vai muito mais ainda. Está vindo mais tecnologia. Tem o 4D já, existe. Tem telas diferentes e por aí sempre evoluindo. A tecnologia nunca vai parar, você vê pelo *smartphone*”, enfatiza o gerente do Cine Globo, em Três Passos.

Por outro lado, a mesma tecnologia que é usada para justificar o fim do cinema como conhecemos também foi responsável pela sua manutenção, mesmo que com mudanças, ao longo do século XX. Se a televisão surge pequena e com imagens em preto e branco, o cinema explode em cores e expande a tela. Se o VHS, o DVD e depois a TV a cabo nos prendem em casa, uma revolução de efeitos digitais criam mundos apenas imaginados nos obrigando a ver e a sentir essa experiência na sala escura.

Até mesmo a internet entra nesse jogo quando empresas como a *Netflix* produzem e lançam filmes no cinema que depois serão incorporados à plataforma dando ao público a escolha de ver em casa ou na tela grande. Para aqueles que fogem das grandes produções hollywoodianas, a tecnologia digital permitiu que novas cinematografias emergissem tanto pelo barateamento da produção quanto por uma maior visibilidade via internet, TV fechada e mesmo com a exibição em festivais de cinema.

Aparente contradição que nos remete ao trabalho de Thomas Elsaesser e sua busca por entender o cinema dentro de um contexto mais amplo e evitando simplesmente encaixá-lo numa linha reta temporal - como normalmente aprendemos nos livros sobre o início do cinema

⁶⁹ Sobre o festival: <http://www.grupoestacao.com.br/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=2009:80-mil-visualizacoes-no-festival-estacao-virtual>. Acesso em 30/06/2022.

e sua contínua evolução tecnológica (ELSAESSER, 2018). Pensar o cinema para além da história cronológica, onde as marcações de início, meio e fim definem uma causalidade de avanços, tanto tecnológico quanto temporal, levou Elsaesser a uma viagem de trinta anos estabelecendo bases para uma perspectiva arqueológica e assim desafiando a lógica do processo evolutivo do cinema dos primórdios até a era digital.

Na mudança tecnológica, as forças em ação não funcionam em forma incremental nem orgânica: é necessário que os eventos contingentes sejam tomados como partes essenciais, além de também ser preciso reconhecer que mesmo as continuidades são decorrentes de uma mudança de parâmetros básicos, de modo que não só a virada digital, mas também os eventos políticos provocaram rupturas radicais nas últimas décadas do século XX (ELSAESSER, 2018, p.29).

A internet, por exemplo, é fundamental para simplificar e agilizar a gestão do cinema. A programação de filmes é divulgada nas mídias sociais, assim como os trailers e cartazes são recebidos online sem a necessidade do envio desse material através do serviço postal, como era recorrente. Como único cinema da região, o Cine Globo recebe um público que viaja quilômetros até Três Passos e a disponibilização de um aplicativo de *smartphone* para a compra antecipada de ingressos é uma estratégia para não frustrar os clientes. Além disso, permite aos funcionários ter uma noção do movimento antes da sessão, o que impacta, por exemplo, no cálculo da quantidade de pipoca que será feita, evitando o desperdício ou a falta do produto para a venda imediata.

A digitalização também eliminou a espera pelos rolos de película, já que os filmes eram exibidos primeiro nas capitais para depois percorrerem o interior do Brasil. Essa sempre foi uma reclamação recorrente por parte dos exibidores, principalmente após a popularização do DVD e, nas últimas décadas, do Blu-ray, por possibilitarem cópias piratas com maior qualidade do que as feitas anteriormente em VHS.

O custo do frete, por transporte rodoviário, também foi reduzido drasticamente. Antes um longa-metragem era enviado dividido em latas que podiam pesar quase 30 quilos e ainda era necessário montar as partes para a exibição. O processo levava até duas horas e exigia um funcionário. Depois da sessão ainda era preciso desmontar o filme, recolocar nas latas e enviar para outro cinema. Hoje, os filmes continuam a fazer as viagens de ônibus, mas um HD não pesa mais do que dois quilos e fazer o *upload* do arquivo leva em torno de uma hora, mas sem a necessidade de destacar um funcionário só para essa função. Isso não significa que os atrasos e surpresas comuns à época da película também não apareçam nos dias atuais para quem tem sala no interior do Brasil.

Eu lembro do *A Era do gelo* que uma vez fiquei lá em Santa Rosa, terça-feira de noite, chegou o HD e fui colocar pra copiar e não reconhecia. Aí, teve que sair outro HD, na quarta-feira, lá de São Paulo, chegou quinta-feira de manhã em Santa Rosa – isso porque tinha uma logística rápida.

Aí, na quinta-feira de manhã copiou lá, eu vinha para Três Passos e acabei indo pra Palmeira de carro também, eu acho, mas não sei se acabou perdendo uma sessão (Roberto Levy Filho, 2020).

Outro impacto financeiro que beneficiou a gestão do Cine Globo e tem ligação direta com a tecnologia foi a instalação de painéis de energia solar, no telhado do edifício, durante a reforma de 2019. Segundo André Blum, o maior peso no orçamento de um cinema, sem contar a divisão da bilheteria com a distribuidora, é com o pagamento da conta de luz, sendo que tudo numa sala de exibição funciona com energia elétrica. “É muito ar condicionado. Se tu for começar a contar ar condicionado não para mais... São mais de dez, mais o projetor, mais as pipoqueiras, mais os congeladores... é bastante”. Blum explica que o investimento inicial é alto, mas que foi a decisão correta instalar os painéis junto com a reforma da fachada. “Sim, e que vai se pagar num curto prazo, nem vai ser tão longo assim, ele vai se pagar sozinho. É um investimento que se paga. Vale a pena. Para quem tem cinema, supermercado, estabelecimento grande, a energia solar vale a pena”.

Levy Filho admite que a opção foi pensada com a intenção de diminuir custos futuros no Cine Globo. “Por isso a gente fez o investimento em energia solar, para diminuir os custos de energia e para ajudar a manter mais. A parcela que está pagando a energia solar já era o valor que estaria pagando de conta de luz. Então, foi um investimento”. Cortar custos é prioridade para Levy Filho que centraliza a administração da rede no segundo andar do edifício, em Três Passos, onde não gasta com energia elétrica, além de contar com uma equipe de funcionários reduzida no atendimento ao público, mas treinada para atuar em todas as valências.

Antes da entrada do Digital, poucas sessões eram programadas por semana, devido a escassa oferta de filmes e, raramente, o Cine Globo abria as portas durante o dia, tendo somente uma sessão noturna. Se por um lado não gerava receita, com a venda de ingressos e consumo no bar, também não tinha gasto com funcionário e energia elétrica.

Isso de colocar 18h30 ou 15h45 fui eu que comecei em 2015. Colocar sessão às 14h30, 17h30, 19h30, 21h, foi tudo eu também. Mas claro o pai falava que antigamente tinha bastante horário também. É que depois caiu muito as sessões porque não tinha filme. Porque às vezes tinha filme que já estava aí há três semanas. Tinha filme grande, *Homem-Aranha*, por exemplo, que botava três sessões. Mas tinha filme que não adiantava e na cabeça deles era só pra gastar luz. Exibir pra ninguém (Roberto Levy Filho, 2020).

Mesmo na sessão noturna era uma conta difícil de ser feita e muitas vezes o gasto para exibir a película era superior ao arrecadado. Com a instalação do sistema de energia solar essa equação não precisa mais ser computada. Dessa forma, uma antiga estratégia utilizada por Roberto pode ser repaginada trazendo benefícios de curto, médio e longo prazo para a manutenção do cinema na cidade.

Conforme abordado no capítulo anterior, Roberto mantinha uma relação de proximidade com instituições de ensino tanto públicas quanto privadas. Seja através do aluguel para as formaturas de fim de ano, palestras, eventos ou mesmo com preços especiais para turmas de estudantes irem ao cinema, a família Levy buscava nos colégios, de Três Passos e região, o público que faltava nas sessões diárias, principalmente entre as décadas de 1990 e 2000. Fotografia de fins da década de 1990 (Figura 18) registra a fila de estudantes de uma escola pública aguardando para entrar na sala.

Tudo começou com o Roberto que ia num contato boca a boca, visitava as escolas, fazia um convite e chegava nos diretores. Muitas vezes os diretores diziam: “Vai na sala e faz a propaganda do filme”. E ele fazia uns panfletinhos e entregava aos alunos. “Olha, tem o filme tal”.

Eles iam pra casa e enchiam a paciência dos pais e traziam e daí eles ganhavam o desconto. “Quem apresentar aqui paga só a metade do preço”. Então já era o meio-ingresso e quem apresentava esse era meio do meio. Aí, já tinha mais um descontinho. Era tudo assim... Fazia qualquer *brique* para trazer o pessoal ao cinema (Vilma Levy, 2020).

O retorno financeiro imediato sempre será um elemento importante, mas não a única razão para os Levy estreitarem os laços com as instituições de ensino, principalmente as públicas. Se Roberto fazia o trabalho de divulgação junto à direção e coordenação, Vilma Levy, enquanto professora da rede pública, compreende a importância de inserir o audiovisual nas escolas como forma garantir uma plateia acostumada a frequentar a sala de exibição.

Então esses adolescentes, lá do ano 2000, hoje muitos já são formados, e eles lembram, alguns eram meus alunos, e eles diziam: “Meu primeiro filme que eu assisti foi no cinema. E hoje eu continuo indo no cinema porque eu aprendi”. E os professores voltavam para as aulas, discutiam o filme, eles tinham que escrever lá sobre o filme (Vilma Levy, 2020).

Como único cinema num raio de até oitenta quilômetros, o Cine Globo atrai os colégios de toda a região. As datas comemorativas, como o Dia da Criança ou o Dia da Mulher, continuam como chamariz para a excursão dos estudantes que assistem ao filme escolhido em comum acordo entre os docentes e Levy Filho que, graças à projeção digital, pode oferecer um leque de opções para a escolha das escolas.

Mas aqui um detalhe muito grande: esse é o cinema que mais bota crianças lá em outubro, né? Chega a botar quase quatro ou cinco mil alunos, de outubro e até novembro. Por exemplo, em janeiro agora, na quinta-feira, vai vir um colégio às 9 horas da noite, para ver *Aves de Rapina* (2019).

Eu estava aqui outro dia e veio dois ônibus, com oitenta alunos, em janeiro. Então, aqui é o cinema que mais traz colégio da região toda. Em outubro, novembro, assim da para se dizer que é a safra, né? Em agosto, desde antes, já começa a vir bastante aluno (Roberto Levy Filho, 2020).

Mantendo uma agenda atualizada e em contato diário via redes sociais com diretores e coordenadores de colégios de várias cidades, Levy Filho consegue manter as manhãs ocupadas durante boa parte do ano. Para evitar o conflito de datas, as escolas de outros municípios fazem os agendamentos com meses de antecedência. Em alguns casos chegam a reservar uma semana inteira para contemplar todas as turmas. “Se eles têm uma programação X, se eles querem o dia tal, uma semana reservada para as crianças, para os estudantes, eles já estão ligando antes e agendando. Eles combinam.”, diz Vilma.

O aumento na carga horário de trabalho obrigou o empresário a contratar um funcionário extra, já que o cinema opera praticamente o dia todo, abrindo cedo para receber a sessão de alunos, por volta das 9h da manhã, e fechando quase meia-noite, após a sessão de 21h30 ou 22h – a depender da duração do filme. Com o hábito de fazer pipoca antes das sessões, é comum ver funcionários do comércio ao redor, ou mesmo pessoas que moram próximas, entrarem no saguão de espera para consumir na *bombonière*. Sem a preocupação com o gasto de energia elétrica, abrir cedo e fechar tarde é sinônimo de lucro para os Levy.

Gerente financeiro da rede, André Luis Blum explica que os acordos variam para cada escola, prefeitura ou secretaria de educação de municípios próximos como, por exemplo, Humaitá, Campo Novo, Tenente Portela, Braga e Coronel Bicaco. Em alguns casos os estudantes pagam o valor dos ingressos e a prefeitura disponibiliza o ônibus para o transporte, mas não é incomum algumas secretarias de educação arcarem com o valor total para crianças de escolas em áreas mais pobres.

O Levy faz meia-entrada de meia-entrada para as crianças. Eu acho isso importantíssimo. As crianças estão voltando a vir no cinema e vão pegando gosto e quando fica mais velho vai continuando vindo. Ele não vem mais com a escola, mas vem! Isso é importante para dar uma resgatada no cinema porque o cinema estava aqui em Três Passos bem pra baixo (André Luis Blum, 2020).

Com o ingresso da inteira custando R\$ 20,00, no início de 2020, Levy Filho cobra R\$12,00 por aluno, um valor que fica próximo à meia-entrada, mas com outros atrativos: “R\$ 5,00 do ingresso, a gente fez por R\$ 3,00 a pipoca e mais R\$ 4,00 do refri para beneficiar a eles”. Um benefício mútuo considerando o retorno financeiro imediato, potencializado pela

economia com o uso da energia solar, e com o desenvolvimento contínuo de um trabalho de formação de plateia com objetivos de médio e longo prazo. Mesmo com o combo ofertado pelo empresário, muitos colégios não conseguem verba diretamente com as secretarias de educação, prefeitura ou com o CRAS⁷⁰ e a solução é apelar para a criatividade.

Até rifa já fiquei sabendo que teve. Fizeram rifa. Pegaram brinde no comércio, mas isso de outras cidades, aqui não. Eles fizeram a rifa e vieram com o dinheiro da rifa. É tudo uma mobilização em conjunto. Aqui no interior quando acontecem as coisas eu acho que é assim (Roberto Levy Filho, 2020).

A relação com o poder público municipal, tanto a nível local quanto regional, é outra estratégia utilizada para gerar receitas e garantir um fluxo contínuo de capital para a rede. Conforme analisado no capítulo anterior, duas salas dos Levy, Palmeira das Missões e Santa Rosa, estão instaladas em edifícios públicos e com contratos de licitação em vigor. Em Três Passos, terra natal do Cine Globo, o envolvimento do poder municipal é limitado e restrito à compra de ingressos pela secretaria de educação, mesmo não faltando vontade política para uma maior atuação.

É o que garantem José Carlos Amaral e Jorge Dickel, prefeito e vice, na gestão 2017-2020, que se assumem cinéfilos e admiradores do trabalho da família Levy à frente do cinema, mas que estão impedidos legalmente de estreitar os laços com o Cine Globo. Desde 2014, tramitava no congresso uma lei que altera a forma como são feitos os repasses de verbas públicas para o setor privado, através dos chamados convênios.

É preciso você entender a raiz do problema. Até 2017, nós tínhamos uma possibilidade de se relacionar através da Secretaria de Cultura com o cinema. Era através de convênios, onde se firmava convênios. Olha, vamos contratar cinco ou quatro sessões de cinema, por exemplo, e em contrapartida vamos pegar um número X de ingressos.

Isso tudo era regulamentado por essa iniciativa jurídica chamada convênio. A partir do ano de 2017 entrou em vigor a Lei 13.019 que regulamenta a relação do setor público com o Terceiro Setor (José Carlos Amaral, 2020).

Segundo Amaral, a Lei 13.019 é um impeditivo para que a prefeitura se relacione com qualquer entidade privada, não somente o cinema, porque estabelece que um convênio só pode ser firmado entre entes públicos, como, por exemplo, entre o município e a União. Até mesmo os contratos com importantes associações culturais como os CTG, Centro de Tradições

⁷⁰ O Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é a porta de entrada da Assistência Social. É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade. <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/unidades-de-atendimento/centro-de-referencia-de-assistencia-social-cras>>. Acesso em 30/06/2022.

Gaúchas, tiveram que ser suspensos. “Embora nós tenhamos nos capacitado e treinado os funcionários, as entidades não conseguiram se regulamentar para poder então ter acesso a esses recursos”, afirma José Carlos.

Antes de atuar no poder executivo, como vice-prefeito, Jorge Dickel esteve no legislativo, com mandato de vereador, entre 2013 e 2016, e conhece bem os entraves dos dois lados. Além da função primária do legislativo, a câmara de vereadores deve fiscalizar e sugerir ações ao prefeito, mas tem limitado acesso à verba pública. Agora na administração executiva, Dickel diz ser muito difícil para as entidades privadas se adequarem à exigência da nova legislação federal.

Você reparou que quando se fala em poder público e ajuda a gente sempre comenta a questão orçamentária e a questão jurídica? Às vezes a gente tem muita vontade de ajudar, a gente tem condições orçamentárias de ajudar e às vezes a gente emperra na questão jurídica. Você tem, mas você não pode. E se não pode, não pode porque você vai ser auditado, fiscalizado e alguém vai responder por isso. Mas essa relação a gente tem que estreitar (Jorge Dickel, 2020).

De parte do executivo, a forma atual de estreitar os laços com o Cine Globo é fazer uma licitação pública para a aquisição dos ingressos. Amaral explica que embora a Lei 13.019⁷¹ seja um importante instrumento de fiscalização em prol do erário público, ela é inflexível em alguns aspectos e aumentou a burocratização do sistema como um todo.

Para você ter uma ideia, hoje para nós podermos proporcionar que as crianças vão ao cinema, fora da época do festival, nós temos que abrir um processo de compra, uma licitação de compra de tantos ingressos para a sessão de cinema. Como é o único cinema tem que fazer um processo de ilegitimidade de licitação. Tem que ancorar tudo isso muito bem, a que propósito, qual público você vai atender especificamente.

E, nessa questão de atender ao público específico, você acaba excluindo boa parte porque fica restrito à um público muito específico. O que dificulta muito. Então a gente tenta driblar várias barreiras dessas, mas burocratizou em excesso essa relação com o Terceiro Setor (José Carlos Amaral, 2020).

Mesmo com tantos entraves, a Secretaria de Educação e Cultura segue realizando a compra de ingressos através de repasses às escolas. Segundo dados fornecidos pela secretaria, em 2014, foram adquiridos 430 ingressos; 520 no ano seguinte; 640 em 2016; 680 em 2017, ano em que a lei entrou em vigor; 700 em 2018 e 720 ingressos no ano de 2019. Todos com o

⁷¹ Lei 13.019, de 31 de julho de 2014. Estabelece o regime jurídico das parcerias voluntárias, envolvendo ou não transferências de recursos financeiros, entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público; define diretrizes para a política de fomento e de colaboração com organizações da sociedade civil; institui o termo de colaboração e o termo de fomento; e altera as Leis nos 8.429, de 2 de junho de 1992, e 9.790, de 23 de março de 1999. <<https://www.gov.br/plataformamaisbrasil/pt-br/legislacao-geral/leis/lei-no-13-019-de-31-de-julho-de-2014>>. Acesso em 30/06/2022.

valor de meia-entrada, totalizando 3.690 ingressos destinados “Não só a crianças, mas ao público específico atendido pelos programas sociais como, por exemplo, a terceira idade”, enfatiza José Carlos Amaral⁷².

Redator e locutor da Rádio Alto Uruguai, Vinícius Araújo foi eleito vereador para o mesmo período, 2017-2020, chegando a ser presidente da Câmara de Vereadores. Com envolvimento nas ações culturais do município e também frequentador do cinema, Vinicius lamenta que o poder público não possa atuar mais próximo da família Levy na tarefa de manter o Cine Globo em funcionamento. Ele destaca que o município sequer possui um museu, que o Plano Municipal de Cultura não foi desenvolvido até o momento e que o setor Cultura fica atrelado à Secretaria de Educação, um órgão sempre com muitas prioridades que demandam atenção. O fato da Cultura não contar com rubrica específica e garantida no orçamento, como acontece com Educação e Saúde, é outro ponto limitante.

A cultura, infelizmente, é um pouco diferente da educação e da saúde que tem percentuais obrigatórios que precisam ser investidos. E a cultura, nesse sentido, vai da prioridade do próprio governante. Mas acho que temos muita coisa que avançar ainda. Tem muitos problemas aí que precisam ser ajustados (Vinícius Araújo, 2020).

Artimanha proposta por cinéfilos e vereadores para tentar salvar o Cine Paissandu, no Rio de Janeiro, o tombamento do edifício da Avenida Júlio de Castilhos foi tema discutido com Roberto no passado, mas que hoje, segundo Vinícius, traria diversas implicações e limitações ao negócio e precisaria de muito estudo de parte a parte e com a participação da comunidade via Conselho Municipal de Cultura e demais entidades.

Até para saber a fundo tudo o que se pode conquistar com um formato desses, por exemplo, se vai haver o tombamento de um patrimônio, então a partir disso se pode isentar do pagamento do IPTU? O que seria já um belo incentivo aqui para a família que mantém o Cine Globo. Ou, se a partir disso, se pode investir um recurso do orçamento, se pode ter alguma captação de recursos de forma mais facilitada?

Então, realmente essa é uma discussão que precisa ser aprofundada e aí também trazer o próprio Maninho que é quem está à frente hoje do Cine Globo Cinemas e que é uma pessoa muito preparada e que está sempre buscando soluções e inovando com muita criatividade. Então, acho que ele precisa ser chamado para que a gente faça essa discussão principalmente nessa parte específica de preservação desse patrimônio. Qual é a melhor maneira que temos de preservar essa existência aqui? (Vinícius Araújo, 2020).

Como integrante do poder público, o vereador pode ter sua atuação limitada, mas enquanto participante ativo do revigorado Movimento Pró-Arte, Vinícius Araújo tem ajudado

⁷² Solicitamos à municipalidade de Três Passos informações sobre o número de ingressos adquiridos na atual gestão. Os dados fornecidos abrangem os anos de 2014 a 2016, já que José Carlos Amaral assume a prefeitura, após a saída do então prefeito Cleri Camilotti, por motivos médicos, em 2014.

a escrever uma nova página na recente história da cidade. Para ele, as ações pensadas em prol da manutenção do Cine Globo, criadas a partir de 2014, têm “um potencial enorme para desenvolver a cultura e para que ela seja propulsora de desenvolvimento econômico”.

4.3 Um festival de amor ao cinema

Quando Roberto Bordini⁷³, um dos fundadores do Movimento Pró-Arte, escreve um texto em tom de despedida, mas acreditando na possibilidade futura de reerguer o grupo, não poderia estar mais certo. Manter o CNPJ da associação ativo, decisão tomada em 2001, foi importante para o desenvolvimento da embrionária ideia de realizar um festival de cinema na cidade. Quase tudo o que envolve a história do Cine Globo, nos primeiros passos, é cercada de controvérsias, mas nesse caso, duas figuras surgem como principais articuladores do festival: Nelson Brauwiers e Carlos Roberto Grün.

Cinéfilos, os dois não perdiam as sessões de fim de semana no cinema dos Levy, mas devido à diferença de idade não eram amigos. “Eu conhecia o Nelson, mas como ele era mais velho do que eu e, na nossa época de juventude, uns quatro ou cinco anos de diferença era quase de outra geração e eu não tinha contato ou amizade com pessoas mais velhas. Imagina cinco anos mais velho? Era um vazio de ideias”, recorda Grün.

A aproximação só foi acontecer em dezembro de 2012, durante o 1º Encontro de Três-passenses (Entrespa) que tinha o intuito de reunir ex-moradores da cidade e contou com a colaboração de Carlos no planejamento do roteiro que seria seguido. Nelson, que na época morava em Condor, a 144 quilômetros de distância, era um dos integrantes do evento. Uma das ações do encontro consistia em passeio pelas antigas residências, pelos colégios, pela praça da igreja matriz, ou seja, aos locais de memória e afeto que eram importantes para aquelas pessoas. Durante a parada no Cine Globo, Roberto Levy projeta para o grupo o filme da 1ª FEICAP⁷⁴, com raras imagens em movimento do município, em 1969⁷⁵.

Daí em diante, como é de se esperar, ainda mais com a projeção de um filme, as conversas enveredaram para as lembranças do passado: os clássicos que marcaram época, as filas na porta, o cheiro da pipoca, a falta que fazia não ter a antiga sala de espera, em resumo, as histórias de cinema – que foram responsáveis por aproximar aqueles dois cinéfilos

⁷³ No jornal *Atos e Fatos*, de 30 de junho de 2001.

⁷⁴ FEICAP: Feira de Exposição Industrial, Comercial e Agropecuária. <<https://www.feicap.com.br/a-feira/>>. Acesso em 30/06/2022.

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WBWDTE8NrOs&t=259s>>. Acesso em 30/06/2022.

separados por uma geração. Depois desse encontro, Nelson ficou com uma ideia na cabeça. “Mas por que não fazer um festival? Se nós temos o bolo pronto? Nós temos o bolo pronto que são as pessoas e nós tínhamos a cereja que eu considero o próprio Cine Globo. O Cine Globo é a cereja do bolo. Então por que não fazer?”.

Médico de formação e cineasta de coração, Brauwiers já tinha realizado dois curtas-metragens e participado de alguns festivais pelo interior do estado, só que trabalhando e morando longe durante muitos anos, não tinha mais os contatos do dia a dia e nem como organizar uma reunião para tratar do tema. O que faltava a Nelson sobrava para Carlos. Como jornalista, Grün conhece como poucos a sociedade três-passense e sabia a quem convidar. Além disso, Carlos tinha seus próprios motivos para apostar no festival.

Aí, eu topei na hora. Por que eu topei? Eu falei pro Nelson que nós tínhamos que fazer (isso foi em 2013) em 2014. Porque seria um ano emblemático para o cinema e para Três Passos. Era uma data redondinha porque era os 60 anos do cinema e os 65 anos do município, algo assim, não estou lembrando agora. Tem que fazer a conta, mas os dois fechavam uma data redondinha.

Eu, pessoalmente, queria um festival de cinema para acabar com esse marasmo cultural daqui, sabe? Não vejo nada que avance, além de festinhas de etnia, absolutamente comercial, não vamos na raiz da coisa, sabe? Só jantinha e uma dancinha e acham que isso é resgate de cultura. Não vejo envolvimento nenhum da comunidade a não ser ir lá tomar chope, jantar e termina nisso (Carlos Roberto Grün, 2020).

Os dois seguiram em contato ao longo daquele ano e planejando a melhor forma de reunir um grupo disposto a tocar o evento. Antes de preparar a reunião, faltava um pequeno detalhe, a cereja do bolo tão importante para Grün e Brauwiers. Como eram amigos, Carlos teve uma conversa prévia para sondar Roberto e disse que em breve voltava com detalhes. Levy Filho se recorda de receber Nelson e Ivânio Dalagno, escritor, poeta e também integrante do coletivo, para uma conversa, numa manhã de sábado, ao lado do pai. Os Levy estavam dispostos a ouvir, mas não sabiam o que esperar daquele movimento.

O Nelson, ele veio com uma bagagem, e ele motivou a gente porque ele veio com a bagagem de outros festivais, né? E aí, a gente na hora achou que... Eles já vieram falando em curtas e que lá nas outras cidades funcionava e era assim, vinha gente, era filmes de todo o Brasil que se inscreviam e que vinham diretores, atores e fazia parte. A gente pensou que se acontecesse isso aqui iria ser muito bom, né? Tanto para cultura, para fomentar e incentivar a questão do cinema (Roberto Levy Filho, 2020).

A proposta que Brauwiers apresenta consta de um festival de caráter competitivo, com a exibição de curtas vindos de diversos lugares do país; com a possibilidade de atrair artistas e cineastas, gerando uma troca de experiências com o público; o que acarretaria na divulgação

do nome do cinema, da família e da cidade Brasil afora. Foi o suficiente para cooptar a família Levy. A primeira reunião para formar uma comissão organizadora aconteceu no Cine Globo, em novembro de 2013, com a presença de doze pessoas, mas faltava ainda encontrar a peça-chave que seria capaz de gerir essa delicada engrenagem.

Atuante no cenário cultural de Três Passos desde os anos 1980, Elvídia Zamin foi coordenadora do CPERS, pró-reitora da Unijuí, umas das fundadoras do Movimento Pró-Arte, sendo uma figura respeitada pela comunidade e, principalmente, pelos Levy. A entrada de Zamin na comissão organizadora não só é fundamental para tirar a ideia do papel, já no ano seguinte, como ajuda a idealizar o que é o diferencial do festival: a inclusão de cursos de formação audiovisual direcionados aos professores e alunos das escolas públicas do município – mas não restrito somente a esse nicho.

Usando o CNPJ do Pró-Arte, importante para dar credibilidade ao projeto naquele momento, o coletivo tenta captar recursos através das leis de incentivo estaduais e federais, mas sem sucesso. Dessa forma, o primeiro festival é concebido através de trabalho voluntário, com doações de empresas locais, pequenos comerciantes, de pessoas físicas, contando com o apoio logístico da prefeitura e da família Levy.

No informe divulgado à imprensa, no início de junho de 2014, é oficializado o lançamento do *1º Festival de Cinema de Três Passos* (FCTP), entre os dias 13 a 15 de novembro de 2014, com objetivos bem definidos.

Exibir programação audiovisual de curta-metragem, no intuito de democratizar o acesso ao cinema, incentivar e promover novos talentos na área cinematográfica, formar expectadores (sic), intercambiar culturas, reconhecer o papel do Cine Teatro Globo no contexto histórico local/regional/estadual, com foco no público jovem (Divulgação, 10/06/2014).

Com o slogan *Curta essa história!* escolhido e o site criado⁷⁶, o coletivo abre inscrições para a Oficina de Introdução ao Cinema e ao Roteiro, prevista para acontecer no fim daquele mês, com o intuito de chegar ao festival já com uma primeira turma de alunos engajados e, quem sabe, com alguma produção local. Depois de um ano de preparação e muito trabalho, Carlos Roberto Grün estava satisfeito só por ver o festival sair do papel.

Eu não tinha ideia que iria se expandir tanto. Porque quando a gente fez o primeiro festival, o Nelson que tinha um pouco de experiência disse assim: “Ah, se chegar a sessenta filmes já está assim num número fantástico, né?” Mas se não engano deu uns trezentos já no primeiro e superou a expectativa (Carlos Roberto Grün, 2020).

⁷⁶ Site do festival: <<http://www.cinematrespastos.com.br/>>. Acesso em 30/06/2022.



Figura 24: A primeira edição do Festival de Cinema teve grande repercussão em Três Passos.

Os números comprovam o sucesso daquele primeiro festival: 251 filmes inscritos, vindos de 24 estados do Brasil, uma produção de Três Passos, 71 curtas selecionados, participação de dois cineastas de fora do estado, um público estimado de 1.800 espectadores e ainda 26 alunos formados na primeira oficina ofertada. Para além de alcançar números expressivos, o coletivo trabalha para que o FCTP possa contribuir na permanência do cinema através de projetos contínuos de educação audiovisual.

O festival não botou dinheiro assim pra manter o cinema, mas ele desempenhou um papel importante no sentido de que temos um cinema e vamos associar a esse evento as sessões de cineclube, com estudantes indo... Então, acho que um dos objetivos do Pró-Arte que é a formação de novas plateias e produtores, eu acho que contribui pra manter o cinema, porque o jovem vai lá uma vez e daqui a pouco gosta, vai de novo.

E é preciso que novas gerações surjam porque as gerações mais antigas que iam para o cinema e que frequentavam o cinema, hoje eles não sintonizam mais com o tipo de filme que está sendo exibido. Então eles se afastam e você precisa formar uma nova leva (Elvídia Zamin, 2020).

Mesmo que o plano dos organizadores do FCTP seja o de fomentar ações a médio e longo prazo em prol da manutenção do cinema, André Blum, gerente financeiro da rede, não descarta as receitas geradas pelo bar durante os dias de evento, lembrando que a entrada na sala é sempre gratuita. “Tem uma renda e é boa, é boa. Fica quase empatado com um dia normal de outra cidade que teve sessão”. Levy Filho diz que o coletivo sempre paga um valor

de aluguel para a utilização do espaço, mas que isso não impacta no orçamento geral da empresa que entende a realização do evento também como um investimento futuro.

Mas, cara, isso aí a gente só alivia para o mês, né? Não ajuda o ano, mas como falei a ideia era essa mesmo de fomentar a região toda. E desde o início eu falava. Quando o Nelson falou, eu também sempre fui a favor de intercâmbio cultural que é o que está acontecendo no festival. As pessoas vindo de outros estados e fazer essa amizade e essa troca de parceria, troca de serviço e troca de conhecimento. Ia chegar num certo ponto que não iria ficar só na mão da população (Roberto Levy Filho, 2020).

O intercâmbio cultural a que se refere Levy Filho começa a ser desenvolvido já no primeiro semestre de 2015, com a realização de nova oficina audiovisual, com foco na produção de documentários, além da criação do *Projeto Cinema Itinerante* que exhibe um recorte dos curtas-metragens selecionados da edição 2014 para quase 1.800 estudantes das redes pública e privada do município.



Figura 25: Montagem de jornais com cobertura do lançamento do projeto em junho de 2016.

O coletivo pretende manter a ocupação no cinema durante todo o ano e não somente na semana de realização do FCTP que acontece sempre em novembro. Com esse intuito nasce o projeto *#Cidade Cinematográfica*, lançado em junho de 2016 e que engloba oficinas de formação e um cineclube. Com 26 sessões, sempre às quartas-feiras, o cineclube contou com a presença de cineastas, artistas e intelectuais para debate após os filmes, com um público registrado de 1.170 pessoas em seu primeiro ano.

Com proposta bem diferente dos demais projetos apresentados como solução em anos anteriores como, por exemplo, o *Projeto 2000 Cultural* e o *Cine Globo Cultural*, o idealizador do *#Cidade Cinematográfica*⁷⁷, o cineasta gaúcho Henrique Lahude⁷⁸, não coloca o foco em trazer cultura de fora para a cidade ou somente em ocupar o espaço, mas em desenvolver talentos locais apostando na troca de experiência e conhecimento entre a comunidade e os profissionais convidados para ministrar as oficinas.

Tendo como trunfo o histórico cinema e o sucesso do festival, que caminhava para o terceiro ano, Lahude, que também é produtor audiovisual, consegue vencer o edital do Fundo de Apoio à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, o *#Cidade Cinematográfica* já inicia suas atividades com orçamento próprio, sem depender de recursos financeiros advindos da cidade e ainda podendo pagar o aluguel para a família Levy das sessões do cineclube que tem entrada gratuita para a população.

O projeto é baseado em três eixos: o cineclube com exibição de filmes nacionais, em sua maioria, seguido de debate e aberto à comunidade; as oficinas de alfabetização audiovisual, voltada para docentes e discentes, das escolas públicas do município; e a *Oficina Mãos à obra* que visa a produção de dois curtas-metragens com temática local.

A formação de professores é ponto estruturante na manutenção das atividades. As oficinas acabam, mas eles conseguem manter aquelas atividades independente da gente. Eles não são aquela galera de fora, eles estão ali sabendo muito mais a dinâmica de sala de aula, as dificuldades. Eles tem muito mais propriedades para trabalhar com o audiovisual do que a gente que não está, de certa forma, no ano letivo inteiro (Henrique Lahude, 2021).

Em 2014, apenas uma produção da cidade foi inscrita e exibida no festival, número que sobe para três no ano seguinte e dobra, chegando a seis, em 2016. Com hiato de um ano, a quarta edição acontece em 2018 e conta com 25 obras produzidas na região. Na edição mais recente, em novembro de 2019, esse número chega a marca de 33 curtas-metragens realizados, retratando cenários e histórias dos personagens tanto de Três Passos quanto de cidades vizinhas e que são exibidos na telão do Cine Globo com sessões lotadas.

A exibição dos curtas feitos por alunos ou feitos na Oficina Mãos à obra, é a sessão mais disputada do festival. É quando reúne todas as escolas, é quando tem mais vibração e entusiasmo ali dentro do cinema. Então, é muito rica essa diversidade e essa dinâmica que o festival cria que é fundamental para o *#Cidade Cinematográfica* funcionar. Acho que um complementa o outro. Essa estrutura de festival com formação de público e produção é um caminho que o festival tem acertado muito (Henrique Lahude, 2021).

⁷⁷ Fanpage do projeto: <<https://www.facebook.com/cidadecinematografica>>. Acesso em 30/06/2022.

⁷⁸ Entrevista concedida ao projeto *Curta Educação*, em 17/02/2021. Disponível em <<https://youtu.be/N6p5dHtzpC0>>. Acesso em 30/06/2022.

Professora aposentada, Vilma Levy ainda chegou a ver a entrada do digital na sala de aula, através de programas públicos que criaram as salas de informática, e entende ser natural a aproximação dos alunos com a tecnologia e aposta que ainda verá um cineasta surgir em Três Passos. Durante a exibição dos curtas escolares faz questão de acompanhar e conversar com alunos, professores e os pais das crianças. O que ouve é motivo de orgulho. “Eles estão vendo muitos trabalhos que foram feitos na escola deles, eles foram contemplados. Eles estão ansiosos: ‘Ah, o que eu vou fazer para o próximo ano’ ou ‘Eu que vou pensar no próximo filmezinho’.”, relata, mas destaca outro ponto importante dessa relação.

Ela veio feliz da vida porque o filho dela estava progredindo dentro da tecnologia. Porque ele queria isso e queria aquilo dos pais para ele poder fazer um filme. Ele via na escola o projeto que funcionava e em casa ele queria fazer um também para mostrar aos pais o que ele estava aprendendo. E não via a hora de ir para a escola no dia que a professora tinha marcado de fazer o projeto.

Então, diante de um depoimento de uma mãe que vê o entusiasmo de um aluno que foi contemplado, e foram algumas que a gente conversou, eles estão tendo também o apoio dos pais. E eles estão vendo também o crescimento do filho diante dessa cultura. Isso abre a cabeça da pessoa para vários campos e não só cinema. Mas a criança que começa desde cedo ela aprende ali desde matemática, cálculo, aprende a falar, aprende desde postura, a fotografia, enfim ela se prepara para a vida (Vilma Levy, 2020).

Se, no ano de 2017, problemas financeiros impedem a realização do que seria o quarto FCTP, o coletivo do Pró-Arte se mobiliza para não deixar o mês de novembro passar em branco. Contando com o apoio dos Levy e o do poder público municipal, o Cine Globo recebe a *1ª Mostra Estudantil de Audiovisual de Três Passos* que exhibe, entre os dias 8 e 9 de novembro, 31 curtas produzidos por estudantes, do ensino fundamental e médio, de escolas públicas de Três Passos e região, com estimativa de 850 pessoas presentes no evento.

Essa profícua produção vinda das escolas é fruto direto das ações realizadas pelo coletivo que, desde 2014, busca aproximar o ambiente escolar não só do Cine Globo, via festival e cineclube, como também das práticas audiovisuais, através de sucessivas oficinas gratuitas ofertadas anualmente para os professores e alunos. Síntese desse pensamento, com projeto consolidado, mas sem a verba do edital estadual, o *#Cidade Cinematográfica* retorna para o segundo ano de atividades sendo promovido por diversos atores locais como o poder público municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, do Movimento Pró-Arte e com o apoio da 21ª CRE⁷⁹.

Presença constante em todas as ações e oficinas ofertadas, desde a primeira em 2014, Deca Maria Krugel, professora da rede pública municipal, é entusiasta do projeto e inseriu o

⁷⁹ Coordenadoria Regional de Educação: <<https://educacao.rs.gov.br/21-cre-tres-passos>>. Acesso em 30/06/2022.

estudo de roteiro em suas aulas de Língua Portuguesa. Antes do FCTP, ela utilizava filmes em aula para debater temas, mas depois das oficinas passou a entender de outra forma o uso do audiovisual nas escolas.

O audiovisual nas escolas, em Três Passos, o marco é o Festival de Cinema. Os mentores do festival tiveram o que pra mim é uma ideia genial. Para ter uma significação o festival em Três Passos, que envolvesse a comunidade como um todo e não só para assistir, como também para produzir as suas histórias. E a formação que eles começaram a dar foi brilhante para abrir o horizonte das pessoas. Essa formação e o festival é uma maneira de provocar uma mudança em você. Você vai em busca de outras coisas também para despertar o interesse no teu aluno (Deca Maria Krugel, 2020).

Inspirada pelo *#Cidade Cinematográfica*, Deca criou, em 2016, o projeto *Aprendizagem em Movimento*, voltado para os estudantes do 8º e 9º Anos, com o objetivo de integrar a linguagem audiovisual ao ensino das disciplinas de Língua Portuguesa que ministra. Até o ano de 2021, Deca e os alunos haviam produzido 65 curtas, divididos entre animação, ficção e documentário e que estão disponíveis nos canais dos estudantes e da professora no *YouTube*.

E como o meu foco é a língua e o entrave de todo brasileiro é entender o que escreve então, você deve despertar esse gosto no aluno de ler diferentes gêneros e pensar em produzir. Então produzir roteiro e produzir cinema caiu como uma luva na minha aula. É leitura e escrita. Eu abracei com todos os meus braços (Deca Maria Krugel, 2020).

Além de garantir uma produção constante a ser exibida anualmente, durante as edições do FCTP, Deca e a direção da E. M. E. F. 25 de Julho contaram com o apoio do Cine Globo para realizar o *Dia da Família no Cinema*, em 13 de novembro, na semana seguinte ao término do festival, com exibição de todos os filmes produzidos na escola naquele período letivo.

Foi muito show, a família veio em peso e eu achei tão bonito porque eles se arrumaram e colocaram roupa de domingo. Para uma classe de trabalhadores o cinema também não é muito acessível. Porque assim: eles querem vir ao cinema, mas aí o filho quer um balde de pipoca, entendeu? E aí uma sessão fica muito cara para eles. Daí as crianças ficam enlouquecidas: “E não precisa pagar profê?”, “Não, não precisa pagar”. Eles também gostam, mas o fator econômico que pesa muito. Isso na minha visão (Deca Maria Krugel, 2020).

Como todas as atividades da indústria do audiovisual, as ações criadas em Três Passos foram impactadas devido à pandemia do coronavírus. O FCTP mais recente foi realizado em 2019 e existe a expectativa de que a sexta edição aconteça em novembro de 2023. O coletivo decidiu pela não realização do evento de forma online, já essa seria uma descaracterização do projeto original na sua umbilical relação com o Cine Globo.

As ações do #Cidade Cinematográfica tiveram uma formatação online, em 2021, mas com a sessão de encerramento do cineclube acontecendo de forma híbrida, em 7 de julho de 2021, com o filme sendo exibido pela internet e para a plateia presente no cinema. O projeto foi contemplado pelo Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas, realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº 14.017/20, e foi importante para evitar que o hiato na educação audiovisual, no município, fosse maior durante o período de confinamento e com aulas apenas no formato online. A pandemia interrompeu uma crescente nas ações que vinham se desenvolvendo, desde 2014, seja com os projetos consolidados como o festival de cinema, na quinta edição; as diversas oficinas de capacitação; o projeto #Cidade Cinematográfica, no ano 4; além da possibilidade de desenvolver outras edições da mostra estudantil e do *Dia da Família no Cinema*. O desafio é dar continuidade a esse trabalho.

Atraindo para o Cine Globo um público diferente daquele que normalmente frequenta as ações do Movimento Pró-Arte, o *Cine Rock*⁸⁰ terá sua sexta edição no dia 30 de julho de 2022. Criado em 2015, por um grupo de amigos, entre eles Levy Filho, o evento é programado para acontecer anualmente no mês de julho, em homenagem ao Dia Mundial do Rock, que foi instituído como sendo em 13 de julho, por rádios brasileiras, e procura dar visibilidade às bandas regionais.

Em 2020, André Blum esperava com ansiedade pela próxima edição, já que além do ganho em bilheteria, ao contrário do FCTP esse evento cobra uma taxa de entrada, o consumo no bar nas outras edições foi considerável. “Sim, nossa senhora. Não tem filme, mas como é uma festa em que várias bandas tocam, então vende bastante cerveja. Bastante pipoca, cerveja, refrigerante, água... Nossa Senhora! É uma noite bem lucrativa”.

Levy Filho, um dos idealizadores, diz não cobrar aluguel pelo uso do cinema e que mesmo assim o *Cine Rock* dá mais lucro do que o FCTP, só que para ele não existe comparação entre os dois.

Ele chega a faturar no bar quase 15 mil, só que bruto. Então, quase praticamente todos os produtos são 50%, então chega a sete mil e meio assim... Então ele dá mais do que o Festival de Cinema, só que pela venda de bebida alcoólica. Porque é intenso, são 12 horas de evento. Mas não se compara em questões de fomentar a arte, a sétima arte, é o festival.

O Cine Rock também traz as pessoas da região que às vezes não conhecia nem o cinema. Vem gente de Santa Rosa que não conhecia aqui, vem gente aqui da região de Redentora, de Bicaco, que é amigo das bandas, familiares das bandas, que nunca tinha botado os pés aqui. Acaba vindo, conhecendo e depois querendo voltar para ver um filme porque achou legal. E isso aí a gente já teve relatos (Roberto Levy Filho, 2020).

⁸⁰ Fanpage do Cine Rock: <<https://www.facebook.com/cinerocktp>>. Acesso em 30/06/2022.

Todas essas ações tinham o objetivo comum de tirar o marasmo que envolvia a cidade de Três Passos, como define Carlos Roberto Grün. “Eu achava que precisava fazer uma coisa efervescente dentro da cultura aqui. E o festival de cinema mexe com um monte de emoções, instiga as pessoas até a brigarem, né? Não entendem o filme e saem praguejando e vice-versa”. Grün é enfático quando perguntado se o festival fez o seu papel. “O objetivo principal do festival era trazer as pessoas de volta ao cinema e instigar nelas a vontade de fazer cinema. Acho que todos os objetivos foram alcançados, né? Tem essa piaçada aí fazendo cinema e as oficinas”. A relação de interdependência entre o Cine Globo e o festival é algo muito presente na fala de todos os entrevistados.

E o que atraiu muito o pessoal - e você também sabe disso, é o fato de ser um cinema de calçada, enorme, com um telão e não aquela coisa assim de cinema de *shopping* que é um cubículo. Eu imagino e sei da emoção de ver o filme num telão daqueles e com o som, né? Então o festival está reacendendo essas emoções do que o cinema propõe (Carlos Roberto Grün, 2020)

Opinião semelhante tem Juarez Braga Zamberlan, jornalista e integrante do coletivo do Pró-Arte, que entende o FCTP e o *Cine Rock* como eventos mobilizadores capazes de reconectar público distintos, mas vindos de toda a região, com o Cine Globo. Zamberlan acredita que o caminho ainda está no início e que os projetos são de longo prazo porque será preciso formar uma audiência específica.

Não é como sair de casa, ir ao shopping, passear, fazer umas comprinhas e depois ir ao cinema. Aqui você tem essa experiência... Se você vai ao cinema porque você vai ao cinema. Você decidiu sair de casa pra ir ao cinema. Você não vai lá no bar, na frente do cinema, no hall de entrada.

Não é um bar na acepção e tal, é um local de recepção, até tem esses produtos digamos assim semelhantes a um bar, mas não funciona como bar, não funciona como restaurante, não funciona como nada disso, é uma sala de espera para o evento principal chamado filme, cinema. Então, é essa decisão de sair de casa com a família, com os filhos, com a namorada, com a esposa, ou sozinho e assistir filme (Juarez Braga Zamberlan, 2020).

Formar sempre uma nova leva de cinéfilos é o único caminho? Evaldino Schmitt, frequentador assíduo, entre as décadas de 1960 e 1970, retornou ao Cine Globo para acompanhar os curtas-metragens no festival, que para ele conseguem passar a mensagem de forma mais interessante do que os filmes em cartaz atualmente. “Hoje isso daí é uma loucura. Se tem filme com tiroteio, os caras dão trinta mil tiros em meia-hora. Não acaba a bala. Então não sei, pra mim não atrai muito esse tipo de filme”, diz rindo, mas sempre torcendo pela longevidade do cinema.

Mas eu tenho a impressão que o Maninho está no caminho certo. Eles têm filme mais pra jovem mesmo. E eu acho que é por aí. Incentivando a juventude. Eu tenho percebido... Às vezes eu passo aí e tem as escolas, eles fazem trabalho com as escolas. Tu tem que despertar... é igual a leitura, tem que despertar para a leitura senão tu não vai ler. É cansativo, isso e tudo. E o cinema é a mesma coisa. Se tu não desperta pra ele, não tem um incentivo pra vir aí não vai, né? Eu acho que nisso aí ele está no caminho certo. Tomara que vá... Que tenha consequência isso aí para que vá ao menos mais 50 anos (Evaldino Schmitt, 2020).

Se depender apenas da família Levy e dos esforços de coletivos como o Pró-Arte, é possível que o Cine Globo chegue até 2070, como deseja Schmitt. O processo de sobrevivência de um equipamento cultural é cercado de variáveis que mudam caso a caso, mas os moradores de Três Passos criaram estratégias para estarem juntos, vendo filmes e se vendo na tela, debatendo, trocando experiências com artistas e realizadores de outras regiões do Brasil. Ações que não estão formando só novas plateias para o cinema, mas também novas memórias que serão compartilhadas por futuras gerações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros passos desta pesquisa, que nasceu na elaboração do pré-projeto para o processo seletivo de admissão no mestrado do PPGCine-UFF, que o objetivo principal é estudar um cinema que resiste. No entanto, a análise resultante da leitura dos documentos de arquivo e da transcrição das entrevistas, além do que foi mapeado durante a observação participante, é construída em momentos de incertezas sobre o futuro do Cine Globo, em Três Passos, devido aos efeitos do longo período de enfrentamento da pandemia Covid-19. Isso não pode ser desconsiderado, já que permite ao autor outra aproximação com o objeto, e com atores envolvidos no estudo, que é a de compartilhar o sentimento de uma possível perda. Se o cinema não reabrisse, em 2021, e se não estivesse funcionando atualmente, tanto a análise dos materiais quanto a redação final desta dissertação teriam que ser drasticamente modificadas. Seria necessário repensar e refazer o próprio objetivo principal da pesquisa.

Sendo assim, é interessante voltar até 2019, onde existia uma euforia visível em todos os atores do processo. Os integrantes do Movimento Pró-Arte arquitetavam o 6º FCTP, já para a sequência, em 2020; Henrique Lahude avaliava os resultados do *#Cidade Cinematográfica* e da oficina *Mãos à obra*, com o intuito de reapresentar os projetos nos editais estaduais; a professora Deca Maria, idealizadora do *Aprendizagens em Movimento*, já pensava em outro *Dia da Família no Cinema*, além de ter mais de quinze roteiros de estudantes prontos para serem filmados; Levy Filho, apostando na expansão da rede, acreditava que o pior tinha passado e que o momento era de estabilidade, além de fazer planos para levar o festival de cinema e o *Cine Rock* para as demais cidades com salas da família, ou seja, a produção cultural em Três Passos atinge o ápice e apontava para o futuro.

Diante do lento caminho de retomada e reconstrução, a ser percorrido a partir de 2022, conhecer as estratégias de resistência e as ações, planejadas ou não, que levaram à permanência do Cine Globo se faz ainda mais necessário. Mas existe a fórmula mágica? É possível encontrar uma resposta simples e direta que explique a longevidade desse cinema?

Ao ser questionado sobre as dificuldades de gestão, Gilberto Levy, irmão e sócio de Roberto no negócio fundado pelo pai, diz que sim. “A investigação é bem simples, entendeu? É que na época da construção do cinema, digamos assim, nos idos de 1956, de 1957, que começou mesmo a tocar o cinema, naquela época não tinha televisão, nem VHS, correto?”. Para Gilberto, a concorrência entre as mídias sempre foi a maior dificuldade, mas ao falar

sobre as decisões de não vender o prédio a voz embarga. “Sabe por quê? Por amor do meu pai ao tipo de coisa que ele sempre quis na vida dele, que é o cinema”.

Se não podemos mensurar o amor a alguma coisa, podemos, ao menos, tentar materializar esse sentimento. A construção do edifício, em terreno de propriedade da família, e com a atividade principal voltada para a exibição cinematográfica é de vital importância para a resistência do Cine Globo. Mesmo em momentos em que estava fechado, o fato de não gerar dividendos com aluguel permitiu que os Levy esperassem até que as crises financeiras atenuassem, adiando mais uma vez a decisão de vender o terreno ou o prédio. A continuidade do cinema no mesmo local, ao longo de gerações, estabelece com os moradores uma identificação, criando um marco visível nas ruas de Três Passos. Assim, esse “espaço do sonho”, essa “caixa-mágica” (VIEIRA e PEREIRA, 1982) se instala no imaginário cultural três-passeense estabelecendo uma relação afetiva com quem no futuro irá lutar pela continuidade da atividade cinematográfica na cidade (FERRAZ, 2017a).

O projeto original do Cine Globo já apostava na diversificação do espaço para além da exibição de filmes e, mesmo não tendo sido executado em sua totalidade, ainda possibilitou duas fontes de renda imediatas com o bar e o aluguel da sala no segundo andar. Em tempos mais recentes, o salão frontal, reformado e o alugado, gerou receitas por 17 anos. A liberdade para fazer alterações e reformas, externas e internas, possibilitou o aumento do palco, na década de 1990, e a instalação dos painéis solares no telhado, em 2019. Sendo uma atividade comercial, a gestão visa, obviamente, o lucro, mas sem ter a posse do prédio, seria muito difícil para os Levy atenderem ao desejo do patriarca e não se desfazer do cinema.

Histórias como essa aconteceram em quase todas as cidades pelo interior do Brasil, mas são pouquíssimos os cinemas que chegaram até os dias de hoje e, dentre eles, o Cine Globo é único em sua singularidade de pertencer à mesma família, por mais de setenta anos e não ter tido patrocínio estatal ou privado para sua manutenção. Durante a pesquisa nos deparamos com salas e gestões similares, em municípios vizinhos, e que foram transformadas em supermercados ou templos religiosos. As três gerações dos Levy, que administraram o cinema, lançaram mão de inúmeras estratégias comerciais, empréstimos bancários, venda de bens da família, aporte financeiro pessoal e buscaram a diversificação do negócio para além do setor cinema, como mostra o exemplo recente da criação da marca própria de pipocas e que são vendidas em supermercados da região.

Então, a gestão familiar focada em resolver os problemas financeiros, sem considerar a venda do imóvel e a mudança no ramo comercial como opções válidas, pode ser outra questão determinante para essa longevidade. A frase de Abraão repercute até hoje: “Eu construí isso

aqui para ser cinema, não pode ser outra coisa”. Matriarca da família e sócia na empresa gestora, Vilma Levy afirma que não vende o cinema, respeitando o desejo de Roberto.

Pelo contrato social, as salas só podem ser vendidas com a assinatura dos dois sócios. O outro sócio, Levy Filho, não pensa em fechar e sim em construir. A filial em Ijuí, sexta do grupo, segue em obras mesmo com os atrasos, devido aos problemas inerentes à Covid-19. O impulso financeiro para a empreitada vem do lucro das outras praças que ganharam fôlego com a chegada da projeção Digital e os filmes em 3D – mesmo que hoje esse sistema esteja inoperante por uma questão de segurança com a higienização dos óculos, precaução para evitar o contágio do coronavírus.

Desde 2015 operando com a projeção Digital, o Cine Globo se tornou viável economicamente devido à maior oferta de filmes, à possibilidade de acompanhar os lançamentos mundiais, à simplificação na operação em relação à película e à atração dos filmes em 3D junto ao público da região. As políticas públicas, em âmbito federal, voltadas para o setor, especificamente durante a passagem da película ao digital, com o empréstimo de longo prazo feito pelo BNDES e o acompanhamento da Ancine, permitiram que os Levy equipassem três salas com a projeção Digital e 3D, em 2015. A introdução da energia solar, que irá praticamente zerar os gastos com energia elétrica nos próximos anos, é outra variável importante a ser considerada. Mesmo não tendo o lucro das outras filiais, o Cine Globo de Três Passos consegue empatar as despesas ou não gerar prejuízo considerável para a rede.

Dentre as estratégias utilizadas pela família ao longo dos anos, duas são recorrentes. A proximidade entre a gestão e as escolas, da cidade e da região, garante um fluxo de caixa a curto prazo, com as sessões especiais pela parte da manhã, e de médio e longo prazo, com a formação continuada de plateia. Mesmo com as dificuldades impostas pela Lei 13.019, que limita a relação entre o poder público e entidades privadas, as prefeituras e secretarias de educação municipais são importantes aliadas nesse processo.

Outra estratégia desenvolvida por Roberto, e que tem sequência nos dias atuais, é a formação de uma rede de salas em municípios com características diferentes. Em Santa Rosa e Palmeira das Missões, a parceria público-privado para a exploração do espaço, em edifício da prefeitura, vem se mostrando benéfica para os dois lados. Levy Filho adapta a ideia de expansão e soma elementos novos como a instalação num centro comercial, em Cruz Alta, e apostando na modernização de um edifício alugado, em Frederico Westphalen, como o primeiro Cine Globo, de Júlio Bertin. Aliás, gerar a identificação com o público através do nome Cine Globo, como um selo de qualidade na gestão de cinemas, foi outro acerto do empresário que agora pode usar a marca em pipocas ou sanduíches – esta uma aposta futura.

Nesse longo caminho, os Levy nem sempre estiveram sozinhos em sua luta para manter o cinema em Três Passos funcionando. As iniciativas criadas pelo Movimento Pró-Arte, na década de 1990, um momento crucial de crise financeira na família, se não resolveram todos os problemas, ao menos, fizeram a década passar mais rápido. O aluguel do espaço para a formatura das escolas, para eventos da prefeitura e da faculdade também foram fonte de renda, entre os anos 1980 e 2000, mas curiosamente o maior impacto dessas ações começa justamente quando da passagem da película ao digital, entre 2014 e 2015.

O sucesso do *1º Festival de Cinema de Três Passos*, em 2014, e as diversas atividades que vieram nos anos seguintes, serviram como um sinal para os Levy, como uma mensagem clara de que agora eles não estarão mais sozinhos. O engajamento de personagens vindos de fora, tão sonhado por Nelson Brauwiers e Carlos Roberto Grün, e esperado por Levy Filho, rendeu projetos como o *#Cidade Cinematográfica* e a *Oficina Mãos à obra*. Se no primeiro festival apenas dois cineastas, e do Rio de Janeiro, compareceram à cidade, nas últimas edições mais de oitenta artistas, entre cineastas, produtores, atores, fotógrafos, montadores e críticos, vindos tanto de Porto Alegre quanto de vários lugares do Brasil, estiveram circulando pela cidade e interagindo com a população, na semana do festival. Em 2019, o primeiro cineasta estrangeiro, Jürgen Ellinghaus, vindo da França, a terra dos irmãos Lumière, se mostrou encantado com o que experimentou e prometeu voltar. Uma rede colaborativa que constrói alianças improváveis em torno do amor ao cinema.

Novamente, sem conseguir medir esse amor, apelamos agora para uma ciência exata, para a matemática. Em 2014, apenas um filme da cidade esteve presente no festival, mas, em 2019, foram 33 curtas-metragens, retratando cenários e histórias de personalidades locais, tanto de Três Passos quanto de cidades vizinhas, exibidos no telão do Cine Globo, com sessões lotadas. As turmas formadas, ano após ano, pelos projetos criados por Henrique Lahude, em parceria com o coletivo do Pró-Arte, possibilitam não só essas produções como o desenvolvimento de novas ações. Uma dessas ações é capitaneada pela professora Deca Maria que idealiza o *Aprendizagens em Movimento*, como forma de abordar o audiovisual em sala de aula. Para dar vazão a essa produção estudantil, Deca planeja o seu próprio festival: o *Dia da Família no Cinema*, inspirado na *1ª Mostra Estudantil de Audiovisual de Três Passos*.

São conexões que foram parcialmente interrompidas pela pandemia, entre 2020 e 2021, mas que estão retomando as atividades neste ano. O coletivo Pró-Arte está em tratativas com o poder público municipal para a realização do 6º FCTP, em 2023; a professora (e agora cineasta) Deca Maria já está com uma nova leva de curtas, produzidos por ela e pelos alunos, a serem exibidos no Cine Globo; Henrique Lahude prepara projetos para os editais da Lei Aldir

Blanc 2 e da Lei Paulo Gustavo, recém aprovadas no Congresso Federal; o coletivo responsável pelo *Cine Rock* fará a 6ª edição, em julho de 2022; e Levy Filho planeja abrir outra filial da rede e, enquanto isso, o Cine Globo de Três Passos segue aberto.

Como um totem erguido no meio da cidade, o Cine Globo agrega diferentes públicos, através de gerações, alimentando e se realimentando dessas manifestações culturais. As relações entre o cinema e seu público foram alteradas desde 2014. Atualmente, Nelson Brauwiers e Carlos Roberto Grün podem acionar suas memórias tanto no papel de cinéfilos quanto de cineastas, já que exibiram suas obras no telão do Cine Globo. Assim como os dois idealizadores do FCTP, dezenas de crianças, jovens e adultos puderam viver essa dualidade de serem espectadores e também realizadores do que é projetado na tela mágica do cinema. Como isso irá impactar o futuro da exibição cinematográfica na cidade? Só o tempo dirá.

Esta pesquisa tinha o propósito de compreender a longa trajetória de um cinema e sua relação com a comunidade que o cerca. Algumas questões foram respondidas e tantas outras carecem de uma análise mais aprofundada e um tempo maior de trabalho de campo. Por mais que nossos esforços tentassem dar conta dos setenta anos de história, diversas lacunas seguem abertas. Quem foi Júlio Bertin? Quantos cinemas ele abriu ao longo da vida? Júlio continuou no ramo da exibição cinematográfica, em Três de Maio? Quantos cinemas os Levy gerenciaram entre as décadas de 1950 e 1980? Como essa rede era formada e conduzida numa época sem internet? Como os filmes chegavam até Três Passos, nos primeiros anos de atividade? Como se dava a escolha dos títulos a serem exibidos? Quanto tempo esses filmes deveriam ficar em cartaz? Como era a relação entre os exibidores do interior e as grandes companhias distribuidoras da capital? Como se dava (se dá) a relação entre pequenos exibidores da região? Quais critérios são considerados pelos Levy ao escolherem uma cidade para instalar um cinema? Qual o impacto da publicidade de empresas locais no faturamento dos cinemas? Como é feito o treinamento dos funcionários? Como a gestão equaciona problemas em cinemas instalados num raio de até 160 quilômetros da sede?

Essas e tantas outras questões foram surgindo durante o processo de análise do material captado no trabalho de campo, realizado entre janeiro e fevereiro de 2020. No escopo desta dissertação não foi possível avançar em direção a essas respostas, por mais interessante que fosse esse caminho. Preencher os hiatos que cercam a história do Cine Globo já exigiu demasiada atenção, mas, quem sabe, no futuro, esse caminho possa ser trilhado. Por enquanto, este trabalho, que consolida quase quatro anos de pesquisa, se dá por encerrado em sua busca por materializar um sentimento: o amor ao cinema. Algo intangível e imensurável, mas que foi fundamental para a resistência do Cine Globo de Três Passos.

6. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, R. “Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa na memória social”. In: Gondar, J. e Dodebei, V. (org.) O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALLEN, Robert C.; GOMERY, Douglas. Film History: Theory and Practice. New York: Knopf, 1985.
- ALLEN, Robert C. “From Exhibition to Reception: Reflections on the Audience in Film History.” Screen (London) 31.4 (1990): 347–356.
- BENDASSOLLI, Pedro F., et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. In RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 49, n.1, jan./mar. 2009.
- BESSA, Márcia. Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro. Tese: doutorado (UNIRIO). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2013.
- BESSA, Márcia; OLIVEIRA, Wilson Filho. Nas ruas dos cinemas, cinemas nas ruas, cinemas de rua: a cidade como uma questão cinematográfica, Ponto Urbe (USP), v.15, p.1-21, 2014.
- BERGMANN, M. L.; LEDERMANN, M. As salas de cinema na mesorregião noroeste Rio-Grandense: um estudo para potencializá-las. In: TERNES, A. R. L.; KRAEMER, M. A. D. (Org.). Aportes do V Simpósio Iberoamericano em comércio internacional, desenvolvimento e integração regional. Santa Rosa: FEMA, 2013, cap. 2, p. 85-93.
- CASTRO, Rui. Um filme é para sempre: 60 artigos sobre cinema. Org.: Heloisa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. ‘Arquivos pessoais são arquivos’, in Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Vol. 45, fasc. 2, p. 27-39, julho/dezembro 2009.
- CAMINHA, J. V. Botafogo e sua evolução urbana: um retrospecto. In: 14º Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013, Lima. Anales del XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina - Peru 2013. Lima: Unión Geográfica Internacional, Peru, 2013. v. 1.
- CRARY, Jonathan. Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DOS SANTOS, Magda Guadalupe. O desafios da 'escrita por encomenda' e o esforço de desmitificação no pensamento de Simone de Beauvoir. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 56, p. 1, 2019.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educar em Revista, [S.l.], v. 20, n. 24, p. 213-225, dez. 2004.
- DURST, Rogério. Geração Paissandu. Rio de Janeiro: Prefeitura, 1996.

- ELSAESSER, Thomas. Cinema como arqueologia das mídias. São Paulo: Sesc, 2018.
- FERRAZ, Talitha. A segunda Cinelândia carioca. Rio de Janeiro: Mórula, 2012.
- FERRAZ, Talitha. Os lugares dos cinemas no subúrbio carioca da Leopoldina: falências, usos e destinos da sala de exibição. Contemporânea (UFBA. Online), v. 13, n.1, 2015 p. 193-209, 2015.
- FERRAZ, Talitha. Usos e instrumentalizações da memória em reabertura de antigos cinemas: De Roma, um caso belga. Contracampo, Niterói, v. 35, n. 03, dez.2016/ mar.2017, p. 164-186, 2016.
- FERRAZ, Talitha. A memória da ida ao cinema e a mobilização das audiências no caso do Cine Belas Artes. In: 26º Encontro Nacional da Compós, 2017a, São Paulo. *Anais...*
- FERRAZ, Talitha. As potências da “nostalgia ativa” na luta pela salvaguarda do Cine Vaz Lobo. Revista ECO-Pós, v. 20, n.3, p. 111-133, dez. 2017b.
- FERRAZ, Talitha. Narrativas da impermanência: história, memória e nostalgia em filmes sobre cinemas. In: Rafael Tassi; Sandra Fischer. (Org.). Espacialidades e Narrativas Audiovisuais. 1ed. Curitiba: Appris, v. 1, 2019.
- FERRAZ, Talitha. Casulos, história de cinema e sentido de coletividade em meio à Covid-19. Revista Exibidor, Edição online, 03 de junho de 2020.
<<https://www.exibidor.com.br/artigo/95-casulos-historia-do-cinema-e-sentido-de-coletividade-em-meio-a-covid-19>>
- FREIRE, Rafael de Luna; TORRES, Rodrigo Rodrigues. A conversão para a projeção cinematográfica digital: Estudo de caso de três cinemas do Rio de Janeiro. Cambiassú (UFMA), v. 19, p. 166-183, 2011.
- FREIRE, Rafael de Luna. Cinematographo em Nitheroy: história das salas de cinema de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 2012.
- FREIRE, Rafael de Luna; ZAPATA, Natasha Hernandez Almeida. Quantas salas de cinema existiram no Brasil? Reflexões sobre a dimensão e características do circuito exibidor brasileiro. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 44, n. 48, p. 176-201, 2017.
- GAUDREULT, André. O fim do cinema? Uma mídia em crise na era digital / André Gaudreault, Philippe Marion; tradução Christian Pierre Kasper. - Campinas, SP Papirus. 2016. - (Coleção Campo Imagèbco/Coordenação Femão Pessoa Ramos)
- GATTI, André Piero. Distribuição e exibição na indústria cinematográfica brasileira (1993-2003) / André Piero Gatti. - Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- GATTI, André Piero. A exibição cinematográfica: ontem, hoje e amanhã [recurso eletrônico] / André Piero Gatti - São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007. 80 p. em PDF - (cadernos de pesquisa; v.8).
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.

GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Funarte; Record, 1996.

GONÇALVES CABRERA, L. M.; BRANDÃO, R.; EBERT, S. Mapeamento das pesquisas sobre salas de cinema nos cursos de pós-graduação stricto sensu do Estado do Rio de Janeiro. Faces da História, v. 9, n. 1, p. 196-219, 27 jun. 2022.

GRAFFITTI, Luis Gustavo. Três Passos: colonização e imigração. Ijuí: (s/n). 2004.

LOPES, L. S. A indústria criativa e a evolução da distribuição das salas de exibição cinematográfica nos municípios do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais) - Universidade La Salle - Canoas. 2014.

MALTBY, Richard. New Cinema Histories. In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS, Philippe (orgs.). Explorations in New Cinema History: approaches and case studies. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

NIEMEYER, Katharina. “O poder da nostalgia”. In: SANTA CRUZ, Lucia. e FERAZ, Talitha. (Orgs.) Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez., p. 07 – 28, 1993.

RODRIGUES, Jaime. Senador Vergueiro, 35, o endereço de uma geração. In Filme Cultura 47, p.98-99, Rio de Janeiro: Embrafilme, agosto-1986.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 22 no. 63, p.153-155, 2006.

VAZ, Toninho. O rei do cinema. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VIEIRA, João Luiz; PEREIRA, Margareth Campos da Silva. Espaços do sonho: arquitetura dos cinemas no Rio de Janeiro 1920-1950. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1982.

VIEIRA, João Luiz. Prefácio. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan (orgs.). Histórias de cinemas de rua em Minas Gerais. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/12/HISTORIA-DE-CINEMA.pdf>

VOLDMAN, Danièle. “A invenção do depoimento oral”, In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, pp. 247-265, 2006.

ZANELLA, Cristiano. The end: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005). Porto Alegre: Ideias a Granel, 2006.

7. CRÉDITO DAS FIGURAS E FOTOGRAFIAS

Figura 01: Michéli de Quadros (arquivo pessoal)

Figura 02: Carlos Roberto Grün (Fanpage @cineglobofilme)

Figura 03: Reprodução do arquivo público da Prefeitura de Três Passos

Figura 04: Reprodução do arquivo público da Prefeitura de Três Passos

Figura 05: Christian Jafas (trabalho de campo)

Figura 06: Reprodução do jornal *Atualidades* (arquivo do Movimento Pró-Arte)

Figura 07: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo do jornal)

Figura 08: Sem autor (arquivo do Cine Globo)

Figura 09: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo pessoal de Roberto Levy)

Figura 10: Sem autor (arquivo do Cine Globo)

Figura 11: Sem autor (arquivo do Cine Globo)

Figura 12: Sem autor (arquivo do Cine Globo)

Figura 13: Carlos Roberto Grün (arquivo pessoal)

Figura 14: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo pessoal de Roberto Levy)

Figura 15: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo do jornal)

Figura 16: Reprodução do jornal *Atualidades* (arquivo pessoal de Roberto Levy)

Figura 17: KUBO Arquitetura e Construção (Fanpage @cinegloboijui)

Figura 18: Carlos Roberto Grün (arquivo pessoal)

Figura 19: Sem autor (arquivo do Cine Globo)

Figura 20: Sem autor (arquivo do Movimento Pró-Arte)

Figura 21: Carlos Roberto Grün (arquivo pessoal)

Figura 22: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo do jornal)

Figura 23: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo do jornal)

Figura 24: Reprodução do jornal *Atos e Fatos* (arquivo pessoal de Roberto Levy)

Figura 25: Henrique Lahude (Fanpage @cidadecinematografica)